

Ano XVIII — N.º 194

JANEIRO-MARÇO, 1950

REVISTA
DO ENSINO

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

PUBLICADA PELO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

SUMÁRIO

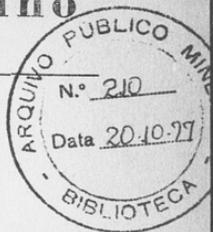
REDAÇÃO: — *Curso de Férias de 1950; Serviço de Seleção e Orientação Profissional, noticiário.* — **COLABORAÇÃO:** — *Método e espírito geográfico na obra de Euclides da Cunha, professor José Veríssimo da Costa Pereira. — À margem do Curso de Férias, Manuel Casassanta.* — **FATOS À MARGEM DA VIDA ESCOLAR,** noticiário. — **EDUCAÇÃO SANITÁRIA:** — *Conclusões do Primeiro Congresso Internacional do B. C. G., do S.P.E.S. de Minas Gerais. — Programa em experiência, 1.º ano, reedição.*

BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

Revista do Ensino

Da Secretaria da Educação

Curso de férias de 1950



Despertando interesse sempre crescente e assinalado por um entusiasmo que se constituiu a mais eloqüente comprovação do êxito da iniciativa que o magistério mineiro fica a dever ao Governo Milton Campos, em prol de sua cultura e eficiência, realizou-se nos meses de janeiro e fevereiro o Curso de Férias de 1950.

Os dados estatísticos que a seguir publicamos são um índice altamente expressivo do seu aproveitamento.

Matrícula Geral — 911, assim distribuída: Professores de Escolas Normais e Ginásios Oficiais do Interior, 124; Professores Primários do interior, 174; Professoras Primárias da Capital, 158; Professores de Estabelecimentos particulares e pessoas interessadas, da Capital, 409; Professores de Estabelecimentos particulares e pessoas interessadas, do interior, 46.

NOTA: 42 do interior de Minas, 1 do Distrito Federal, 2 do Estado do Rio e uma do Estado de Goiás.

CURSOS

Português, 72 alunos; Metodologia, 51 alunos; Geografia 59 alunos; História, 59 alunos; Francês, 34 alunos; Latina, 13 alunos; Inglês, 25 alunos; Matemática, 42 alunos; Ciências Naturais, 26 alunos; Física, 26 alunos; Química, 26 alunos; Biologia, 28 alunos.

JORNALISMO

Jornalismo pròpriamente dito, 45 alunos; Biblioteconomia, 105 alunos.

OUTROS CURSOS

Estatística, atividades extra-curriculares, Filosofia e Técnica de Elaboração e Avaliação de testes, 110 alunos.
Fundamentos de educação Pré-Primária, 50 alunos.

CURSO PARA PROFESSORES PRIMÁRIOS
COMPREENDENDO AS SEGUINTE MATÉRIAS

Matemática, Português, Geografia, História e Ciências Naturais, 330 alunos.

O CURSO POR AULAS

Aulas dadas — 719; Curso Pré-Primário — 4 aulas; Psicologia, Dr. Mira y Lopez — 10 aulas; Sociologia, Prof. Antônio Cândido — 8 aulas.

Professores que lecionaram no curso — da Capital — 27.

Professores que lecionaram no curso — vindos do Rio de São Paulo — 17.

Excursões realizadas: Curso de Estatística — 2; Curso de Geografia e História — 3; Curso de Ciências Naturais — 8. Uma excursão a Ouro Preto.

Durante todo o Curso realizaram-se sessões de cinema educativo.

RESUMO DAS MATRÍCULAS

1947 — 73; 1948 — 425; 1949 — 506; 1950 — 911.

Serviço de Seleção e orientação profissional

Por ocasião da solenidade de instalação do Serviço de Seleção e Orientação Profissional, que se realizou a 15 de fevereiro, com a presença do Exmo. Sr. Dr. Milton Soares Campos, Governador do Estado, representantes de todos os setores governamentais e altas autoridades do ensino; dos grandes valores da cultura pedagógica brasileira que vieram a Minas trazer a sua colaboração ao Curso de Férias de 1950; de destacadas figuras do magistério primário, secundário e superior, coube ao Dr. Abgar Renault, Secretário da Educação e preclaro idealizador do novo órgão de ensino mineiro, historiar a sua criação e prognosticar a sua influência decisiva no progresso cultural de Minas e do Brasil, o que S. Excia. fêz pronunciando o seguinte discurso:

“Este Serviço de Orientação e Seleção Profissional, que é o primeiro de natureza oficial que se inaugura no Brasil, o primeiro — oficial ou não — que se instala em um estabelecimento de ensino para melhor servir aos propósitos da educação, tem um passado recente. Há menos de um ano, em abril de 1949, V. Excia. por meu intermédio, incumbia o professor Emilio Mira y Lopez de organizá-lo, anexo ao laboratório de psicologia do Instituto de Educação. Graças à boa vontade do meu caro amigo Dr. Luiz Simões Lopes, ilustre Presidente da Fundação Getúlio Vargas, a quem o Estado de Minas deve o precioso obséquio de haver-lhe cedido uma semana em cada mês do tempo integral daquele eminente professor, os estudos foram iniciados. Sem êsse auxílio o empreendimento haveria sido impossível.

A dificuldade maior estava, como esperávamos, na obtenção de pessoal capaz, não de realizar as tarefas especiais

que lhe seriam atribuídas, senão de preparar-se para, em tempo hábil, delas desincumbir-se eficazmente. Tudo mais, inclusive a questão sempre aflitiva de recursos orçamentários, cedia passo ao problema radical da escolha de elementos humanos. Esses elementos foram escolhidos pelo professor Mira y Lopez, depois de longas e reiteradas conferências com cada um dos candidatos, que eram numerosos. Em nenhum caso o Governo interveio, sendo de assinalar que o único candidato cujo nome foi enviado por V. Excia. para exame não pôde, nos exatos termos das instruções de V. Excia., ser aproveitado porque as suas aptidões não se coadunavam com nenhum dos gêneros de trabalho que aqui se desenvolveriam.

Foram necessárias estas providências iniciais:

- 1 — estudo para fixação dos valores de aptidão média;
- 2 — sua distribuição pela população escolar;
- 3 — para tais efeitos, escolha de "amostra" representativa dessa população e estudo da distribuição das aptidões profissionais, das vocações e dos interesses em relação com o trabalho e das capacidades de aprendizagem, após exame de 600 alunos de grupos escolares desta Capital, das idades de 11, 12 e 13 anos, nos quais foram realizados 600 exames médios e aplicados 9.000 *tests*, além de haverem sido levadas a efeito 600 entrevistas por assistentes sociais;
- 4 — padronização, afinal, com esses dados, dos critérios de avaliação para cada caso concreto.

A essa altura, já se evidenciara a necessidade imperativa de trazer de fora do Estado um especialista para a direção do serviço, e V. Excia., me autorizou a contratar o Dr. Syncha Schwarzstein, professor diplomado pela Universidade de Genebra, que me fôra sugerido pelo professor Mira y Lopez.

Trabalhando intensamente com o grupo e auxiliares escolhidos por esse professor ou por ele próprio, o Dr. Schwarzstein logrou, em exiguo período de tempo, prepará-los para as suas funções — o que só foi possível em virtude da seriedade dos critérios adotados para a seleção de cada um — e pôr o novo serviço em condições de eficaz funcionamento e com a despesa anual de apenas Cr\$ 342.000,00.

Pela primeira vez em nosso Estado e provavelmente em todo o País, a matrícula de candidatos nos vários cursos de que se compõem, nos termos da lei orgânica do ensino normal, os Institutos de Educação, obedecerão não somente a critérios de pura escolaridade, senão também a *tests* psicológicos. Nesta conformidade, em portaria hoje assinada determinei que, após os exames de saúde, que constituem o primeiro processo eliminatório e devem ser realizados com extremo rigor, quer por motivo de ordem pessoal, quer por motivo de ordem estatal ou social, (neste ano foram apurados 36% de casos de saúde abaixo da média desejável), sejam submetidos a "tests" de inteligência, de personalidade, de interesse pelo magistério e quando fôr o caso, de conhecimentos dessa profissão, os candidatos ao ingresso no curso de formação, no de educação pré-primária, no de administração escolar e no de biblioteconomia, bem como os candidatos à inscrição nas provas de habilitação para professores de educação física e de trabalhos manuais, desenho e modelagem.

Esta providência produzirá o efeito de uma pressão de baixo para cima no nível de qualidade e eficácia do nosso ensino pré-primário, cujo pessoal docente já começou o governo de V. Excia. a preparar no ano passado e do nosso ensino primário, que se não chegara, graças ao devotamento do magistério mineiro, a decair de modo geral dos créditos de confiança que sempre mereceu, se havia, entretanto, imobilizado na perigosa inércia das águas sem movimento.

Mas a educação é um processo circular cujo ciclo de repercussões não se fecha sem abranger tôdas as áreas sociais. Ao lado das vantagens que nascerão dentro do próprio organismo sistemático da educação, poderão ser colhidos neste Serviço numerosos benefícios para a administração geral, quer pública, quer particular, na seleção adequada de pessoal apto para as funções que tiver de exercer no meio social. Assim, a Secretaria da Educação já ofereceu ao Exmo. Sr. Chefe de Polícia os seus préstimos para a aplicação de "tests" psicológicos aos candidatos aos lugares de investigador, de guarda-civil e de inspetor de veículos e a quantos requererem carteira de habilitação para dirigir veículo de qualquer tipo.

Eis outro serviço da maior relevância social que, provavelmente, será também o primeiro desta natureza a ser empreendido em nosso País. Por seu turno a seleção de pessoal para os quadros do funcionalismo público civil em geral encontrará aqui, dentro em pouco, os instrumentos de que carece. Numa época em que os serviços públicos têm como nota enfática o sentido técnico, já ultrapassou o limiar de tolerância o ôco regime de "amadorismo", com a sua técnica de "mais ou menos", com as suas adivinhações, as suas invenções improvisadas, as suas fórmulas em que apenas o bom senso funciona, como se bom senso — a que os americanos chamam pitorescamente *horse sense* — não fosse apenas uma forma esporular da inteligência, indispensável, é certo, mas tão insuficiente em si e por si que impeliu um homem como Thier a não acreditar que da secção obliqua de um cone resulte uma elipse e Lavoisier a negar a queda de aerólitos pela razão, aparentemente inelutável, de que não há pedras no céu...

As organizações industriais ou comerciais poderão também, mais tarde, socorrer-se dos conselhos deste Serviço para seleccionar os mais capazes dentre os candidatos a postos vagos. Para este efeito, já se iniciou o levantamento das possibilidades do mercado de trabalho em nosso Estado.

Dos dois objetivos que compõem o Serviço de Orientação e Seleção Profissional é difícil assinalar o mais importante, mas é imperativo discriminá-los nitidamente.

A necessidade da orientação profissional funda-se em que a atividade profissional assume formas variadas e específicas, às quais correspondem aptidões também variadas e específicas, sujeitas tôdas elas a gradações e matizes que convém conhecer, avaliar e medir.

Há, de seguro, traços comuns na personalidade humana, sem os quais ela não poderia evidentemente existir como tal, mas os seus processos ou expressões são condicionados pelo fato *individual* e por uma série de fatores de ambiente.

Daí, de uma parte, a necessidade de adequar o trabalho ao indivíduo e de escolher o mais capaz para cada profissão e, dentro de cada área profissional, para cada trabalho. De

outra parte, surge a necessidade de adaptar os "fatores formais do processo de trabalho" à natureza especial — física e psíquica — do trabalhador, por forma que o trabalho se execute mais facilmente e se obtenha o máximo de rendimento com o mínimo de esforço.

Cabe, pois, à orientação profissional sugerir a cada indivíduo, quando este pisa o limiar da vida profissional, o grupo de atividades mais compatíveis com suas aptidões psicológicas e físicas.

E' ocioso encarecer a importância vital do papel de um serviço de orientação profissional, seja do ponto de vista humano, seja do ponto de vista social, seja do ponto de vista econômico. Por tudo isto, consoante acentuam as maiores autoridades na matéria, ela é, hoje, uma disciplina autónoma, fundada nos conhecimentos das técnicas psicológicas e das ciências sociais e econômicas.

A seleção de pessoal para tal ou qual trabalho é, por sua natureza, mais simples do que a orientação profissional. No caso da seleção profissional, a área de ação é mais reduzida, pois já se sabe, previamente e com exatidão, o tipo de ocupação ou trabalho a que se destinará determinada pessoa. Na orientação profissional, há que lidar, não com adultos, mas com adolescentes ainda em processo de desabrochamento integral, nos quais se pesquisam as *aptidões* formadoras, futuramente, de suas capacidades, ao passo que nos adultos se pesquisam, para efeitos de seleção, capacidades profissionais *já existentes*. Utilizam-se, num caso, dados certos, que são capacidades já conhecidas e cujos graus se medirão; no outro caso, os dados não são precisos porque se trata de aptidões, ou seja — de "disposições", a respeito das quais não é possível fazer diagnóstico, senão prognósticos.

Como se vê, é difícil afirmar objetivamente qual dos dois serviços terá mais repercussões na vida individual e social. Mas não pode ser esquecido que a eleição de uma carreira de acordo com a vocação de cada um é um dos processos mais profundos de adequação do indivíduo à vida, e o erro acaso cometido nesse ato fundamental corresponderá freqüentemente a uma frustração e a um desajustamento pessoal e social.

Vale dizer que as doenças de comportamento podem aumentar — e realmente aumentam — na proporção direta das profissões que não são congeniais com os indivíduos que as exercem e tornam, portanto, impossível a adequação destes ao meio e à vida. Diante disto, para que falar nas desordens de natureza econômica oriundas também dessa falta de resposta conveniente da profissão à vocação?

Há, pois, um sentido profundamente humano na obra que este Serviço entrará dentro em pouco a realizar. Bastaria a legitimá-lo esse aspecto em que se reflete, clara e ansiosa, a aspiração do homem a esse mínimo de alegria interior e de contentamento de si, que dá o trabalho levado a cabo com a consciência de que quem o pratica mete ombros àquilo para que mais nasceu e cumpre a sua vocação, isto é, realiza-se.

Ainda há que lançar em relêvo a ampliação da área de trabalho do laboratório de psicologia deste Instituto, o aumento da coleta de dados, o enriquecimento de seus quadros estatísticos, o estímulo à indagação e à pesquisa e às categorias abstratas da ciência pura.

Pela sua propriedade de atingir a infância e a adolescência e ajudá-las a resolver os seus problemas, rasgando clareiras e apontando rumos, quer direta e imediatamente, quer indiretamente por intermédio de professores mais bem escolhidos e, portanto, mais aptos à realização de sua tarefa e à realização de si mesmos; pela capacidade que possui de intervir na vida social, encaminhando, na medida das necessidades do mercado de trabalho, os mais aptos para os lugares que mais lhes convenham, de melhorar a produção e de favorecer o equilíbrio econômico; pelos seus fundamentos científicos este Serviço de Orientação e Seleção Profissional poderá significar um novo campo de gravação para a cultura mineira e um modesto mas seguro ponto de partida para menor número de desequilíbrios pessoais e sociais e, de mão comum com a educação, transformar-se em instrumento adjunto de maturidade social, digno das aspirações, do caráter, da sensibilidade e da inteligência dos mineiros, que têm em V. Excia., Sr. Governador, a sua mais elevada expressão”

DISCURSO DO CHEFE DO SERVIÇO, PROFESSOR

SYMCHA JERZY SCHWARZSTEIN

O professor Symcha Jerzy Schwarzstein, a cuja competência ficou entregue a chefia do Serviço, saudou o Governador Milton Soares Campos e demais altas autoridades presentes, nos seguintes termos:

“Coube-me a honrosa tarefa de saudar as altas autoridades e todas as pessoas presentes, em nome da diretoria do Instituto de Educação e o do próprio Serviço que ora se inaugura, dizendo ao mesmo tempo, algumas palavras sobre a significação deste empreendimento, iniciado em boa hora pelo atual governo, tão atento às questões da educação. Dos amigos que me confiaram esta honrosa missão, qualquer um desincumbir-se-ia dela muito melhor do que eu: quer o prof. Emanuel Brandão Fontes, pedagogo e administrador providencial que, no meio dos seus mil afazeres, por verdadeiro milagre de eficiência, consegue ainda amparar cada um dos nossos passos e ajudar-nos em cada uma das nossas tarefas; quer o ilustre cientista, o prof. Emílio Mira y Lopez que delineou o caminho que estamos seguindo e continua dirigindo e orientando a nossa caminhada; quer os valiosos técnicos do Serviço de Orientação e Seleção Profissional, cujas altas capacidades, solidariedade e camaradagem cada dia mais aprecio.

A todos os meus agradecimentos.

A data de hoje, para nós aqui do SOSP, representa menos o início de uma nova tarefa, do que o princípio de outra etapa de tarefa já bem avançada. Mesmo que seja paradoxal, ou que o pareça, poderíamos incluir nesta festa de inauguração um relatório dos trabalhos já realizados, e seria ele bastante extenso. O início do nosso trabalho foi o estudo pormenorizado dos métodos e das técnicas da nossa atividade futura, a adaptação de vários testes e questionários às condições locais e a elaboração de outros novos. Numa espécie de seminário permanente, dedicado a estas finalidades, um grupo de indivíduos estranhos transformou-se

numa coletividade de trabalho, unida e eficiente. Realizou-se depois o censo geral de todos os alunos da 4.^a e 5.^a séries primárias da Capital, ficando como nossa primeira tarefa a da orientação profissional dos alunos que terminam a escola primária. Este censo permitiu-nos, em seguida, escolher um grupo de 600 alunos, com os mesmos caracteres, exatamente, do total da população das duas últimas séries primárias: a mesma proporção de alunos de cada grupo social, de cada idade, sexo, tipo escolar, etc. As seiscentas crianças assim escolhidas constituem uma amostra representativa do total dos alunos que terminam a escola primária. Cada uma destas crianças foi então submetida a 15 provas, que constituem um programa completo de investigações de orientação profissional: provas de inteligência abstrata, linguística e técnica; provas de memória, de destreza manual e de compreensão mecânica, provas de caráter e de interesses gerais e profissionais.

A realização deste programa representa 2.500 testes aplicados individualmente e 90 sessões de aplicação coletiva. Além disto, procedeu-se ao exame médico de todas as crianças de amostra e a uma entrevista social com as respectivas famílias. O serviço está atualmente empenhado na apuração estatística dos resultados de nove mil testes aplicados, com o fim de elaborar os baremes, indispensáveis para o trabalho científico de orientação. Determinaremos deste modo qual o resultado que, em cada teste, pode ser considerado bom, médio ou fraco em relação ao total dos resultados das crianças da última série primária.

Destina-se, além disto, o nosso serviço aos trabalhos de seleção profissional, isto é, aos trabalhos nos quais em vez de procurar o melhor posto para um determinado indivíduo, procura-se o melhor indivíduo para um determinado posto. Já iniciamos, neste setor, os trabalhos de seleção para vários cursos do Instituto de Educação, trabalhos que abrangerão mais de 300 candidatas. Futuramente, estará o SOSP à disposição de qualquer organismo, oficial ou particular, que quiser racionalizar os seus métodos de seleção dos empregados.

Somente o homem que escolheu a sua profissão de acordo com as suas reais aptidões, tendências e interesses pode ser verdadeiramente feliz, eficiente e útil à coletividade — e este pode ser o lema que define todos estes trabalhos, e também, os que executaremos no futuro. Quem exerce uma profissão em desacordo com o seu tipo de personalidade é sempre mais ou menos desajustado e ineficiente. Quanto mais desajustado, menos eficiente, e, quanto menos eficiente, mais desajustado, — forma-se assim um círculo vicioso que conduz numerosas vezes, à infelicidade profunda, e à neurose.

Mas, poderíamos perguntar, que tem o Estado com tudo isto? Não é esta a pior forma de intervencionismo? Não satisfeito de intervir no plano econômico, o Estado moderno passaria também a intervir na esfera das resoluções mais íntimas do cidadão? Evidentemente tais questões refletem um malentendido. Os serviços, como o nosso, não praticam nenhuma intervenção, porque nada proíbem e nada mandam. Apenas esclarecem, apenas fornecem aos cidadãos os elementos necessários para que uma das mais importantes decisões na vida de cada um deles possa ser tomada com conhecimento de causa, de modo racional, aumentando assim o bem-estar dos indivíduos e das coletividades. Este bem-estar não se refere somente à esfera moral, mas também à material. O indivíduo bem ajustado à sua profissão é sempre o que mais produz. Cuidar o Estado do bom ajuste profissional dos seus cidadãos é índice de interesse pelo bem público em seus dirigentes, pois assim agindo, evitam o desperdício das forças vivas da nação e aumentam a capacidade nacional da produção.

O problema de orientação profissional constitui, em consequência, um problema educacional, no sentido mais amplo da palavra. A educação moderna deve ser um preparo para a vida, e ninguém sai da escola preparado para a vida, se não sai habilitado para esta decisão fundamental, da qual depende todo o seu futuro: a escolha da profissão. Não podia, em consequência, o problema de orientação profissional passar despercebido, sendo que uma coisa não exclui

aos educadores brasileiros, educadores de profissão ou de vocação, evidentemente, a outra. Nesta ordem de idéias, tenho o especial prazer de saudar o dr. Luiz Simões Lopes e o dr. João Carlos Vital. Todos sabem que o traço principal da personalidade do dr. João Carlos Vidal é de ser um grande descontente. O seu descontentamento permanente tem suas raízes na convicção profunda de que tudo o que foi feito por um homem, pode ser feito melhor ainda por um outro. E' esta a modalidade particular de descontentamento que faz os grandes pioneiros e que fez do Dr. Vidal o pioneiro em vários setores, entre os quais figura o da psicologia aplicada ao trabalho. Foi sob a presidência do Dr. Luiz Simões Lopes e sob a vice-presidência do Dr. Vital, que a Fundação Getúlio Vargas convidou o prof. Mira y Lopez para organizar o Instituto de Orientação e Seleção Profissional que veio a ser o maior do continente: o ISOP do Rio de Janeiro. Aqui, em Minas, não podia o problema de orientação profissional escapar à aguda compreensão que possui o Dr. Abgar Renault, de todos os problemas educacionais. Como poeta, o Dr. Renault tem alto poder de compreensão contemplativa, mas como administrador possui também excepcional poder de compreensão atuante e criadora. E o fruto desta compreensão e desta capacidade criadora aí está: um dos primeiros, senão o primeiro serviço oficial de orientação profissional do Brasil. Não devemos esquecer, a sociedade mineira em geral e este Serviço em particular, de render aqui a nossa justa homenagem ao Exmo. Sr. Governador do Estado, Dr. Milton Campos, por mais esta realização esplêndida e de alto alcance social da sua administração.

Nada nos parece mais justo que o alto patrocínio destes dois estadistas fique simbolizado pelos seus retratos, colocados na instituição por eles criada.

Nós, da nossa parte, tudo faremos para mostrar-nos dignos da confiança em nós depositada e da tarefa de que nos incumbiram".

Método e Espírito Geográfico na Obra de Euclides da Cunha

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA

(N. da R. — Geógrafo especializado do Conselho Nacional de Geografia, onde é chefe da Seção Centro Oeste; professor do Colégio Pedro II; presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros).

Ao sentido amplo do assunto que me foi oferecido — a geografia na obra euclidiana — prefiro dar, em face da preminência do tempo, uma significação restrita, mas nem por isso menos expressiva.

Considerarei, pois, a geografia na obra euclidiana sob o ponto de vista metodológico, atual, e como sendo a manifestação persistente do espírito geográfico, nos trabalhos de um escritor desde cedo votado ao debate de temas de natureza social e ao trato, na maturidade, de teses e problemas ligados, direta ou indiretamente, ao interesse e bem estar públicos.

Vivendo numa época de transição, em que poucos souberam ou puderam abrir os olhos para "ver" o que devia ou podia ser "visto" a fim de, pela experiência, trilhar os caminhos mais seguros para o futuro, Euclides foi, no seu tempo, uma exceção, aliás, paradoxalmente honrosa e agressiva.

Depois da observação direta do cenário onde se desenvolveu um dos mais pungentes dramas da nacionalidade, conseguiu enfeixar num livro, mundialmente célebre, os

traços essenciais da paisagem nordestina, traços, física e culturalmente vislumbrados através dos óculos de alcance de sua cabana **minúscula de Rio Pardo**.

Se aí levou a cabo — como engenheiro — uma construção material ligando, no espaço, duas regiões geográficas bem diversificadas, aí também construiu — como escritor — uma outra e imperecível ponte ligando, no tempo, duas épocas literárias qualitativamente diferentes.

Em qualquer delas, porém, jamais deixou de usar daquela visão positiva das realidades terrestres, que fornecem ao homem objetivo e particularmente ao geógrafo, o primeiro e tão necessário contingente de conhecimentos que devem figurar na base das ciências econômicas e sociais.

UM GEÓGRAFO NATO

Foi Euclides, a meu ver, não apenas um idealista insatisfeito, mas também um geógrafo nato, que encontrou na superfície da terra o seu material de estudo em dois domínios objetivos.

Um foi a Natureza, orgânica e inorgânica, desenvolvendo-se segundo lei de finalidade; outro a Cultura em cuja formação trabalham a tradição histórica e a vontade individual.

Esses objetivos, que não se encontram especialmente isolados, mas sim estreitamente correlacionados, sempre figuram, em maior ou menor grau, na obra euclidiana.

Ao fixar-se, porém, no modo de plasmar-se reciprocamente o Homem e a Natureza, pôde Euclides destacar certas paisagens naturais e culturais típicas, quando, em determinados momentos, um dos domínios básicos chegou a sobrepujar o outro. Nem por isso — e o que é extraordinário! — passou a perder de vista a correlação que sempre existe, embora, em certos casos, alguns feitos possam ser apontados por críticos mais exigentes, sobretudo no modo de estabelecer, geográfica e culturalmente, a relação mútua entre fatos físicos e humanos.

Possuindo um "ólho sintético", como diria Rosier, Euclides viu quase sempre em bloco, preocupando-se, preferencialmente, com as diversidades da superfície, ora estabelecendo contrastes e semelhanças dos seus aspectos mais salientes, ora detendo-se na análise da paisagem, cuja noção em geografia, segundo Schnass, aparece com o objeto de evitar o extravio da pletera de ciências geográficas objetivas, e ainda a penetração indébita nas esferas não geográficas através de considerações geofísicas e culturais.

LINHAS METODOLÓGICAS CORRETAS

A lembrança de uma tal noção rigorosa e particular de paisagens, fornece-me a oportunidade de lembrar-vos que para os geógrafos, a paisagem deve ser entendida como uma parte do espaço que forma em si, por assim dizer, um todo completo. Então as formas, os fenômenos e os aspectos da superfície terrestre, resultantes das forças e dos agentes físicos, que continuamente trabalham, modelando-a ou transformando-a sob os nossos olhos, formam o que modernamente se denomina paisagem natural. O homem, ou melhor, os agrupamentos humanos com suas atividades na superfície terrestre alteram, todavia, em maior ou menor grau, a paisagem natural, donde um novo tipo plasmado pelo homem, que é a paisagem cultural ou humanizada.

A decomposição da paisagem geográfica em duas partes distintas — física e cultural — é, porém, puramente didática. Decorre do fato de ainda não se ter chegado à maravilha de síntese, estudando a Terra e o Homem nas suas inter-relações, a ponto de se reunir numa só as duas tradicionais divisões da geografia, impostas pela comodidade de estudo e interpretação.

Sob o ponto de vista recém-exposto, a obra prima de Euclides da Cunha, sem ter sido escrita para especialistas atuais da nossa ciência, obedeceu, em seu traçado geral, as linhas metodológicas corretas.

Preliminarmente estudando a Terra, do geral para o particular, desde a caracterização do planalto central, que

lhe pareceu mais acertada e expressiva, até à do âmago do cenário físico dos sertões de Canudos, mediante traços fortes de remarcada expressão. Euclides procedeu como um gigante do talento que, progressivamente, foi apertando em suas mãos a prêsa rebelde, até o ponto de dominá-la com a força de sua inteligência. Pôde, então, examinar-lhe o físico e alma, descendo, no primeiro caso, à análise dos componentes do meio natural, e no segundo, até à observação cuidadosa do homem que nêle vivia através da complexidade do problema etnológico do Brasil, da variabilidade do meio físico, sua reflexão na História, sua ação na formação das etnias e sua influência na gênese das personagens típicas, de que Antônio Conselheiro foi, segundo êle, "um documento vivo de atavismo".

ESPIRITO GEOGRÁFICO

Na redação e apresentação da síntese explicativa, que é, afinal, o coroamento de tôda a obra geográfica digna dos progressos atingidos pelas ciências, não basta o respeito em maior ou menor escala, às linhas mestras metodológicas; faz-se mistér impregná-las de *espírito geográfico*. Este não se restringe à visão das formas precisas da realidade terrestre, nem se reduz, tampouco, ao aspecto global de sua extensão territorial; muito menos se apouca no estabelecimento de zonas — limites dentro das quais as realidades parecem agrupar-se como que para uma classificação. O espírito geográfico — acentuou Brunhes — deve ir muito além; deve ir até o discernimento das representações variadas que se observam em diferentes pontos da superfície terrestre. No estudo exato, tanto quanto possível, das situações do presente, na observação cuidadosa dos fatos, sem a demasiada preocupação com o passado; trabalhando sempre no espaço — por definição, — o geógrafo possui, com efeito, um método e um espírito que divergem do espírito e método dos historiadores. Se o espírito histórico pode conduzir a um liame de sucessão e de coordenação no tempo, o es-

pírito geográfico procede da "preocupação primordial la justaposição simultânea de tipos distintos no espaço". Nesse conceito de Jean Brunhes, tais tipos não sucedem necessariamente uns aos outros, mas podem ser contemporâneos, correspondendo cada um dêles a um meio geográfico diferente.

EXEMPLOS EM EUCLIDES

Sob êsse ponto de vista, a obra euclidiana encontra-se altamente impregnada de espírito geográfico.

Bastam duas ou três ilustrações. Aos meios geográficos do Nordeste e da Amazonia, que entre si tanto se diferenciam fisicamente, quanto contrastam social e economicamente, fêz Euclides corresponder, na devida ordem, os tipos humanos característicos, do sertanejo, do vaqueiro e do jagunço, em relação ao meio nordestino; e do seringueiro, do caunheiro e do brasileiro (entre aspas), quanto ao amazônico.

Algumas vêzes comparou um dêses tipos mesológicos a uma outra personagem expressiva de outro meio, sempre porém, o fazendo à luz da base geográfica, indispensável.

Ao focalizar, por exemplo, os tipos díspares do gaúcho e do jagunço, assim se expressou: "O primeiro, filho dos plainos sem fim, afeito às correrias fáceis nos pampas e adaptado a uma natureza carinhosa que o encanta, tem, certo, feição mais cavalheirosa e atraente. A luta pela vida não lhe assume o caráter selvagem da dos sertões do norte. Não conhece os horrores da sêca e os combates cruentos com a terra árida e exsicada"... "Desperta para a vida amando a natureza deslumbrante que o aviventa e passa pela vida, aventureiro, diserto, valente e fanfarrão, despreocupado, tendo o trabalho como uma diversão que lhe permite as *disparadas*, domando distâncias, nas pastagens planas, tendo aos ombros, palpitando aos ventos, o pala inseparável, como uma flâmula festivamente desdobrada. As suas vestes são um traje de festa, ante a vestimenta rústica

do vaqueiro. As amplas *bombachas*, adrede talhadas para a movimentação fácil sobre os *baguais*, no galope fechado ou no corcovear raivoso, não se estragam em espinhos dilaceradores de caatingas. O seu poncho vistoso jamais fica perdido, embaraçado nos esgalhos das árvores garranchentas”.

PRECURSOR DE LA BLACHE

À luz da geografia moderna, lendo-se esse trecho euclidiano, verifica-se que em sua orientação básica, Euclides precedeu ao conceito lablachiano de “gêneros de vida”, aparecido em 1911 e, segundo o qual, tal expressão geográfica significa, por assim dizer, o modo de colaboração entre o homem e a natureza.

Tal conceito moderno lablachiano é persistente em Euclides, tanto assim que, ao focalizar o gênero de vida do vaqueiro nordestino, o faz em vista das condições opostas do meio físico. Efetivamente, ao fixar o tipo desse vaqueano nô-lo exhibe na sua vida atormentada “atravessando a mocidade numa intercedência de catástrofes” e “fazendo-se homem quase sem ter sido criança”. Fã-lo ainda através de suas vestes de gibão e perneiras de couro, joelheiras de sola, luvas e guarda-pés de pele de veado, e um equipamento modesto e original, “talhando-se à feição do meio”, porque — e aqui se segue a relação de causa e efeito — porque “vestidos de outro modo não romperiam, incólumes, as caatingas e os pedregais cortantes”.

DESCRIÇÃO CALCADA NA OBSERVAÇÃO GEOGRÁFICA

Assim é o método de Euclides da Cunha em suas descrições calcadas na observação geográfica, que ensina a “ver”, o que é precisamente o mais importante, o que é típico, traçando, conforme Deffontaines, uma espécie de fundamento do quadro geográfico, a paisagem clássica, a casa típica, a vida profunda, a beleza íntima. Método, que como para as ciências físicas ou a psicologia experimental, é o

da observação, realizada, sobretudo, no grande laboratório da Natureza. Método geográfico composto de dois processos essenciais: um, o da observação, decompondo-se em análise, comparação e classificação; outro, restringindo-se à investigação. Se a descrição e a explicação constituem as duas etapas da análise geográfica, a comparação conduz essencialmente à localização, cujo caráter é elemento de unidade profunda entre a geografia física e a geografia humana, porque encerra a essência de todas as explicações.

A CLASSIFICAÇÃO GEOGRÁFICA E “OS SERTÕES”

Outro, o estudo de um fenômeno geográfico somente pode ser considerado completo e quando, além de descrito e explicado, é pôsto em relação com os que dizem respeito à sua origem ou lhes são análogos.

Decorre daí, a necessidade de precisar-lhe a extensão na superfície terrestre. Ora, a aplicação do princípio de extensão a um fato típico, geográfico, permite, como frisa Bertoqui, o conhecimento do seu domínio próprio, por isso que fica delimitada a área em que ele se manifesta ou prevalece. É claro que a classificação não se aplica em geografia com a mesma exatidão com que se a utiliza nas Ciências Naturais. A razão é óbvia porque ela não se apoia exclusivamente sobre os caracteres visíveis dos fenômenos. Penetra em a sua natureza e em a sua estrutura íntima, como fez Euclides em sua obra; se a classificação somente atingisse os aspectos exteriores dos fenômenos perderia todo o valor científico. A classificação geográfica visa, então, preferencialmente, as categorias de relações entre os fatos. Uma simples leitura de “Os Sertões” demonstra, à primeira vista, o que se acabou de dizer. Por que insistir na leitura dos capítulos, se a obra é tão conhecida de todos?

CANUDOS E O PRINCÍPIO DE ASSOCIAÇÃO

Por outro lado — permiti-me a insistência, — na base do conhecimento das paisagens, — estudo essencial da geo-

grafia, — figura um princípio de *associação* que, ao justificá-lo, mereceu de Deffontaines palavras que vale a pena lembrar. “O fato isolado é sempre uma abstração; a geografia busca o concreto, exigindo que se reconheça e se destaque o grupamento dos fatos habitualmente ligados em seu conjunto”.

A luta de Canudos, um fato humano, exigiu uma explicação, pediu uma interpretação, que Euclides procurou encontrar, valendo-se sobretudo do método geográfico, no qual o princípio de associação teve o seu papel primordial.

Ao estudá-la, portou-se como faria um geógrafo moderno, um Jean Brunhes, por exemplo.

Para o último, “os fenômenos humano como todos os fenômenos terrestres, jamais se repetem em igualdade de condições; deve-se envidar esforços no sentido de observá-los em sua evolução, de focalizá-los em sua marcha, de tomá-los, por assim dizer, em plena vida. Todos são animados de um movimento determinado; é preciso estudá-los como se estuda os corpos em movimento”. Uma das preocupações dominantes dos que observam os fatos geográficos, tanto os humanos como os da ordem física, é **PRECISAR O PONTO DO ESPAÇO E O MOMENTO ONDE SE PRODUZEM; DEPOIS DO PRÓPRIO MOVIMENTO, INDICAR O SENTIDO E OBSERVAR A INTENSIDADE.**

A idéia e o fato da atividade concorrem para uma renovação maior dos conhecimentos geográficos. Para uma verdadeira ressurreição; ressurreição legítima — exclamou Brunhes — e particularmente feliz, da idéia da vida em um estudo cujo objeto é a vida presente da terra”.

SENTIDO DE RESSONANCIA PSICOLÓGICA

Entretanto, convém frisar, que os fatos de geografia humana — de que Euclides tão amplamente tratou em sua obra, — não encontram sua completa explicação nem seu princípio único de coordenação, em causas físicas tão somente. Há um fator sutil e complexo que deve prevalecer

em todo estudo de geografia humana. Trata-se da ressonância psicológica das causas de ordem física sobre o ser humano, na medida de seus apetites, de suas necessidades, de suas vontades e aspirações, conforme se observa na *Geografia Psicológica* de George Hardy.

Em sua obra prima — “*Os Serlões*” — escrita “nos quartos de hora” e “nos intervalos de uma engenharia fatigante”, — o autor, em verdade, considerou a ressonância psicológica sobre o ser humano de Canudos. Que se recorde aqui uma passagem das mais expressivas: “Insulado dêste modo no país, que o não conhece, em luta aberta com o meio, que lhe parece haver estampado na organização e no temperamento a sua rudeza extraordinária, nômade ou mal fixo à terra, o sertanejo não tem, por bem dizer, (relembre-se o momento histórico de que nos fala Brunhes), ainda capacidade orgânica para se afeiçoar à situação mais alta. O círculo estreito da atividade demorou-lhe o aperfeiçoamento psíquico. Está na fase religiosa de um monoteísmo incompreendido, evado de misticismo extravagante, em que se rebate o fetichismo do índio e do africano. E' o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas. Uma análise destas revelaria a fusão de estádios emocionais distintos”.

EUCLIDES E OS PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DE DEMANGEON

Já percebestes, por certo, o quanto procuro ser pessoal neste breve estudo crítico acerca da geografia na obra euclidiana. Por força mesmo dessa intenção, peço licença ainda mais uma vez, para mostrar que Euclides da Cunha, na estruturação de seu mais famoso trabalho, obedeceu, cinquenta anos antes, aos princípios metodológicos preconizados em 1947, por Alberto Demangeon, então o consagrado mestre da Escola Francesa de Geografia Humana. Efetivamente, em seus **PROBLEMAS DE GEO-**

GRAFIA HUMANA, obra mundialmente célebre entre os geógrafos. Demangeon sintetizou o método da moderna geografia humana, em três princípios, dos quais um deles se expressa do seguinte modo: "A geografia humana deve trabalhar e se apoiar numa base territorial". Que fez Euclides senão estudar, primeiro a terra, nos cinco capítulos iniciais de "Os Sertões"?

Um segundo princípio reza: "Em geografia humana é preciso não acreditar numa espécie de determinismo brutal, numa fatalidade saída dos fatôres naturais". Que se vê nos "Sertões" senão o cuidado da análise e da interpretação humana em face da complexidade do problema etnológico de Brasil e de outros que lhe são correlatos?

Basta que aflore à meditação a passagem comprovante: "Estamos condenados à civilização. Ou progredimos ou desaparecemos. A afirmativa é segura. Não a sugere apenas essa heterogeneidade de elementos ancestrais. Reforça-o outro elemento igualmente ponderável: um meio físico amplíssimo e variável, completado pelo variar de situações históricas, que dêle em grande parte decorreram".

Num outro de seus três princípios, Demangeon precisou que "para ser compreensiva e explicativa, a geografia humana não pode deter-se unicamente na consideração do estudo atual das cousas. É preciso a evolução dos fatos, remontar ao passado, isto é, recorrer à história". Ora, toda a segunda parte dos "Sertões" procura na história as luzes necessárias e indispensáveis ao esclarecimento dos fatos narrados e interpretados pelo escritor patricio.

CLOZIER, LA BLACHE E EUCLIDES

Continuando a procurar examinar com a maior isenção de ânimo possível, a geografia na obra euclidiana, encontro em recente livro de René Clozier — "*Les Étapes de la Géographie*" — aparecido em 1942, os processos de trabalho em geografia constantes de descrição, observação, documentação, explicação e método.

Quanto à descrição, relembra que nesta, conforme assim fez Vidal de La Blache, o fundador e chefe incontestável da Geografia Humana em França, a paisagem deve ser colocada num conjunto mais vasto de maneira a ficar situada em relação às grandes unidades regionais.

Um rápido exame do que escreveu Euclides, sob o título "A entrada do Sertão", dá-nos a confirmação de que seguiu-o com método, por isso que liga a paisagem dessa entrada às grandes unidades regionais do Brasil, preliminarmente expostas à maneira de um esboço.

TRAÇOS TÍPICOS

A descrição visa não ser completa, esclareceu Clozier, procura, sobretudo, destacar os fatos típicos. Pois não é o que se observa constantemente em Euclides?

Tome-se ao acaso uma ilustração tirada dos "Sertões", sob o título "Caminho para Monte Santo": "quem se abalance para atravessá-lo, partindo de "*Queimadas*" para nordeste, não se surpreende a princípio. Recurvo em meandros, o Itapicuru alenta vegetação vivaz; e as barrancas pedregosas da Jacurici debruam-se de pequenas matas. O terreno areento e chão, permite travessia desafogada e rápida. Aos lados do caminho ondulam tabuleiros rasos. A pedra, aflorando em lagedos horizontais, mal movimentada ao solo, esgarçando a tênue capa das areias que o revestem".

TRAÇOS EVOCADORES

Os traços típicos, recomenda Clozier com base em La Blache, não excluem, aliás, os traços evocadores.

Busquemos em *Contrastes e confrontos* uma ilustração para o caso.

No capítulo "Entre Ruínas", em que focaliza Euclides o vale médio do Paraíba do Sul, no trecho paulista a partir de Cachoeira, é possível destacar um bom exemplo de traços evocadores: "Os morros escavados, por onde trepa tei-

mosamente uma flora tolhiça, de cafesais de 80 anos, ralos e ressequidos, mas revelando os alimentos primitivos; cintados ainda pela faixa parda-avermelhada dos *carreadores* tortuosos, por onde subiam, outrora, as turmas de escravos; tendo ainda pelos topos, à orelha dos velhos valos divisórios, extensos renques de bambuais; e ao viés das encostas, saltadamente, branqueando nas macegas, as vivendas humildes por ali esparsas, a êsmo, dão quase um traço bíblico às paisagens”.

FORMA DE CONVERGÊNCIA

A descrição de Euclides se aplica o que foi dito por Clozier em relação a La Blache: ela possui, como o fato geográfico, sua originalidade numa forma de convergência; todos os traços, qualquer que seja a natureza, concorrem para precisar a fisionomia dos lugares. Mas ao mesmo tempo esta descrição é seletiva; elimina certos traços e acumula outros, porque, no fundo, ela se orienta segundo um pensamento. É uma descrição científica; por conseguinte, ela esquematiza.

EXEMPLO DE BOA ORIENTAÇÃO

Inúmeras vezes para não dizer freqüentemente, a esquematização se orienta para a *explicação*. Que se fixe um bom exemplo, ao descrever o sertão adusto logo após haver atingido o sítio de Caldeirão, no caminho para Monte Santo: “É uma paragem impressionadora. As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos. O regime torrencial dos climas excessivos, de súbito, depois das insolações demoradas, e embatendo naqueles pendores, expôs há muito, arrebatando-lhes para longe todos os elementos degradados, as séries mais antigas daqueles últimos rebentos das montanhas: tôdas as variedades cristalinas, e os quartzitos ásperos e as filades e calcáreos, revezando-se ou entrela-

çando-se, repontando duramente a cada passo, mal cobertos por uma flora tolhiça — dispondo-se em cenários em que ressalta, predominante, o aspecto atormentado das paisagens”.

VALLAUX E A NOÇÃO DA PAISAGEM GEOGRÁFICA

Antes de terminar, quero advertir, senhores, que a noção geográfica de paisagem difere das noções comumente atribuídas ao referido vocábulo.

Em “*Les Sciences Géographiques*”, um dos grandes doutrinadores franceses da geografia contemporânea — Camille Vallaux, — enfeixou num dos seus magistrais capítulos, elucidações da máxima oportunidade.

Em geral, as paisagens dos pintores, dos literatos, poetas ou romancistas, bem como a dos naturalistas, se opõem à paisagem geográfica. Expressões da arte ou da ciência, tais formas representativas do mundo exterior se conformam, na sua totalidade, a suas leis e a seus objetos, que não são os objetos e as leis da geografia.

Essas últimas palavras, que são de Vallaux, ajudarão a compreender melhor aquilo que os geógrafos consideram como sendo a sua paisagem.

SENTIDO MUITO PARTICULAR

Na concepção do eminente geógrafo francês, a paisagem geográfica tem um sentido muito particular e é impregnada de antropocentrismo no começo da observação, isto porque a observação principia justamente pela paisagem geográfica familiar, cujas conexões, mesmo as de maior delicadeza e menos perceptíveis ao primeiro golpe de vista, são efetivamente as melhores conhecidas pelo observador. “Trata-se de antropocentria, caso queiram, escreveu Vallaux; pode-se mesmo considerar como um modo muito subjetivo de julgar as cousas, aquê que toma por base o quadro da vida quotidiana e terra-a-terra. É porém uma imperfei-

ção e também uma força da geografia ser muito antropocêntrica no começo de seus processos. De resto, no princípio, qualquer ciência não o é, em maior ou menor grau”.

A DESCRIÇÃO E AS GRANDES SÍNTESES EXPLICATIVAS

A descrição é, indubitavelmente, o principal objeto da paisagem geográfica. As grandes sínteses explicativas só mais tarde aparecem. Todavia, em qualquer descrição geográfica bem feita, há, no mínimo, um ou vários elementos de interpretação mediante os quais os fatos representados se ligam de maneira mais satisfatória para o espírito, do que por meio de simples contigüidade espacial, a qual, por si mesma, nada tem de comum com um liame racional.

IMPERSONALIDADES

Mostra Vallaux que a geografia visa os conjuntos sem esquecer de ligá-los por conexões racionais. Nestas circunstâncias, como a elaboração científica das descrições pela síntese de agrupamento, só se torna verdadeiramente satisfatória para o espírito quando estiverem asseguradas as garantias de impersonalidade, é bem de ver que estando no começo da observação de antropocentrismo, a paisagem geográfica se afasta da sua verdadeira significação.

A paisagem geográfica somente adquire um real significado e um verdadeiro valor científico, quando engloba, então, um campo extenso, percebido pela visão ideal ou, pelo menos, pela visão auxiliada por instrumentos poderosos como o telescópio, e quando apresenta simultaneamente, uma vista de conjunto das alternâncias e das oscilações térmicas às quais cada parte da superfície terrestre se encontra exposta. Desta maneira, a paisagem geográfica é tanto mais significativa quanto mais complexa. Para Vallaux, o emprêgo da visão telescópica nos dá uma paisagem de conjunto vista, por exemplo, de um observatório de montanha, assim como nó-la dá, a visão ideal de um

observador supostamente colocado tão alto quanto possível, cujo olho — devido à curvatura da terra — ficaria desse modo impedido de ver toda a superfície considerada; nestas circunstâncias, a visão telescópica e a visão ideal constituem dois meios capazes de tornar impessoal a observação da paisagem geográfica, libertando-a, por assim dizer, do antropocentrismo inicial das paisagens familiares.

DIFERENTES FORMAS DE PAISAGENS

Camille Vallaux, finalmente, chama a atenção para a diferença nitidamente profunda e irredutível entre a paisagem geográfica e as outras formas de paisagens: a dos pintores, a dos literatos, a dos naturalistas, observando: “um longe e um horizonte constituem sempre, alguma coisa de vago, e de vaporoso para os artistas e para os escritores; para os naturalistas, os longínquos não existem caso se torne indiscernível o mecanismo da vida, não tendo sentido o horizonte”.

MODO DE OBSERVAÇÃO DA PAISAGEM PELO GEÓGRAFO

A paisagem geográfica, pelo contrário, quer derive duma visão real ou de uma visão ideal, começa logicamente do limite do horizonte, que é um dos seus elementos essenciais. Diante da paisagem, a observação do geógrafo começa, portanto, da periferia para o centro e não deste para aquela, como sucede com os demais observadores.

UMA EXEMPLIFICAÇÃO EUCLIDIANA

Do longo parentesis aberto a propósito da noção de paisagem geográfica, pode-se passar sem perda de tempo para uma exemplificação euclidiana, na qual o nosso grande observador engloba numa síntese bem feita os ensinamentos

posteriormente levados à letra de fôrma pelo autor francês, e com a qual terminarei minha análise crítica da geografia na obra euclidiana.

Trata-se da paisagem vislumbrada por Euclides do alto da Favela:... "Em roda uma elipse majestosa de montanhas... A Cana Brava, a nordeste, de perfil abaulado e simples; a do Poço de Cima, próxima, mais íngreme e alta; a de Cocorobó, no levante, ondulando em seladas, dispersa em esporões; as vertentes retilíneas do Calumbi ao sul; as grimpas do Cambaio, no correr para o poente; e, para o norte, os contornos agitados do Caypan — ligam-se e articulam-se no infletir gradual traçando, fechada, a curva desmedida.

Vendo ao longe, quase de nível, trancando-lhe o horizonte, aquelas grimpas altaneiras, o observador tinha a impressão alentadora de se achar sobre *plateau* elevadíssimo, páramo incomparável repousando sobre as serras.

Na planície rugada, embaixo, mal se lobrigavam os pequenos cursos d'água, divagando, serpentes...

Um único se distinguia, o Vasa-Barris. Atravessava-a, torcendo-se em meandros. Prêsa numa dessas voltas via-se uma depressão maior, circundada de colinas... E atulhando-a, enchendo-a tôda de confusos tetos incontáveis, um acervo enorme de casebres"...

À margem do Curso de Férias

MENSAGEM A GARCIA

MANUEL CASASANTA

I

O fato se deu numa das aulas do professor Colombo Etienne Arreguy, no atual curso de férias, iniciativa das mais felizes da administração mineira, em seu propósito de colocar os nossos mestres à altura do seu apostolado. Com aquêlo gôsto pela análise, conhecimento e interpretação dos vários aspectos da vida brasileira, que parece peculiar a quem entre nós lida com a estatística, — influência, talvez, do ilustre sr. Teixeira de Freitas, — focalizava o professor Colombo ridos os cinqüenta minutos, veio o sinal de intervalo. esclarecimento, retificação.

No calor dos debates, um dos presentes colhe certo argumento expendido da cátedra, para uma crítica à Secretaria da Educação. Coisa explicável, seja porque se tratasse de uma reunião de professores, seja porque o ambiente de camaradagem e franqueza autorizasse o desabafo. Apartes, elucidações, a aula retomou o curso natural, até que, decorridos o cinqüenta minutos, veio o sinal de intervalo.

Os professores-alunos deixavam a sala, rumo à cantina do Instituto. De outras salas, outros alunos-professores traziam para o corredor e examinavam em voz alta as idéias e os conceitos que ouviram, aprovando ou divergindo, sabido que a aula não deve ser um monólogo, mas sim um diálogo,

mesmo fora da classe. . . Nisso, uma professorinha — para que citar-lhe o nome? — chama de lado o professor Colombo Arreguy:

— A nossa colega não tem razão para queixar-se. O caso trazido à baila, antes de condenar, enaltece a Secretaria da Educação. O que nos pede a Secretaria é maior devotamento ao ensino, mais amor às nossas crianças. E' pedir muito?

O professor Arreguy acenava com a cabeça, afirmativamente, fazendo suas as palavras da jovem mestra, quando esta acrescentou, à guisa de conclusão:

— Devemos pensar um pouco menos em nossos problemas pessoais e um pouco mais nos problemas da formação da infância no Brasil. E' a nossa mensagem a Garcia.

II

TAGORE. O POETA E O PEDAGOGO

Abgar Renault alcançou ressurgir para os professores que enchiam o salão nobre do Instituto de Educação a figura de Rabindranath Tagore.

Foi aí pelas 11 horas da manhã de 1.º de fevereiro. Encerravam-se nesse dia e nessa hora os trabalhos da secção do Curso de Férias para o magistério primário. Esperava-se que o Secretário da Educação agradecesse, como é de praxe, o comparecimento de tantos docentes ao Curso, que o Estado lhes vem propiciando todos os anos e disse por encerrada a sessão. Mas o Sr. Abgar Renault alijou momentaneamente a sua condição de administrador e evocou Tagore para a inteligência e a sensibilidade dos presentes. O filósofo, o poeta, o educador tiveram na palavra de um de seus maiores devotos e intérpretes a explicação da mensagem de sabedoria e beleza, que legou ao mundo. Afigurou-se-nos uma aula dada por um mestre. Que aula e que mestre! A sombra dominadora de Rabindranath Tagore pairava no salão nobre do Instituto, com seu perfil sereno de hindu e as longas barbas brancas de profeta. . .

Lá fora, invadiam a cidade os ruídos pacíficos da vida ativa e do labor fecundo. A campanha dos bondes, o fonfon dos automóveis, o apito das fábricas e das locomotivas apre-goavam o esforço de nossa gente na construção do Brasil futuro. A sombra de Tagore continuava a pairar sobre o coração e a inteligência dos professores, como a insinuar-lhes a existência de um sistema de valores do espírito que lhes cumpre defender e propagar, a fim de que o ritmo do progresso de nossa terra não seja perturbado pela superação dos bens materiais. Não só o espírito, mas também o espírito.

III

EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Saíamos do Instituto de Educação, depois de uma aula do professor Mira y Lopez. Para um público escolhido, aquele eminente mestre havia estudado um dos aspectos da psicologia da infância e da adolescência. Era noite, sem o calor e a chuva da estação. Fomos conversando, ao longo da Avenida, rumo ao centro da cidade. E a professora, uma jovem, com o calor e o idealismo dos vinte anos, me contou:

— Há dois anos que rejei uma classe no curso de Educação de Adultos. Moro no Sul, em Ouro Fino. Você é também daquela região e sabe, tanto quanto eu, que ali se pratica a policultura. Quer dizer: são em grande número os trabalhadores braçais e estes, na maioria, não frequentaram em criança a escola primária. Assim, o ano passado, coube-me uma classe de 36 alunos, todos adultos. Dentre eles, vou lembrar-lhe o de nome Cesário José da Rocha que, vencendo a primeira série, voltou a matricular-se na série seguinte, em 1949. E' um homem de 34 anos, e casou-se mocinho, segundo os costumes da roça, e, dos seus filhos, o último, uma menina, está matriculada numa escola rural. A' custa de sacrifícios e não pequenos, todas as noites Cesário frequenta o curso, perfazendo, a cavalo, ida e volta, duas léguas de estrada. Já lê e escreve correntemente, se levarmos em conta que a rapidez no ato de ler e escrever há de ser e quase sem-

pre é, muito relativa nas pessoas que não aprenderam essas técnicas no período próprio, a saber, na infância. Não lhe dizia eu que Cesário tem uma filha na escola rural? Pois então anote: em vez de a menina ajudar ao pai, é este que a auxilia nas tarefas escolares. Daí a conclusão: A verdade está com o professor Lourenço Filho. Não representa desperdício o dinheiro gasto com a Campanha Nacional da Educação de Adultos, quando há tantas crianças sem escola. Ao contrário: favorece o trabalho dos professores e concorre para a diminuição da repetência, que é uma das causas de os nossos estabelecimentos de ensino andarem superlotados.

E, ao despedir-se, a professorinha deu remate às suas palavras, com ar convicto e seguro, o ar de quem, com vinte anos, pretende viver num mundo mais belo:

— O caso, de que lhe dou notícia, não é o único. Outros Cesários haverá por aí às centenas e, talvez, aos milhares.

A noite amena convidava a andar. Alcancei a avenida Amazonas, com destino à praça Raul Soares. Olhando para o alto, tive a impressão de que brilhava mais uma estrela no céu.

Fatos à margem da vida escolar

Visitando o Grupo Escolar "Monsenhor Gonzalez", de Manhuaçu, prática sobremodo louvável pela corrente de cordialidade que estabelece, possibilitando um intercâmbio de idéias e mesmo de experiências, que muito pode beneficiar o progresso do ensino, a diretora do Grupo Escolar "Antônio Marques", de Carangola, professora Jacy Dias de Freitas, foi recebida no educandário com expressivas demonstrações de contentamento e apreço.

Por ocasião das homenagens que lhe foram prestadas, a diretora Custódia Fêres dirigiu-lhe a seguinte saudação:

SENHORA:

Aqui nos vêdes a vosso lado, ansiosas e cheias de orgulho. Ansiosas por ouvir-vos a voz, colher os vossos ensinamentos, alimentarmos-nos de vossa grande sabedoria. Cheias de orgulho, pela honra insigne que nos confere o vosso gesto, concordando em nos proporcionar o prazer da vossa visita...

Sois a mensageira da amizade, da compreensão, do comércio intelectual. Na grande e bela causa da educação em que todos nós nos empenhamos vivamente, há momentos de luta, de vicissitudes, de amargura e de desânimo...

Há, porém, instantes como o de agora... de pleno gozo espiritual, de completa ascensão...

Soldados da mesma campanha, deixamos, por algum tempo, os nossos postos e vimos, em breve repouso, fortalecer nosso ânimo neste contacto gentil, nesta feliz troca de idéias, nesta reunião fraternal.

Ensarilhámos, por alguns minutos, as nossas armas e vimos até aqui em busca de orientação, de avisos, de novas táticas, de novo alento...

Por felicidade nossa, aqui — neste modesto ambiente, onde não se vêem o luxo e as pompas das grandes assembleias estão reunidos, em alegre companhia, alguns de nossos comandantes. Dêles esperamos a palavra, a “resposta” aos nossos anseios de trabalho e de luta.

Assim sendo, para que nos preocuparmos com expressões, com palavras, com agradecimentos, com elogios, quando, na verdade, “tôdas as palavras já são inúteis”? Para que falarmos de nós mesmos, quando temos diante de nós a beleza e a atração irresistíveis do *ideal educativo*?

Não nos enganemos com o êco, com o “boato”, com as frases feitas, com as palavras amáveis...

Neste clima de completa e sincera afinidade intelectual, quando nos arrasta, irremediavelmente, o serviço da criança, seu bem estar, a sua integração social, a sua felicidade... tudo que possamos dizer será supérfluo e inútil...

Devemos, quais outras *Marias*, da graciosa e evocadora Betânia, escolher a melhor parte — a que não nos será tirada...

Devemos e queremos ficar junto da mestra, ouvir-lhe a palavra, inebriarmo-nos de seus belos ensinamentos, anotar-lhe as ordens, seguir-lhe o exemplo, imitar-lhe a vida...

Sim, imitar-lhe a vida de grande mestra que, à exemplo do Divino Modêlo, vive para os pequeninos, sacrifica-se por êles, dedica-se, vibra, sofre e ama...

Ela, antes e melhor do que nós, “escolheu a melhor parte” e vai, num gesto de extrema bondade, comunicarnos o dom da sabedoria e da dedicação.

Nós vos saudamos, mestra! Nós esperamos a vossa palavra!

Deus vos guarde em plena ventura para a felicidade de todos aquêles que Deus colocou na órbita de vossa influência benéfica, do calor de vosso puro e sadio entusiasmo de educadora...”

Educação sanitária

Conclusões do Primeiro Congresso Internacional do BCG

O primeiro Congresso Internacional do BCG, reunido em Paris, de 18 a 22 de junho de 1948, no qual o Brasil esteve representado pelo prof. Rafael de Paula Souza, Diretor do Serviço Nacional de Tuberculose, aprovou dentre outras as seguintes afirmações:

— Que o estudo de mais de dez milhões de vacinações efetuadas no mundo inteiro no curso de vinte e cinco anos comprova a inocuidade absoluta da vacinação pelo BCG na espécie humana.

— Que a vacinação pelo BCG é o meio de prevenção mais eficaz contra a tuberculose.

— Que a amostra Vacinal BCG (Calmette e Guerin) utilizada no mundo inteiro provém do Instituto Pasteur de Paris.

— Que o Congresso reconhece como bom todo método de vacinação com BCG desde que provoque, em espaço de tempo curto, uma alergia nítida e durável.

— Que a vacinação de todos os recém-nascidos se impõe Também a vacinação das crianças mais idosas, dos adolescentes e dos adultos jovens, com tuberculino-reação negativa, é recomendada devendo ocupar lugar destacado as categorias de pessoas mais expostas, por exemplo, os aprendizes, estudantes, pessoal médico, para-médico, recrutas etc.

— Que o Congresso recomenda praticar a revacinação dos indivíduos vacinados em que a sensibilidade cutânea à tuberculina desapareceu.

— Que o Congresso considera como de interesse urgente a mais ampla difusão possível da vacinação pelo BCG.

— Que o Congresso recomenda a manutenção de tôdas as outras medidas profiláticas em uso na luta contra a tuberculose.

— Quanto aos animais de espécie bovina o Congresso considera bem fundamentada a vacinação da espécie bovina pelo BCG, mas a difusão desta vacinação não se enquadrando nos dispositivos regulamentares atualmente em vigor, formula o voto de que os Poderes Públicos conciliem a prática da vacinação pelo BCG com os princípios da lei. (Do S. P. E. S. de Minas Gerais).

PROGRAMA EM EXPERIÊNCIA 1.º ANO (Re-edição)

OBJETIVOS DO ENSINO NO 1.º ANO:

— Enriquecer e dilatar a experiência sôbre as coisas e relações de seu meio através de atividade vivas e interessantes com animais, plantas, etc. e através de histórias e de poesias, gravuras, etc.

— Desenvolver a linguagem espontânea e desembaraçada e a boa pronúncia através de oportunidade em que se leva a criança a falar, como: conversa, hora de história, dramatizações, palestras, gravuras, etc.

— Desenvolver o vocabulário e a pronúncia através das experiências novas que adquire, principalmente em atividades correlatas com as Ciências Naturais.

— Corrigir os erros mais freqüentes e mais graves.

Leitura

— Desenvolver um grande interesse pela leitura.

— Formar na criança a atitude de que ler é interpretar.

— Dar a capacidade de ler passagens simples, inteligente e correntemente.

Composição

— Desenvolver a capacidade de escrever cartas simples, bilhetes e avisos, com poucos fatos e com motivo real.

— Formar a capacidade de escrever uma história curta e com boa seqüência lógica.

— Dar a noção da sentença e o uso do ponto final e da interrogação, no fim da sentença.

Ortografia

— Treinar a ortografia de palavras formadas de sons simples e grupos consoantes de *lh*, *nh* e *ch*;

— Treinar a ortografia das formas verbais usuais na linguagem, como infinitos, participio presente, passado, quando escrevem sob o ditado e nas composições.

— Treinar a divisão das palavras que escrevem.

— Desenvolver a articulação e a boa pronúncia das palavras, para evitar erros.

Escrita

— Dar uma boa posição habitual.

— Desenvolver a coordenação motora e estabelecer liberdade de movimento.

— Treinar a boa formação das letras, o bom alinhamento das palavras.

— Formar bons hábitos de escrita a lapis.

INSTRUÇÕES PARA EXECUÇÃO DO PROGRAMA

Linguagem Oral

Uma boa linguagem é, para o homem, um dos maiores instrumentos de êxito na vida.

Havendo entre o pensamento e a linguagem a mais íntima relação, torna-se necessário desenvolver o pensamento para desenvolver-se a linguagem.

Como, porém, desenvolver-se o pensamento?

O pensamento desenvolve-se através das experiências comuns da vida, e, na escola primária, quer através dessas experiências comuns, quer através de processos próprios.

Tudo o que diz respeito ao pensamento, por isso, diz respeito à linguagem, e não é possível separar-se o aprendizado da linguagem do das demais matérias e atividades.

Por sua vez, o apuro da linguagem influe na boa formação do pensamento, pois nós pensamos, geralmente, com palavras, e tanto mais preciso será o pensamento quanto mais próprios os termos com que o formamos e traduzimos.

Dai estas conclusões, geralmente aceitas e fáceis de realizar no ensino primário, porque a classe é confiada a um só professor:

a) o ensino da linguagem faz-se não só nas aulas próprias de linguagem, mas através de tôdas as matérias em tôdas as atividades;

b) o professor deve velar, rigorosamente, para que os alunos usem de linguagem correta e própria;

c) a linguagem é aprendida por imitação, tornando-se, por isso, necessário que a linguagem do professor sirva de um bom modelo.

Como tôdas as habilidades de uso constante, as habilidades da linguagem devem ser quanto possível automatizadas, de forma que, pensando bem, as crianças exprimam sem esforço e corretamente o pensamento.

Não se deve gastar tanta energia na procura de forma quanto se gasta na formação do pensamento, como em aritmética se procura que as crianças, ao invés de $2 + 2 = 4$, não façam a operação, mas de pronto, e automaticamente, vejam 4.

Esse automatismo prende-se à formação do hábito, entre cujas leis está a de que o hábito deve ser formado nas mesmas condições em que se pratica na vida real. Não se deve, por exemplo, aprender a tocar piano tocando-se órgão. Ora, em que condições se usa a linguagem na vida real? Pois é em tais condições que se desenvolvem as atividades da linguagem.

As crianças devem conversar, discutir, monologar, contar com os mesmos estímulos e com os mesmos interesses com que agem na vida, não só porque êsse é o processo natural do aprendizado, mas também porque é para a vida que se preparam.

Fevereiro e março

Atividades:

1.º — Conversa.

A conversa deve ser sempre dirigida por algum motivo real e claro, como organização de um plano de trabalho, esclarecimento ou troca de experiências, de interesse comum, etc.

A conversa deve partir da criança, para a professora, e não o contrário.

Sugestões:

- conversa sobre alguma experiência interessante;
- sobre o fato do dia;
- sobre o plano de atividades do dia ou da semana;
- sobre quaisquer atividades coletivas, etc.

2.º — Histórias contadas pela Professora.

As histórias são grandemente educativas. Elas desenvolvem o poder de observação, treinam a memória, exercitam a inteligência e a lógica, desenvolvem o poder de imaginação e de emoção e intensificam e estendem as relações sociais da criança. Para o ensino da língua, particularmente, elas enriquecem a experiência, desenvolvem a seqüência lógica dos fatos, dando um sentido de or-

dem, e esclarecem o pensamento, fixam e ampliam o vocabulário da criança, dão formas e expressões à linguagem infantil.

Para a educação moral, ajudam a formar o caráter, dando à criança o hábito de buscar sempre as conseqüências dos fatos.

A maneira da apresentação influe em alguns valores que delas se possam tirar. É o motivo por que as boas histórias devem ser lidas e contadas pela professora às crianças, e por estas dramatizadas e lidas. Cada uma dessas maneiras contribuirá com os seus valores específicos, concorrendo, em geral, para o desenvolvimento mais completo da criança.

Nas histórias contadas às crianças, a professora deve:

- contá-las com expressão;
- conversar sobre elas, sondando a apreciação das crianças;
- fazer desenhar partes delas, para aumentar a compreensão da experiência e dos fatos que envolve;
- conversar sobre os desenhos, deduzindo, através do comentário, os meios de aperfeiçoá-los;
- exposição dos melhores desenhos num canto do quadro.

Sugestões de histórias para serem contadas:

“Os três porquinhos”; “D. Baratinha”; “Os três ursos da floresta”; “Chapéuzinho Vermelho”, versão de Grimm; “Os músicos de Bremen”, versão de Grimm; “Joãozinho e Maria”; “O Pequeno rotegar”; “Branca de Neve”; “A Gata Borralheira”, de Perrault; “Rapunzel”; dos “Novos Contos de Andersen”.

NOTA: — As histórias têm várias versões. A professora deve conhecer tôdas e escolher a mais adequada ao grupo de crianças a que se destina.

Como nem tôdas as histórias foram escritas especialmente para crianças e como outras não satisfazem integralmente ao objetivo da professora, com relação à criança, tôdas as histórias devem ser adaptadas, antes de sua aplicação.

3.º — Gravuras.

As gravuras não são tôdas iguais quanto à maneira de apresentar os fatos.

umas apresentam o fato completo e acabado — são as de sentido completo.

Outras apresentam uma parte do fato, deixando o resto à imaginação da criança.

Outras há que não contam fatos, mas apresentam paisagens, coisas e retratos.

O conteúdo de uma gravura é o que determina a sua aplicação.

As de sentido completo prestam-se para a leitura. Ler uma gravura consiste em coordenar e relacionar todos os seus elemen-

tos num só sentido. Por isso, ela deve ser lida de uma única maneira por todas as crianças. A sua finalidade é desenvolver, especialmente, a lógica da criança.

A gravura de sentido completo desenvolve a lógica e a imaginação, especialmente.

A finalidade das gravuras que não contam fatos propriamente, é de ilustrar as aulas de Ciência, de Geografia, de História do Brasil, como também de enriquecer a experiência da criança.

Essa atividade deve ser desenvolvida da maneira seguinte:

a) apresentar uma gravura sugestiva que contenha um fato completo;

b) ler a gravura apresentada no quadro;

c) ler gravuras de livros.

Sugestões para livros de gravuras nesse período:

"Os amigos de Nenê", Genoud; "Nossos bons amiguinhos, os cachorrinhos"; "Os preferidos de Nenê", Genoud; "Histórias dos seis coelhinhos", etc.

4.º — Excursão indicada pelo interesse da classe:

O programa contém poucas atividades cujo valor se possa comparar com o da excursão.

A criança precisa ter um fundo de experiências vividas com o seu próprio organismo, isto é, com os próprios sentidos, para servir de base às transmitidas pelos livros e pela classe. E a excursão é a atividade que mais favorece a esse tipo de experiência.

Ela não só enriquece como aprofunda, dilata, amplia e corrige a experiência da criança.

Deve ser desenvolvida da maneira seguinte:

a) conversa sobre o motivo, local e assunto da excursão, visando ainda a verificar noções e conhecimentos que as crianças já possuem;

b) discussão do plano de execução; o que vão ver; o que desejam saber e aprender;

c) estudo de aspectos principais da excursão para despertar a curiosidade, dar experiência e provocar o pensamento;

d) observação e explicação no local;

e) conversa sobre os pontos mais interessantes;

f) desenho, representação no tabuleiro da areia, em argila ou cartolina, do que foi visto.

5.º — Dramatização de uma história:

A dramatização é uma atividade simples. Faz parte da atividade infantil. A cada momento a criança dramatiza e, de manhã à tarde, ela repete e revive a atividade dos que a cercam.

A dramatização em aula deve ser assim simples e espontânea, nunca decorada.

Dramatizar uma história é brincar a história.

Além dos seus inúmeros valores educativos para a linguagem, a dramatização contribui com um contingente de valores dificilmente conquistados em outras atividades. Ela desenvolve a espontaneidade e simplicidade da linguagem, a lógica; enriquece e firma o vocabulário; corrige a articulação e pronúncia das palavras; dá ensejo ao treino das formas verbais nos vários tratamentos, etc.

Uma boa dramatização deve implicar os seguintes pontos:

- a) conversa sobre a atividade;
 - b) contar a história (a professora);
 - c) reprodução da história por uma criança ou por várias, para verificar se está bem sabida;
 - d) escolha das personagens para a dramatização, através das sugestões das próprias crianças;
 - e) ensaio de dramatização parcial da história;
 - f) conversa sobre o ambiente da dramatização e sobre a escolha das crianças que devem organizá-la;
 - g) discussão da caracterização ao alcance da classe;
 - h) apreciação e crítica da dramatização pelas crianças.
- (Salientar as personagens que se expressaram melhor. Sugerir maneiras de melhorar).

NOTA: — Este plano é, geralmente, desenvolvido em vários dias História para este período: tipo, "D. Baratinha".

6.º — Poesia.

A decoração de poesias não deve ser imposta. A professora leva naturalmente a criança à apreciação da poesia e a estimula a decorar algumas, de maior interesse.

Ler e fazer decorar pequenas poesias, do tipo de "Setim", de Zalina Rolim.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Atividades:

1.º — Conversa.

2.º — Histórias contadas pela professora:

- a) organização da "Hora de Histórias";
- b) conversa sobre o que deve ser essa hora, programa, horário, etc.

NOTA: Neste período as histórias são contadas pela professora. Sugestões de Histórias:

"A Bela adormecida no bosque"; "O Menino da mata e o seu Piloto"; "Os anões e o alfaiate"; "Chapéuzinho Vermelho"; "Rosa Branca e Rosa Vermelha"; "Margarina e o Veado"; "O ganso dourado"; "As duas fadas"; "Joãozinho e Maria".

NOTA: A repetição das histórias tem por fim fazer a criança aprender melhor a experiência e os fatos.

3.º — Gravuras:

- a) apresentar gravuras que contenham um fato completo;
- b) colecionar gravuras sobre Tiradentes, sobre o descobrimento do Brasil e sobre a escravidão, ou mostrá-las nos livros;
- c) conversar sobre o conteúdo dessas gravuras, nos dias próprios;
- d) leituras de histórias mudas.

As gravuras podem ser recortadas das revistas infantis, de suplementos, ou aproveitadas de livros, como:

“Fundo de saco”, de Benjamin Rabier; “Escutem”, de Benjamin Rabier; “Filmes”, de Hellé.

4.º — Excursão — indicada pelo interesse da classe.

5.º — Dramatização.

Sugestão:

“Os três porquinhos”.

6.º — Poesia.

Ler e fazer decorar poesias.

Sugestão:

“O ninho do Tico-Tico”, de Zalina Rolim; “Xô, passarinho”, de Zalina Rolim, outras desse tipo.

7.º — Histórias lidas pela professora:

- a) ler uma história curta e mostrar as gravuras;
- b) conversar sobre a história, medindo a compreensão e a apreciação das crianças.

Sugestões:

“Pituchinha”, de Marieta Leite; “Bonequinha Preta e Bonequinho Doce”, de Alaide Lisboa de Oliveira.

Outras atividades:

Devem ser aproveitadas as oportunidades dos aniversários das crianças para organização de pequenos programas dedicados ao aniversariante. São situações naturais para desenvolver a linguagem e dar motivos para a criança falar.

Os programas podem constar de:

- a) uma história inventada especialmente para o aniversariante;
- b) poesias recitadas;
- c) repetição de uma dramatização realizada;
- d) votos expressos espontaneamente e em poucas sentenças por várias crianças;
- e) agradecimento do aniversariante, etc.

Programa para os dias festivos, como dia de São João, São Pedro ou de Santo Antônio, etc.

Estas comemorações têm a grande vantagem de trazer a vida para dentro da escola. Bem aproveitadas, são excelentes oportunidades para o desenvolvimento da linguagem, fazendo-se:

- a) comentários e conversa sobre a comemoração assistida ou a realizar-se;
- b) poesias dentro do assunto;
- c) histórias e lendas que se prendam à data, etc.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

Atividades:

Nos dias próximos às datas cívicas de 7 e 21 de setembro todas as atividades devem ser associadas ao assunto da comemoração.

1.º — Conversa;

2.º — Histórias contadas pela professora;

Sugestão para a “Hora de Histórias”:

“Os músicos de Bremen”; “O príncipe Sapo”; “O afaiate valentão”; “O menino da mata e o seu Piloto”; “Os doze cisnes selvagens”; “O pequeno polegar”; “Riquete Topetudo”; “O isqueiro encantado”.

3.º — Gravuras:

- a) apresentar gravuras que contenham um fato incompleto;
- b) estimular a classe para que cada criança complete a história da gravura de uma maneira;
- c) escrever no quadro a história mais bonita;
- d) estimular as crianças a completarem a história da gravura;
- e) expor os desenhos mais bonitos;
- f) apresentar gravuras que contenham um fato completo;
- g) ler histórias mudas;

4.º — Excursão de acórdio com o programa de ciências naturais;

5.º — Dramatização — Tipo, “Os três ursos”;

6.º — Poesias — Ler e fazer decorar pequenas poesias, a exemplo de “A Boneca”, de Olavo Bilac;

7.º — Histórias lidas pela professora — Ler as histórias mais interessantes do livro de “Histórias para pequeninos” de Francisco Viana, e outras do mesmo gênero.

OUTUBRO E NOVEMBRO

1.º — Conversa.

2.º — Histórias contadas pela professora.

Sugestão para a “Hora de Histórias”;

“Branca de Neve”; “A gata borralheira”; “Margaridinha e o veado”; “O velocino de ouro”; “A bela adormecida no bosque”; “O gato de botas”; “Os doze cisnes selvagens”; “A gatinha branca”; “Rapunzel”.

3.º — Gravuras:

- a) estimular as crianças para trazerem gravuras de revistas e suplementos que irão colocando num canto do quadro-negro;
- b) um vez por semana, agrupar, as gravuras de acôrdo com o conteúdo e conversar sôbre elas;
- c) apresentar gravuras associadas ao descobrimento da América, vida de D. Pedro II, da Princesa Isabel, do Duque de Caxias, etc.
- d) conversar sôbre o conteúdo dessas gravuras.

NOTA: — As outras atividades de gravura dos períodos anteriores devem ser mantidas simultaneamente.

4) Excursão — Indicada pela necessidade da classe, de acôrdo com o programa de ciências.

5) Dramatização — Tipo da história: "Pituchinha", de Marieta Leite.

6) Poesia — Ler e fazer decorar poesias. Exemplo: "O remédio", de Olavo Bilac.

7) Histórias lidas pela professora — Ler cada dia uma parte do livro "Pinóquio", de Collodi, até o final.

Resultados — No fim do primeiro ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

1.º — Compreendem e respondem adequadamente às perguntas de adultos e de outras crianças.

2.º — Dão pequenos recados.

3.º — Falam em bom timbre de voz e cada um por sua vez.

4.º — Possuem uma experiência vivida, relativamente à casa, à comunidade, às plantas, aos animais, etc;

5.º — Interpretam e lêem gravuras sôbre experiências que se relacionam com a sua vida.

6.º — Têm boa articulação e boa pronúncia do vocabulário corrente.

7.º — Sabem recitar cinco poesias, no mínimo.

8.º — Conhecem e apreciam vinte histórias do nosso folclore.

LEITURA

O professor deve ter sempre em vista algumas diretrizes para o ensino da leitura através da escola primária. Em primeiro lugar, conhecer a natureza da leitura, para orientar-se de acôrdo com ela. É um processo difícil e complexo. Na leitura concorrem dois processos de naturezas diferentes: um processo mecânico e processo mental. O processo mecânico é muito mais fácil de ser adquirido do que o mental. Daí, os casos tão frequentes, nos meios escolares, de crianças que aparentemente lêem, mas que, na realidade, não lêem, porque não interpretam. A primeira preocu-

pação do professor, em todos os anos, desde o início, deve consistir em verificar o processo mental através do processo mecânico.

Em segundo lugar, não pensar o professor que vai ensinar a ler em um ou dois anos. Deve haver muita continuidade no processo de ensino do primeiro ao quarto ano. É nos anos superiores que notamos a deficiência do ensino nos primeiros.

Em terceiro lugar, deve ser lembrado que a leitura é ensinada na escola, porque ela é instrumento indispensável para a luta pela vida. E esse instrumento não se forma, enquanto a criança não tiver um profundo interesse para a leitura e "motivos imperiosos" que a obriguem a ler.

Há um segredo no ensino da leitura que, uma vez praticado, levará infalivelmente a classe mais numerosa ao êxito. É o interesse pela leitura, manifestado na vontade de aprender a ler. Ele é suficiente para fazer a criança aprender por si mesma.

No primeiro ano este programa se desenvolve em três fases, bem distintas: a primeira, a fase de leitura em fichas ou no quadro; a segunda, a fase da leitura no livro; a terceira, a fase da leitura ampla e variada.

FEVEREIRO, MARÇO, ABRIL, MAIO E JUNHO

(Fase da leitura em fichas ou no quadro)

É a fase mais importante do aprendizado da leitura, porque ela estabelece as bases para as demais.

Desde o início deve formar-se o hábito de associar sentido a todas as palavras lidas e, igualmente, fazer a criança pensar no que lê. Para isso, é indispensável que esse primeiro material seja muito interessante e fundamentalmente artístico. Deve estar rigorosamente dentro das formas de linguagem das crianças: — o vocabulário deve ser o familiar, o quotidiano; a estrutura das sentenças simples e as partes do discurso sempre claras.

A facilidade de fixar palavras e de ler inteligentemente em unidades de pensamento depende, quase que exclusivamente, desses elementos.

A leitura deve associar-se, naturalmente, a todas as matérias do programa. Essa correlação familiariza a criança com os símbolos e esse contacto incidental com palavras leva a criança facilmente a reconhecer sílabas e letras, por si mesma.

Como a atenção das crianças é muito curta, nesta fase, é preferível que haja muitos períodos de leitura, embora curtos, em vez

de um ou dois longos. A duração da aula deve ser controlada pelo interesse das crianças. No momento em que o professor sentir que o interesse vai declinando, deve mudar de atividade ou, então, de aula.

Geralmente, os alunos de primeiro ano perdem muito tempo nas aulas de leitura, principalmente nessa fase. Muito lucraria o professor que adquirisse o hábito de trabalhar com pequenos grupos de crianças, enquanto as outras se ocupassem em atividades que pudessem ser controladas. Enquanto se toma lição de um grupo grande, não se pode esperar que todas acompanhem a lição ou participem dela. É esperar demais da atenção delas. Um material suplementar abundante, embora simples, pode mantê-las bem ativas, durante todos os minutos destinados à leitura, e o resultado será muitas vezes maior.

Qualquer que seja o método adotado, deve ter-se muita cautela para não formar, nesta fase, os chamados "letores de palavras."

Esta primeira fase da leitura em fichas ou no quadro-negro absorve quase todo o primeiro semestre. O verdadeiro seria o professor seguir o método global de contos ou de sentençação, mas, no caso de seguir outro método, deve estar bem certo de que as crianças atingiram, no fim do primeiro semestre, os seguintes pontos:

- 1.º — devem ter formado a atitude para com a leitura do que ler, e extrair sentido da página impressa;
- 2.º — devem ter desenvolvido um grande interesse pelas atividades de leitura;
- 3.º — devem ler a sentença em unidades de pensamento;
- 4.º — devem reconhecer, rapidamente, no mínimo, 100 palavras do seu vocabulário corrente;
- 5.º — devem ter adquirido a habilidade de destacar palavras novas;
- 6.º — devem ter formado o hábito de associar sentido a todas as palavras lidas.

Atividades:

a) Exercício intenso, variado e interessante sobre as principais fases do método adotado;

b) atividades suplementares: jogos e exercícios vários para manter a criança ativamente ocupada durante todos os minutos destinados à leitura.

1.º — Combinar palavras com gravuras e gravuras com palavras.

2.º — separar palavras conhecidas de desconhecidas;

3.º — jogos diversos de palavras cruzadas;

4.º — exercícios de compôr palavras, compôr sentenças e compôr histórias, com fichas estudadas, etc.

c) Oportunidades abundantes para leitura ligada a outras atividades da classe.

1.º — Substituir ordens e avisos orais, por escrito, para que a criança os leia silenciosamente;

2.º — ensinar o nome de outras crianças da classe;

3.º — organizar o jornal — escrever diariamente num canto do quadro-negro duas a três experiências de grande interesse para a classe;

4.º — encarregar as crianças da organização diária do calendário com fichas do dia da semana, data e nome do mês e o ano;

5.º — fazer interpretar gravuras com sentenças sugestivas.

d) Exercícios orais para treinar a percepção auditiva da criança, como base aos exercícios de composição e decomposição da palavra:

1.º — usar rimas, por exemplo:

Marcha, soldado;

cabeca de papel.

Quem não marchar direito

vai preso para o quartel.

2.º — dizer várias palavras começadas pelo mesmo som e mandar que digam qual a parte comum das várias palavras;

3.º — fazer exercícios da mesma espécie com o som comum, ora no meio, ora no fim.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

(Segunda fase da leitura)

Leitura no Livro

A) Introdução do livro:

a) treinar a criança na maneira correta de abrir o livro e virar as páginas;

b) deixar a criança folhear o livro para acostumar-se com o nome, com os títulos das lições, com as gravuras, com as histórias conhecidas, etc.;

c) fazer ler as gravuras para apanharem o conteúdo da lição;

d) fazer verificar a numeração das páginas.

B) Atividades que preparem a criança para ler inteligente e correntemente no livro:

1.º — a) ler a história para as crianças ouvirem;

b) fazer dramatizar a história;

c) retirar da história sentenças, palavras e grupos de palavras mais difíceis, e fazer com elas exercícios de leitura no quadro ou em fichas;

d) mandar as crianças abrir o livro nessa história e ler as gravuras;

e) mandar ler a história em unidades de pensamento; isto é, ler por agrupamento natural de sentido e não palavra por palavra;

f) pedir que as crianças leiam a sentença que diz isto ou aquilo, ao invés de mandar, mecânicamente: "adiante", "bastante", etc. Deixar a criança parar, por si mesma, logo que tenha acabado de ler o que se lhe pediu;

g) retirar palavras da lição, escrevê-las em fichas e fazer com elas exercícios de exposição rápida, para aumentar a rapidez de reconhecimento;

h) fazer o mesmo exercício com grupos de palavras e com sentenças.

2º — Fazer leitura dramatizada para desenvolver naturalidade e expressão. Essa leitura consiste em fazer cada criança ler as palavras de determinado personagem, numa história dialogada.

3º — Exercícios para desenvolver a rapidez da leitura;

a) começar uma sentença e pedir que as crianças a procurem no livro e terminem;

b) ler uma sentença e mandar que as crianças a procurem para ver quem a acha primeiro.

c) manter, simultaneamente, com as atividades próprias deste período, as do período anterior. Treino contínuo do reconhecimento de palavras e de grupos de palavras com cartões relâmpagos.

Outras atividades com o livro adotado:

1º — ler silenciosamente uma história e desenhar-lhe algumas cenas;

2º — ler silenciosamente para indicar as sentenças que respondem às perguntas;

3º — ler silenciosamente para verificar se a história pode ser dramatizada;

4º — ler para indicar o trecho mais bonito, etc.

NOTA — O professor deve observar, quanto possível, as diferenças individuais de sua classe, que são maiores, agora, do que em qualquer outro período de leitura. Por isso, o material deve ser o mais variado, interessante e de várias forças.

Nesse período cada criança deve, no mínimo, ler três livros.

OUTUBRO E NOVEMBRO
(Terceira fase da leitura)

Leitura ampla e independente

É o período mais rico de leitura do primeiro ano. As atividades dos dois primeiros períodos devem ser mantidas.

A) *Leitura oral:*

Neste último trimestre, o professor deve ter a preocupação de conduzir a leitura em situações próprias, isto é, fazer a criança ler uma coisa interessante para um auditório interessado. Cada criança escolhe uma história, estuda-a bem e lê o trecho mais bonito para a classe. O resto da história pode ser contado oralmente. Todos discutirão, em seguida, o valor da seleção e as qualidades da leitura. Através dessa discussão, vão-se estabelecendo as normas da leitura para a classe.

B) *Leitura silenciosa:*

A leitura silenciosa deve desenvolver-se através de motivos variados. O professor deve verificar a vocalização e o movimento de lábios.

C) *Leitura independente*, na mesa da biblioteca e em casa, para informação ou prazer:

Uma vez por semana, reunir as crianças e conversar relativamente aos livros e histórias que têm lido, para despertar o interesse pela leitura de bons livros e estimular a leitura freqüente.

D) Manter as atividades do período anterior. Treino diário de reconhecimento rápido de palavras e de grupos de palavras com cartões relâmpagos.

No fim deste trimestre as crianças devem ter lido, no mínimo, três livros.

No fim do primeiro ano devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- têm um grande interesse pela leitura;
- absorvem-se na leitura;
- lêem silenciosamente sem movimento de lábios;
- lêem alto em unidades de pensamento;
- respondem e fazem perguntas sobre o conteúdo;
- sabem abrir o livro, conhecem a ordem das páginas, sabem usar o índice.

Sugestões para a leitura no primeiro ano:

Pituchinha", Marieta Leite; "Bonequinha Prêta e Bonequinho Doce", de Alaide Lisboa de Oliveira; "Cartilha Analítica", de Arnaldo Barreto, "Cartilha", Proença; "Leitura Princiante", de Erasmo Braga; "Leitura Intermediária", de Proença; "Cartilha do Bebê", de Narbal e Ofélia; "O Livro de Lili", de Anita Fonseca.

COMPOSIÇÃO

A composição aprende-se através do exercício, e daí dizer-se que a criança aprende a escrever, escrevendo. De fato, essa é a

primeira condição, como também é o grande obstáculo da realização de um programa de composição. Em classes numerosas, com cinqüenta ou mais composições para serem corrigidas diariamente, tal realização é quase impossível.

Mas é preciso que elas sejam diárias. Como, então, resolver o problema? É a lei do exercício que vai resolvê-lo. Em primeiro lugar, o que é essencial na *composição* e o *desenvolvimento geral da idéia, a sua riqueza em colorido e a sua variedade*. E o treino mais difícil na composição não é, de maneira alguma, o treino na correção das formas gramaticais, mas, sim, o *treino no desenvolvimento e na organização das idéias, na clareza da exposição etc.* Esse treino depende do enriquecimento das experiências, das leituras feitas, do tema e da maneira de o professor apresentá-las, das outras matérias e, muito também, da personalidade do professor e do ambiente geral da escola.

É justamente esse treino que exige que a composição seja diária.

A correção gramatical vai-se conseguindo aos poucos, *fruto da maturidade da criança* e da persistência do professor.

O problema das composições trás consigo, principalmente, o problema da correção das mesmas. Como, então, corrigi-las?

Em primeiro lugar, as correções devem ser sempre coletivas. O professor lê uma a uma, separa as melhores, marca o aspecto bom de tôdas, seja uma palavra ou uma expressão. Comenta, na classe, os aspectos gerais das composições e lê as melhores, duas, três, ou mais, e cita uma particularidade interessante de cada uma das outras, para estimular seus autores. A correção da composição diária consiste apenas nesse comentário, em sugestões das crianças na classe, na leitura de vez em quando, de um bom modelo que venha corrigir uma falha em vista, etc.

Os erros gramaticais vão sendo corrigidos aos poucos escolhidos entre os mais graves e os mais frequentes.

Corrige-se um erro de cada vez e não se passa a outro enquanto o primeiro não estiver bem eliminado na classe. Duas a três vezes por semana o professor faz a correção gramatical, em seguida, a correção da organização dos fatos e do desenvolvimento da idéia.

Para a correção dos erros gramaticais, o professor pode adotar o critério seguinte: — sublinha, nas composições, com um leve traço, o erro que está atacando. Tira exemplos das próprias composições, faz com êles exercícios de correção, orais e no quadro, usa o livro adotado para ilustrá-los e, finalmente, manda cada criança que tem o erro sublinhado corrigi-lo oralmente, para que todos verifiquem o seu caso particular. Em seguida mandará corrigi-lo na própria composição. Os erros que são bem atacados, logo se

corrigem. Mas, há erros que são devidos mais a uma maneira imprópria de se dar a composição: originam-se frequentemente, dos temas remotos da experiência das crianças.

Elas devem escrever sobre aquilo de que tenham muito que dizer. E não é só isso. É necessário que, antes de elas escreverem, o professor mantenha uma conversa viva, interessante e variada para despertar-lhes associações novas, evocar-lhes experiências passadas dar-lhes normas e sugestões e interessá-las vivamente pelo que vão escrever.

A imitação é um fator poderoso para a composição. Leituras, comentários sobre leituras, cópias de trechos de boa forma devem ser dados com frequência.

PRIMEIRO SEMESTRE

A composição deve começar, no primeiro ano, antes, talvez, de a criança dominar a escrita e a ortografia.

Os primeiros exercícios serão feitos coletivamente, mas logo se tornarão, também, individuais. Devem ser muito frequentes sem nunca se perder de vista a motivação.

Os primeiros produtos serão simples, infantis e sinceros.

*

Nenhuma composição deve ser dada com o fim exclusivo do exercício, mas deve ter um motivo real para a criança. Tôdas as oportunidades para escrever cartas devem ser aproveitadas: uma criança da classe que está falhando por doença, aniversários de pais e irmãos dos alunos da classe, aniversários de pessoas amigas da escola, etc. Essa atividade tem um grande significado para a vida da criança e da escola. Dá o hábito da correspondência, ligando a vida escolar com a vida extra-escolar.

As correções devem visar sempre ao aspecto positivo das composições. Comenta-se o lado bom de cada uma e leva-se a classe a imitar.

Atividades:

A) Exercícios de composições de pequenas histórias, usando as fichas de palavras da lição de leitura:

- a) mandar cada criança compor a sua;
 - b) mandar ler;
 - c) comentar com a classe, fazendo sobressair os bons aspectos de cada uma;
 - d) escrever no quadro ou na cartolina as mais bonitas.
- B) Exercícios de composição, usando as fichas:

- a) mandar compor uma pequena história com as fichas de palavras;
- b) mandar copiá-las no caderno;
- c) mandar ler a composição para a classe;
- d) comentar, salientando os lados bons.
- C) Exercício, em cooperação, de composição de uma história:
- a) tornar o motivo bem claro para as crianças;
- b) pedir colaboração da classe;
- c) comentar cada contribuição, escrevendo a melhor no quadro;
- d) mandar copiar nos cadernos;
- e) mandar ilustrá-la;
- f) comentar a escrita e a ilustração.
- D) Exercícios coletivos de composição de uma carta:
- a) fixar claramente o motivo para a classe;
- b) pedir colaboração;
- c) comentar as contribuições;
- d) mandar copiar nas folhas de papel;
- e) mandar ilustrar;
- f) comentar a escrita e a ilustração;
- g) escolher as mais bonitas quanto à escrita e à ilustração para enviar pelo correio ou pelo portador.
- E) Exercícios de composição de história sobre uma gravura de sentido completo:
- a) ouvir as várias contribuições;
- b) comentar e escolher a melhor figura para figurar como interpretação da gravura, etc.
- F) Exercícios coletivos de redação de convites para reuniões e festas na escola.
Seguir o mesmo critério.

SEGUNDO SEMESTRE

- A) Atividades coletivas e individuais, segundo o mesmo processo das do primeiro semestre.
- B) Composição independente de cartas, convites, recados, que deve ser assim dirigida:
- a) fixar claramente o motivo para a classe;
- b) mandar a criança pensar para depois escrever;
- c) deixar conferir fichas da leitura para facilitar a ortografia de algumas palavras;

- C) Exercícios de composição sobre cada cena de uma história muda:
- a) expor a história muda;
- b) estimular a interpretação escrita da cena;
- c) comentar e escolher as interpretações mais interessantes para figurarem debaixo de cada cena.
- D) Exercícios de composição de avisos e de ordens:
- a) mandar escrever uma história;
- b) comentar e escolher a melhor.
- E) Composição de cartas enigmáticas.
No fim do primeiro ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:
- a) têm um vivo interesse pelo trabalho de composição;
- b) conhecem os seguintes pontos da técnica de escrever;
- 1 — o ponto final no fim de cada sentença;
- 2 — o ponto de interrogação no fim de uma sentença interrogativa;
- 3 — a letra maiúscula no princípio de cada sentença;
- 4 — a letra maiúscula nos nomes de pessoas, lugares, etc.;
- c) têm relativa facilidade em dar contribuições para os exercícios coletivos;
- d) compõem com boa seqüência histórias com cinco fatos.
- 1 — resumo esquemático:
- a) mandar ler um trecho ligado a qualquer matéria do programa;
- b) mandar fazer o esquema do que foi lido.
- NOTA — Seguir as outras atividades indicadas para o mesmo fim, no terceiro ano.
- A) Atividades coletivas para desenvolver a pontuação:
- 1 — exercícios de pontuação de histórias:
- a) escrever uma história, sem pontuação, no quadro;
- b) mandar uma criança lê-la tal qual;
- c) pedir sugestões quanto à pontuação;
- d) mandar ler, novamente, depois de pontuada;
- e) fazer a criança sentir a pontuação, através da expressão na leitura.
- 2 — Exercício individual de pontuação de uma história:
- a) ditar um trecho fácil que não apresente dificuldades ortográficas, para a classe;
- b) mandar as crianças pontuá-lo de acordo com a expressão da leitura;
- c) ler, novamente, o trecho para as crianças conferirem a sua pontuação.
- 3 — Apresentar casos curiosos de pontuação.

Ex.: — "Manuel vai ser enforcado hoje. Se V. Excia. concorda, eu não. Discordo".

Alterado pela pontuação:

"Manuel vai ser enforcado hoje. Se V. Excia. concorda, eu não discordo."

B) Atividades para desenvolver o treino de formas pronominais, verbais e possessivas da 2.ª pessoa do singular, 2.ª pessoa do plural e do tratamento de V. Excia.

1 — Mandar escrever cartas com esses tratamentos.

2 — Mudar o tratamento das cartas.

3 — Estabelecer relação entre a linguagem escrita e a falada, fazendo variar, na classe, o tratamento, ora de 2.ª pessoa do singular, ora de 2.ª pessoa do plural ou de V. Excia.

4 — Dialogar uma história interessante.

D) Usar as demais atividades indicadas para o 3º ano.

No fim do quarto ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

a) revelam habilidade de escrever cartas apropriadas a várias situações mais comuns;

b) revelam a capacidade de escrever com clareza e boa organização uma série de parágrafos sobre um determinado assunto de seu conhecimento.

*

ORTOGRAFIA

Muito pouco precisa saber a professora sobre o ensino da ortografia para conseguir que seus alunos escrevam com correção. A ortografia não depende do raciocínio, e a repetição é a lei fundamental em que se apoia o seu aprendizado.

As causas principais dos erros de ortografia são devidas à percepção auditiva. Isso, geralmente, e, muitas vezes, mais freqüentemente, com crianças que têm pronúncia ou uma articulação defeituosa. As trocas de letras, tão freqüentes, são sempre evitadas quando se tem a preocupação de corrigir a articulação e a pronúncia da palavra.

O ensino da ortografia, como o de todas as matérias do programa, deve ter meios de *contrôle*. Enquanto não se dispõe de outros recursos, o livro de leitura adotado na classe pode servir de base para a seleção de palavras. Pode ser completado com listas de palavras fornecidas pelos erros nos exercícios escritos e com as palavras que se tornarem necessárias para a expressão escrita da criança.

O aprendizado da ortografia deve ser quanto possível individual. Pode ser adquirido através do treino isolado de palavras ou através de textos.

Não deve ser feito exclusivamente nem uma maneira nem de outra. O mais verdadeiro seria fazê-lo dentro de um pensamento, mas torna-se, às vezes, insuficiente.

O treino de palavras só é eficiente quando o professor se mantém rigorosamente dentro das palavras do domínio da criança. Isso porque o fim exclusivo do ensino da ortografia é formar a imagem motora automática das palavras do vocabulário oral da criança.

O melhor método de ensino consiste em evitar a ocasião do erro. Por isso, as palavras devem ser dadas acompanhando o desenvolvimento das crianças, nas várias matérias.

Os critérios de seleção de palavra para cada ano devem ser:

1º) freqüência nos exercícios escritos;

2º) estrutura difícil das palavras.

Os trechos escolhidos para o ditado devem ter um caráter acentuadamente artístico.

*

O ensino da ortografia no primeiro ano consiste em duas fases, bem distintas. A primeira, a fase do aprendizado baseada na percepção visual da palavra. A segunda, a fase baseada na percepção auditiva e, freqüentemente, também, na visual.

1º Semestre

A) Exercícios baseados na percepção visual da criança. O professor escreve a palavra no quadro, as crianças olham. Em seguida, apaga a palavra e as crianças a escrevem nos seus cadernos.

B) Exercícios para desenvolver a articulação e a pronúncia das palavras: recitar rimas.

C) Exercícios para desenvolver a firmeza de articulação:

a) fazer dizer muitas vezes palavras ou rimas, como: papacapim, o ninho de mafaganifos;

b) mandar a criança articular a palavra na frente da classe, mas sem pronunciá-la, e mandar que as outras adivinhem a palavra.

2º Semestre

O momento de se introduzir a segunda fase, baseada na percepção auditiva, é quando, na leitura, os alunos adquiriram a capacidade de reconhecer palavras por si mesmos.

A) Exercícios com palavras constituídas de letras cujas combinações com as vogais dão sons simples. Ex.: — bola, peteca, etc.

B) Exercícios com grupos de palavras que apresentem uma mesma dificuldade ortográfica, como palavras com: cr; fl; lh; etc.

a) palavras que não prescindem da apresentação escrita, como *homem, descida*, etc.;

b) palavras começadas por *se* e *ce*;

c) palavras com *x*: *enxada, enxoval*, etc.;

d) palavras com *g* e *j*, etc.

D) Exercícios para desenvolver a firmeza de articulação e pronúncia, citados no período anterior.

E) Ditado em unidades de pensamento de historietas de 4 a 5 sentenças interessantes e bem escritas.

F) Testes semanais ou quinzenais de ortografia para medir o progresso das crianças.

No fim do primeiro ano as crianças devem ter adquirido o seguinte desenvolvimento:

a) escrevem, sob ditado, historietas dentro de um sentido familiar;

c) conhecem a ortografia das formas verbais usuais de sua linguagem corrente, nos tempos — presente, pretérito perfeito e imperfeito, do modo indicativo; particípio presente e passado; infinito;

d) dividem palavras formadas de sílabas simples.

ESCRITA

A escrita não é tão insignificante para o preparo geral de uma pessoa de modo que seja desconsiderada num programa. E tanto assim é que, depois de anos em que tem sido mais ou menos abandonada, volta a ocupar a atenção do professor com o seu processo analisado e os seus objetivos bem definidos.

A escrita é um meio de comunicação e a vida exige, nela, principalmente, duas qualidades: *rapidez* e *legibilidade*.

Ao professor é indispensável saber os graus de perfeição que essas qualidades podem atingir na escola, as condições que podem afetar sua aquisição e desenvolvimento e o tempo que isso absorve.

Os movimentos na escrita são determinados pela posição da criança na carteira, pela colocação do papel e a maneira de pegar a caneta ou a pena.

O movimento mais importante é o da mão ao longo da linha, enquanto se formam as letras. É feito pela rotação do braço em torno do cotovelo ou em torno do ponto de apoio do braço na mesa. Quando este movimento não é propriamente desenvolvido, a

mão fica muito presa e dura, e as letras ficam mal formadas. Se ele não se faz contínua e regularmente, a inclinação e a forma das letras ficam muito defeituosas.

A criança deve sentar-se bem defronte da carteira. A altura do assento deve permitir que os seus pés descansem bem no chão e as suas pernas fiquem paralelas à superfície do banco. Deve sentar-se bem atrás na cadeira e com a cabeça sempre alta. Para evitar que se tenha de curvar para a frente, aproxima-se a cadeira da mesa, de modo que os pés da criança, fiquem debaixo da mesa. A altura da mesa deve ser de molde a permitir que o braço direito descansa naturalmente sobre ela.

O papel deve ser colocado diante da criança ligeiramente inclinado, de modo a fazer com o bordo inferior da carteira um ângulo de 30° mais ou menos.

A linha de escrever fica, assim, paralela à diagonal traçada no canto inferior da carteira ao canto superior, nas nossas carteiras normais. A mão deve apoiar-se no 3° e 4° dedos e nunca na base ou no lado da mão.

O lápis e a caneta devem ser segurados, naturalmente, e os dedos não se devem amontar para segurá-los. Devem ser mantidos entre o dedo grande e o indicador, sendo que este mais perto da pena ou da ponta do que aquele.

Devemos encarar não só o movimento, mas o seu ritmo. As ações musculares não alcançam o seu inteiro objetivo quando não se coordenam num ritmo natural. O ritmo facilita não só a rapidez como a legibilidade.

A escrita, como todas as atividades, deve ser controlada sistematicamente pelo professor.

As normas que servem de base para medi-la são, quanto à legibilidade:

- 1) espaçamento das palavras;
- a) espaçamento das linhas;
- 3) inclinação da escrita;
- 4) forma, tamanho e espaçamento das letras;
- 5) regularidade das letras e da inclinação;
- 6) ausência de floreios.

A qualidade mede-se, também, pela *disposição geral*:

- 1) margem;
- 2) centragem de títulos;
- 3) aberturas de parágrafos.

Pela limpeza

- 1) Rasuras;
- 2) borrões;
- 3) cuidado geral.

A rapidez mede-se fazendo a criança escrever durante um certo número de minutos, geralmente, um a dois minutos. Divide-se o total das letras escritas pelo número de minutos. O cociente representa a rapidez.

A escrita aprende-se através de repetições atentas dos movimentos, até que se tornem automáticos. Para assegurar a eficiência das repetições, devem estar estas associadas a algum motivo real para a criança. Uma boa motivação de que o professor pode lançar mão, para melhorar a escrita das crianças, é interessá-las no seu próprio adiantamento, marcando os seus erros, sugerindo meios e exercícios para corrigi-los e registrando os seus progressos.

O fim principal do ensino no primeiro ano consiste em desenvolver a coordenação motora, estabelecer liberdade de movimento e o ritmo desses movimentos.

As aulas devem, por isso, começar com exercícios preparatórios no quadro para facilitar o movimento amplo e assegurar o movimento do braço. Os exercícios no papel devem ser grandes, e as letras, de tipo comum, devem ter a largura de um centímetro e meio e manter esse tamanho através de todo o primeiro ano. A princípio o papel deve ser sem pauta. Dessa maneira a criança adquire o hábito de escrever tanto no papel pautado como no sem pauta, sem treino especial.

Os exercícios de escrita podem ser associados às aulas de leitura. A criança deve, de preferência, começar a copiar as frases e sentenças, mas imitando o movimento da professora. Ao lado desse exercício podem ser feitos outros, visando a formação das letras, sem preocupação de grande perfeição. À medida que vão melhorando, o professor pode ir sugerindo regularidade, quanto ao alinhamento e formação das letras.

Atividades:

- a) exercícios ritmados no quadro ou no papel, contando alto;
- b) exercícios de cópia motivada de sentenças curtas com palavras curtas;
- c) exercícios para a formação das letras minúsculas, maiúsculas;
- d) exercícios de escrita de números em coluna;
- e) exercícios de escrita de palavras de vários tamanhos em coluna;
- f) exercícios seguidos para desenvolver a forma das letras;
- g) exercícios seguidos para desenvolver o alinhamento;
- h) exercícios seguidos para desenvolver a rapidez.

(Depois de seis meses de aprendizado de escrita, alguns exercícios para desenvolver a rapidez podem ser iniciados. Dar uma palavra curta e ver quantas vezes podem escrevê-la durante um mi-

nuto. Expor os resultados. Repetir o mesmo exercício com a mesma palavra e, depois, exercícios com palavras diferentes. Esse exercício deve ser feito cada mês).

1) exercícios de cópia para exposição das melhores em "Nosas melhores escritas", uma vez por semana.

No fim do primeiro ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- 1) têm uma boa atitude para com a escrita;
- 2) escrevem 40 letras num minuto;
- 3) têm uma boa posição habitual;
- 4) formam bem as letras, têm a inclinação e o espaçamento mais regulares;
- 5) revelam um domínio relativo de movimentos e alguma leveza de traços.

Considerações sobre o ensino da Aritmética e da Geometria no curso primário

A Aritmética, se ensinada com o objetivo exclusivo de ensinar Aritmética, sem atender a necessidades reais e sem corresponder a situações que, de fato ou provavelmente, ocorrerão, não alcançará seu objetivo verdadeiro, que é ensinar ou auxiliar o aluno a estimar, medir, comparar, avaliar, calcular, tornando-o eficiente no uso e aplicação dos números.

Se tudo que nos cerca existe em alguma medida, torna-se necessário, para avaliar com exatidão, reconhecê-lo no seu aspecto de relação. Bastaria este fato para justificar o lugar da Aritmética num programa de ensino. No entanto, não são poucos os conhecimentos aritméticos adquiridos na infância e que, por falta de aplicação, pouco duraram, dêles restando a lembrança, muitas vezes amarga, de energia e tempo despendidos inutilmente. É costume dar aos alunos, por exemplo, o cálculo de juros, em qualquer prazo, a qualquer taxa, descuidando-se daqueles casos real e atualmente mais usados. O aluno sabe aplicar muito bem a fórmula "cit100" e, contudo duvidará diante de uma caderneta de Caixa Econômica, para calcular os juros de um semestre. Saberá resolver problemas a cuja redação se habituou na escola, com frações 57/123, 17/19, etc., e talvez se visse embaraçado se lhe dissessem: "Volte daqui a três quartos de hora". Hábeis em problemas considerados difíceis, na escola, são os alunos, não raras vezes, incapazes de dizer, prontamente, o preço de uma compra ou interpretar uma pequena notícia de jornal, isto é, aplicar a *Aritmética aprendida na escola* aos problemas corriqueiros de todo dia. É que entre a Aritmética da escola e a Aritmética da vida levantou-se uma barreira, quando uma e outra deveriam ser a mesma. Tal não teria acontecido se os conheci-

mentos fornecidos pela Aritmética na escola tivessem sido aqueles que a própria vida exige dos indivíduos e nas situações que lhes são mais comuns, isto é, se a escola houvesse introduzido a Aritmética dentro de sua função natural.

As atividades dos próprios alunos, as atividades da classe, da escola, fornecem excelente material para o ensino dos números, especialmente no primeiro ano, quando a criança vai à escola com algumas experiências, bem ou mal definidas. Sabe dizer os nomes dos números — um, dois, três, quatro, cinco vinte e cinco, etc., mas aceitará, satisfeita, a troca de um níquel de Cr\$0.40 ou de uma pratinha de Cr\$0.50 por alguns níqueis de dez centavos, atraída pelo número de dez centavos, apesar da diferença de valor. Ao professor dos primeiros anos está reservada a parte mais delicada do programa. Cumpre-lhe oferecer aos alunos situações *oportunas, atuais*, em que os números entrem necessariamente, auxiliando-os na interpretação das mesmas e levando-os a formar imagens claras e definidas das relações numéricas.

Encontram-se facilmente alunos que sabem a técnica das operações, porque se habituaram a fazê-las. Não tão facilmente se encontram aqueles que sabem "quando" e "como" devem aplicar as operações, porque não lhes foi desenvolvida a capacidade para *compreender e interpretar* as diferentes situações, e nem a habilidade para empregar, selecionando, os seus recursos aritméticos.

Todo trabalho deve ser desenvolvido através de problemas que são situações significativas. Os problemas derivados de projetos ou atividades correspondem a fontes de interesse para a introdução do trabalho formal dos fatos aritméticos e processos. Ex.: Em uma classe, discutidos os meios para a exposição permanente de trabalhos dos alunos (composições, desenhos, gráficos, etc.) chegam à conclusão de que uma barra de pano satisfaria bem, porque, sem furar muito a parede, comportaria grande número de trabalhos, presos com alfinetes.

Qual seria então, a fazenda? Quantos metros bastariam? São questões que logo surgem. Calculadas as medidas, pelos próprios alunos, viram que 4 metros e 25 centímetros chegariam para uma parede, e 2 metros e meio para a outra. Escolhida a fazenda decidiram por uma de Cr\$1,60 o metro.

Quanto gastariam, então. Necessariamente, este problema terá de ser resolvido. E, como a classe ainda desconhece a técnica da multiplicação decimal, é bem provável que o problema seja assim solucionado:

4 metros, a Cr\$ 1,60	Cr\$ 6,40
¼ do metro	Cr\$ 0,40
4 metros e ¼	Cr\$ 6,80

2 metros	Cr\$ 3,20
½ metro	Cr\$ 0,80
2 metros e ¼	Cr\$ 4,00
	Cr\$ 6,80
	Cr\$ 4,00
	Cr\$10,80

Esta solução é uma contribuição valiosa à regra que elabora-
ção oportunamente.

Será fácil, depois desses dois problemas e de outros semelhantes, mostrar a multiplicação de 4,25 por Cr\$ 1,60. E de 2,50 por Cr\$ 1,60. Ou de 6,75 por Cr\$ 1,60. Compreenderão mais facilmente o processo da multiplicação de um número inteiro por um decimal. E as razões que a suportam. Aceitarão, racionalmente, o resultado "Cr\$ 6,80" e não o resultado "Cr\$ 680,00"; "Cr\$.. 4,00" e não Cr\$ 400,00.

4,25	4,25
1600	1600
-----	-----
2550	2550
425	425
-----	-----
68000	680000 etc.

Estes problemas e alguns outros semelhantes não serão, todavia, suficientes à resolução precisa da multiplicação de um número inteiro por um decimal. Mas o interesse despertado pelo problema, que foi realmente "um problema da classe" e que fez, por isso mesmo, um apêlo à capacidade de pensar dos alunos, permite-lhes aceitar, de boa vontade, os exercícios formais, necessários à fixação e à rapidez do processo.

A princípio, os problemas devem ser orais, com uma operação apenas, *lúcidas*. Depois, com duas operações e assim sucessivamente, acompanhando o desenvolvimento intelectual dos alunos e contribuindo para o mesmo.

Sómente quando o aluno reconhece no trabalho algum valor é que a ele se entrega interessadamente. Esse valor só poderá ser realizado através de situações que representem experiências suas. Problemas dessa natureza despertam o interesse para possuir os instrumentos necessários à solução. E, como o esforço é uma consequência natural do interesse, o aluno aceitará os exercícios formais,

seriados, para ganhar o domínio sobre os mesmos. Depois de *compreender*, através de problemas, a formação dos números pela soma, subtração, multiplicação e divisão isto é, depois de *compreender* que 5 mais 7 são 12 que 10 menos 8 são 2, que 5 vezes 4 são 20, que 21 dividido por 3 são 7, etc. por que não associar rapidamente esses resultados à indicação das operações chegando, pelo exercício, à automatização dos mesmos?

Tôda dificuldade será, pois, considerada como um problema. Vencida a dificuldade que o mesmo encerre e feita a verificação por meios *objetivos*, problemas adicionais serão dados. Em seguida, exercícios para maior precisão e rapidez.

O trabalho será enriquecido com problemas reais e atuais (especialmente nos primeiros anos), que *decorram das experiências dos alunos, que os interessem, que os estimulem a raciocinar, que promovam associações úteis.*

Os problemas trazem *vida* ao trabalho, quando bem aproveitados, além de fornecerem *motivos* para o estudo. Dão *finalidade* às operações, além de exercitarem as habilidades que desenvolvem nos alunos.

As situações problemáticas do momento, isto é, as atuais, aquelas que a criança vê, sente, vive, são as mais ricas para seu desenvolvimento. "Por que não levar o aluno a tomar nota de suas próprias despesas na escola ou mesmo fora da escola?" (Aproveitando sempre a oportunidade para *desenvolver o julgamento do aluno e educá-lo*. Estabelecendo confronto entre despesas feitas nos diversos meses ou semanas. Confronto entre despesas de um e outro aluno. Interessá-los pelas compras da escola. Pelas despesas gerais de classe. Problemas sobre horários. Problema sobre a merenda. Sobre a alimentação racional. Sobre a frequência (percentagem de alunos frequentes em cada classe, na escola). Problemas sobre os resultados dos testes. Sobre o movimento da biblioteca (aquisição de livros, encadernação, caixas, manutenção da biblioteca). Movimento e vida do jornalzinho escolar, dos diversos clubes, grêmios ou associações, loja de fornecimentos, etc. Problemas derivados de notícias de jornais — comércio importação e exportação, população, anúncios, etc. etc." Em certa escola primária por iniciativa de seu jornalzinho, resolveram os alunos fazer doação de uma casinha para os pobres, na Cidade Ozanam. Começaram com pequenas contribuições mensais, durante dois anos, e terminaram com um festival que satisfizes plenamente ao móvel da iniciativa, além de permitir fazer outras doações a instituições de caridade. Jamais a Aritmética fôra tão vivida pelos alunos nessa escola. Eram os cálculos para conhecerem as contribuições mensais de cada classe, de tôdas as classes, quanto faltava para os Cr\$

3.500,00 desejados. As medidas que sugeriam para levantar o capital mais rapidamente. Movimento de pequenas cifras de trabalhos. Os preparativos de ordem econômica para o festival, como: montagem de uma peça, fantasia para os alunos, requerimentos, impressão de programa, anúncios no mesmo, impressão de ingresso, etc., etc; levantaram problemas muito interessantes que não apenas revelam aos alunos o auxílio que a matéria lhes prestava nas diversas circunstâncias como contribuíam eficientemente para o seu desenvolvimento, em diversos aspectos — intelectual, social, cívico, religioso, moral. Os mesmos problemas, imaginados, não teriam despertado tanto interesse e nem provocado igual curiosidade intelectual. Contudo, os *problemas não atuais não poderão ser exclusivos no trabalho. Outros tipos deverão ser introduzidos*, além de outros exercícios para fixação e rapidez, jogos, etc., etc.

O interesse que se consegue através dos problemas, em cada caso particular, deve estender-se, de modo geral, ao conhecimento da disciplina, fazendo-se o aluno sentir a necessidade do auxílio da aritmética na solução dos problemas. E assim, a aprendizagem se tornará mais um trabalho de atrativos e satisfações do que propriamente um esforço obrigatório.

Em resumo: Tôdas as matérias oferecem farta contribuição para a tarefa importante do professor, que é a de desenvolver no aluno motivos fortes para ação que eleva, para a ação que dignifica. A aritmética aplicada à economia doméstica vem auxiliar a resolução de questões úteis presas à habitação, ao vestir, à alimentação, às distrações, à administração da família (rendas e despesas, gastos supérfluos, etc.), etc., etc. Entre os motivos, encontram-se aqueles que se prendem à educação cívica do aluno — o estudo das manifestações da vida econômica: agricultura; mineração; comércio (de importação e exportação); comunicação; administração pública (da região, do município, do Estado, do País; os impostos, seu emprego); previdência social; finanças (a moeda, valorização, etc); etc. etc. Assim as questões presas à economia política e à ciência das finanças que podem ser facilmente interpretadas no curso secundário, onde encontram um lugar mais favorável para serem ventiladas, mas que devem ser iniciadas no curso primário, aproveitando o professor somente aqueles aspectos que possam levar à compreensão de algumas das condições, natureza e constituição da Pátria, para formar no aluno o sentimento de responsabilidade e a mais perfeita consciência do dever.

O ensino da Geometria, como o da aritmética, deve ser vivo, prender-se às formas que se encontram no ambiente. Através de observações do meio, educar a vista do aluno para uma apreciação justa das formas. Partir da definição de corpo linhas, ângulos, etc., corres-

ponderia partir das letras para se ensinar a leitura (processo que, dificilmente, garantiria o interesse dos alunos).

Partir, pois, dos objetos que cercam os alunos, compará-los, chegar, pela observação, ao conhecimento das diversas formas, parece o processo mais aconselhado. O fundamento do ensino da Geometria repousa em observações que permitem uma aplicação segura dos conhecimentos sobre formas dos corpos e sobre outras verdades que a matéria encerra. Assim iniciados os alunos poderão compreender, mais tarde, as relações causais entre as coisas e suas formas; e compreender como as formas das coisas estão adaptadas a um fim.

Os problemas da Geometria devem decorrer de circunstâncias reais; levar os alunos a atividades várias; levantar novos problemas; aumentar o círculo de experiências dos alunos.

O estudo da Geometria deve ser relacionado ao trabalho manual. Também ao trabalho agrícola, desenvolvendo-o sob a forma de "medição de terreno" (para o estudo das áreas).

No desenvolvimento do programa deve haver seqüência. As diversas partes que o formam devem suceder-se dentro de um encadeamento lógico e psicológico ao mesmo tempo, etapa por etapa, não permitindo lacunas e interrupções entre os diversos conhecimentos e nem mesmo longos intervalos sem aplicação da matéria já aprendida. Ainda que na seriação do programa certa matéria tenha sido desenvolvida, no princípio de um trimestre, não convém abandoná-la inteiramente, mas usá-la, fazendo aplicações diversas, seja o trabalho oral ou escrito. Não só os conhecimentos se tornarão mais precisos, como também a sua aplicação se fará mais fácil e inteligentemente.

Concluindo:

- 1 — Manter o interesse dos alunos durante todo o trabalho:
 - a) considerando as experiências como base;
 - b) escolhendo o material educativo dentro de necessidades reais.
- 2 — Atender às diferenças na classe:
 - a) questões mais difíceis para os mais desenvolvidos;
 - b) trabalho qualitativa e quantitativamente dosado.
- 3 — Exigir sempre exatidão nos cálculos (uma questão está certa ou errada).
- 4 — Garantir um controle automático nos fatos fundamentais das quatro operações.
- 5 — Habituar o aluno a verificar seu próprio trabalho.
- 6 — Levar o aluno a colaborar na elaboração de regras e princípios.
- 7 — Verificar, periodicamente, o progresso dos alunos, tornando-os interessados pelos resultados.
- 8 — Desenvolver o cálculo mental.
- 9 — Desenvolver a capacidade para aplicar os conhecimentos.

10 — Desenvolver a capacidade para raciocinar e o hábito de raciocinar.

FEVEREIRO E MARÇO

Desenvolvimento da *noção* do número, *limitando* à dezena as primeiras experiências fazendo sentir o número em relações diversas, dentro de situações reais e atuais.

Aproveitar *todas as ocasiões* para fazer o aluno contar e *sentir* o número dentro de seu uso real. Durante o período destinado à Aritmética e em outros períodos, incluindo atividades fora da sala de aula, o professor encontrará oportunidades para resolver, com os alunos, pequenas situações que exigirão a contagem. Também pequenas somas e subtrações, dentro da primeira dezena (Contar meninos e meninas em pequenos grupos. Material para Aritmética e outras disciplinas. Livros da biblioteca. Os melhores trabalhos. Meninos para jogos, brinquedos. Atividades diversas. Freqüência — alunos presentes e alunos ausentes. Dias que faltam para determinado fim, etc., etc., em problemas presos às atividades infantis). Os números, aprendidos pelo uso dos números e não pela memorização de símbolos numéricos, serão conhecidos como "núcleos de fatos". Assim: o número seis será igual a |||||; a |||| ||; a || || ||; a || || || 1; a || || || ||; etc., etc.

Tamanho, distância, disposição, forma. Tamanho: largo, estreito; grande, pequeno, comprido, curto, grosso, fino, etc. Distância: longe, perto, etc. Disposição: frente, atrás, em cima, em baixo; direita, esquerda, entre, etc. Forma: círculo, quadrado.

Série de números até 20 ou mais (de acordo com as experiências da classe).

ABRIL, MAIO E JUNHO

Contar em série — até 50 ou mais.

Compreender que as quantidades são avaliadas diferentemente: os ovos são contados; o leite é medido (litro); a fazenda é medida (metro); o açúcar é pesado (quilo).

Introduzir a dúzia.

Intensificar os exercícios (orais), dentro da primeira dezena, em situações concretas, para melhor significação do número, resolvendo pequenas somas, subtrações, multiplicações e divisões decorrentes de problemas da própria vida escolar ou mesmo de fora da escola.

Uso e aplicação do número ordinal, até quinto. (Muitas atividades da classe exigem o número ordinal. Nos brinquedos: o primeiro, o segundo, etc. Na leitura de fichas: ler a segunda fi-

cha, a quarta, etc. Nos resultados dos trabalhos: o primeiro lugar, o segundo, etc. Na interpretação das canções: o primeiro verso, o segundo, etc., etc.)

Aumentar, gradativamente, a contagem, valendo-se do conhecimento da dezena e de situações sempre concretas. Usar o número até dez, ou pouco além, nos problemas orais, sempre de acordo com o desenvolvimento dos alunos.

Fatos fundamentais de soma, cujos resultados não passam além de dez. (Fatos fundamentais da soma são as somas de dois números simples: Ex.:

Dar as duas formas simultaneamente:

3	2	5	1	4	2	2
2	3	1	5	2	4	2

Subtrações correspondentes. Dos exemplos acima, são subtrações correspondentes, isto é, fatos fundamentais da subtração:

5	5	6	6	6	4
3	2	5	1	4	2

Para o aprendizado dos fatos fundamentais, são aconselhadas fichas de cartolina, de forma retangular, que têm, de um lado, o fato fundamental e, do outro lado, o mesmo fato fundamental com seu resultado.

Conhecer a moeda até cinqüenta centavos, fazendo trocos.
Conhecer "metade" da quantidade e do número.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

Contar até cem.

Contar até cem, de dez em dez.

Uso e significação do número ordinal, até décimo.

Soma de três números simples, limitando o resultado da soma a dez (revisão dos fatos fundamentais aprendidos).

Ex.:

3	5	8	2	4	1
1	2	1	3	2	3
2	1	1	2	1	4

Fatos fundamentais da soma (resultados além de dez).

Dar as duas formas simultaneamente

Ex.:

3	8	6	9	3	7	9
8	3	6	3	9	8	9

Subtrações correspondentes (fatos fundamentais da subtração).

Ex.:

11	11	12	12	12	15	15	18
8	3	6	9	3	8	7	9

Problemas e outros exercícios com as medidas aprendidas. (Aproveitar, sempre que possível, situações atuais. Também situações não atuais, familiares, porém, aos alunos).

Problemas e exercícios com a moeda, até um cruzeiro. Conhecer a moeda até Cr\$ 1,00, fazendo trocos.

Problemas e outros exercícios, empregando "metade" e "dóbro" Aprender a reconhecer no relógio: hora de início dos trabalhos; do recreio; e da terminação dos trabalhos.

Montagem da "Loja Escolar".

A loja escolar é uma das instituições mais interessantes, neste período, porque conduz a atividades que trazem o número em seu uso real.

A loja deve funcionar na própria sala do primeiro ano, para servir aos alunos mais facilmente e satisfazer, com o seu sortimento, às necessidades da classe; lápis, papel, cadernos blocos, borracha, caixas de lapis de côr, etc.

Dois ou mais alunos serão incumbidos, por uma semana ou por dois ou três dias — conforme a orientação do professor — de efetuar as vendas. É aconselhado recair a escolha sobre um aluno no adiantado e outro atrasado a fim de que o primeiro possa auxiliar o segundo. No fim do dia, deverão apresentar ao professor o movimento da loja.

Ex.:

1	bloco	Cr\$ 0,60
1	lápis	Cr\$ 0,30
1	caderno	Cr\$ 0,40
1	borracha	Cr\$ 0,10 etc.

Situações que podem surgir:

"Dar o trôco correspondente à venda de uma borracha (Cr\$ 0,10), pela entrega de uma pratinha de Cr\$ 0,50, ou de um níquel de Cr\$ 0,40, etc.

Por uma caixa de lápis de côr (Cr\$ 0,80), dar o trôco sôbre Cr\$1,00.

Quanto cobrar por dois cadernos de Cr\$ 0,40 cada um? ..

Quanto cobrar pela venda de uma borracha (Cr\$ 0,10), um bloco de Cr\$ 0,40 e um caderno de Cr\$ 0,20? E quanto dar de trôco recebendo Cr\$ 1,00.

O professor pede aos alunos meia fôlha de cartolina. 4 alunos querem comprá-la na loja da classe. Quanto a loja precisa mandar buscar para vender?, etc., etc."

O professor deverá chamar a atenção para os problemas mais interessantes, os quais serão resolvidos pela classe ou então por grupos de alunos, conforme as circunstâncias do trabalho.

Há classes cujos alunos dificilmente poderiam adquirir seu material escolar. Neste caso, haveria a "loja de brinquedos", com material fictício, mas *com moeda real* (emprestada, naturalmente), para efeito de aprendizado.

Aprender a olhar a folhinha. Dia da semana, mês e dia do mês

OUTUBRO E NOVEMBRO

Continuar o trabalho com os números -- em série e em grupos, ligado às atividades da classe.

Exercícios de contagem: de 10 em 10, até 100; 10, 20, 30, etc. De 5 em 5, até 50; 5, 10, 15 etc. De 2 em 2, até 20, 2, 4, 6, 8 etc.

Aprender a olhar o relógio: horas e meias horas.

100 fatos fundamentais da soma e da subtração (tôdas as somas de dois números simples -- desde 1 mais 1, até 9 mais 9, incluindo zeros e as subtrações correspondentes a essas somas.

Ex.:

Conhecer a moeda até dois cruzeiros, fazendo trocos.

Ex.:

5	4	3	8
4	3	3	1
1	5	5	9
—	—	—	—

Pequenas somas de números compostos de dois algarismos (número simples na soma de cada coluna, separadamente).

Ex.:

22	32
13	14
11	13
—	—

Aplicação, em problemas, das medidas aprendidas.
Idem de "metade" e "dôbro".

No fim do primeiro ano, os alunos devem revelar o seguinte desenvolvimento:

1 — Resolvem pequenos problemas relativos à "loja escolar" no primeiro ano.

2 — Resolvem pequenos problemas de uma operação sôbre assuntos vários, presos às suas experiências.

3 — Lêem qualquer número de um e dois algarismos.

4 — Escrevem qualquer número de um e dois algarismos.

5 — Conhecem os cem fatos fundamentais da soma e da subtração

6 — Conhecem as horas e meias horas.

7 — Fazem qualquer trôco sôbre importâncias até dois cruzeiros.

8 — Reconhecem o círculo e o quadrado, fazendo aplicações.

BIBLIOGRAFIA PARA O PROFESSOR

Faria de Vasconcelos — *Como se ensina a raciocinar em aritmética*

Faria de Vasconcelos — *Como se ensina aritmética*

Alberto Pimentel — *Sâmula Diddica*

Thorndike — *A nova metodologia da aritmética* (Tradução de Anadir Coelho)

Backeuser — *A aritmética na escola nova*

Comas — *Metodologia de la aritmética y la geometria*

Adolf Rude — *El Tesoro del Maestro* (volume IV — *La enseñanza de las ciencias exactas y naturales*). Tradução de Domingos Tirado y Ricardo Crespo

Martel — *Procedés du calcul rapide*

Grosgrurin — *Méthodologie — Enseignement de l'arithmétique*.

INTRODUÇÃO

A Educação Cívica visa a formação da consciência patriótica e reclama, cada dia mais, a atenção da escola.

Na formação dessa consciência compreendemos o conhecimento do Brasil e a prática dos atos necessários ao seu engrandecimento.

A Educação Cívica é um aspecto particular da educação em geral no sentido em que procura harmonizar os indivíduos com os ideais nacionais.

Assim como a Educação Moral forma o homem, a Educação Cívica prepara o cidadão. Daí o dizer-se que a Educação Cívica não prescinde da Educação Moral visto que esta é base em que aquela se firma. Educação Moral e Educação Cívica processam-se, pois, juntamente.

A Educação Cívica compreende uma parte informativa — instrução — e outra formativa — desenvolvimento e prática das virtudes morais e cívicas.

Parte formativa

A parte formativa compreende a formação do caráter e o cultivo das qualidades de um bom cidadão. Far-se-á em qualquer momento, através de todas as atividades escolares. O seu programa não está contido apenas na parte formal da Educação Cívica, mas também difundido nos programas das demais disciplinas do curso.

A Educação Moral atua sobre a conduta para modelar o caráter.

É necessário deixar manifestar-se a natureza infantil para que, conhecendo-a, o professor possa conduzi-la, desenvolvendo o que nela há de bom e reprimindo o que há de mau: dar à criança ocasiões várias de agir para que ela sinta a satisfação do bem ou o desconforto do mal; oportunidades para discernir entre o que é ser corajoso ou fraco, leal ou desleal, honesto ou não.

A escola deve ter em vista formar hábitos e atitudes, incutir ideais e cultivar qualidades e virtudes cívicas, bem como mostrar ao educando o valor da organização, cooperação e solidariedade para o progresso do País e solução dos seus problemas. Bom cidadão não é aquele que apenas sabe o que é bom e direito, mas o que age bem e conscientemente.

O civismo deve ser tomado em sentido duplo; no do conjunto das qualidades necessárias ao bom cidadão e no de amor à Pátria.

São apenas responsabilidades da vida escolar que levarão o aluno a assumir mais tarde as responsabilidades ou os encargos da vida cívica; é pela colaboração constante na escola que irá realmente colaborar como membro da sociedade.

Dêsse modo, cabe ao professor ajudar o aluno em aula, no recreio, no auditório, e em outras oportunidades, a desenvolver ideais e qualidades pessoais de reidão, honestidade, veracidade, obediência, perseverança, coragem, responsabilidade, ordem, trabalho, controle próprio, etc. e sociais de cooperação, justiça, lealdade, comando, respeito à outrem, etc.

As comemorações de caráter cívico, solenes ou não, os instantes consagrados ao culto da Pátria, as homenagens aos vultos nacionais, o estudo dos principais fatos históricos, as formaturas, as demonstrações, as excursões, as viagens, as festas nacionais, o culto à Bandeira, as lendas, os hinos e canções patrióticas, as poesias, as narrações e outros meios escolares são ótimos ensejos para o desenvolvimento do civismo.

Um dos meios mais eficientes de que a Escola dispõe para promover a educação moral e cívica é a

Socialização.

A formação do caráter e o desenvolvimento do civismo fazem-se, especialmente, pela socialização da escola, através de métodos socializados (projetos, problemas, dissertações socializadas, grupos de estudos, etc.) e mais eficientemente, pelas instituições escolares porque:

- a) elas trazem para a escola situações reais de vida, onde "o aluno aprende a fazer melhor aquilo que terá de fazer mais tarde";
- b) estão de acordo com o interesse e capacidade da criança;
- c) facilitam a expansão da personalidade pela espontaneidade que permitem;
- d) canalizam as tendências infantis;
- e) estando relacionadas com as matérias do programa, auxiliam a escolaridade.

Valores a auferir da socialização: — Cooperação, iniciativa, confiança em si, responsabilidade, julgamento, ordem, comando inteligente, obediência à autoridade, controle próprio, revelação de aptidões e capacidades especiais, etc. Exemplos: elegendo os redatores do jornal escolar, os alunos estão praticando julgamento, responsabilidade, respeito a outrem, aprendendo a vencer, a serem vencidos, etc.; no funcionamento de um clube desenvolvem-se: iniciativa, responsabilidade, sentimento de lei, de ordem, cooperação, etc.

De um programa de escola primária devem constar, tanto quanto possível, as seguintes instituições:

- a) Auditórios.
- b) Comemorações de datas nacionais e locais.
- c) Festivais.
- d) Hora cívica.
- e) Clubes e grêmios diversos ou organizações congêneres (de leitura, Ciências, Geografia e História, de Música, de Horticultura, etc.
- f) Escolismo.
- g) Jornal.
- h) Conselho (forma simples, adaptada à escola primária).
- i) Jogos esportivos.
- j) Excursões.
- k) Biblioteca.
- l) Museu.

Parte informativa

O educando vai adquirir a parte informativa através do estudo do programa de instrução cívica. Esta é útil porque esclarece a ação. O conhecimento dos direitos e deveres auxilia o indivíduo

a cumprir esses deveres e a usar esses direitos. Por si só, porém, não garante ação eficiente e própria. Esta requer prática, exercida em ocasião específica para formação de hábitos. O ensino formal falha, quando os hábitos correspondentes não forem adquiridos.

O programa de Educação Cívica indica o conjunto de conhecimentos que o aluno deve possuir, quanto à organização política do País suas leis (Constituição e outras), poderes constituídos, etc., conhecimentos esses que o levarão a melhor compreender os seus direitos e deveres relativos à Pátria, e a agir de conformidade com eles. Serão matéria do 3.º ano e do 4.º.

É evidente que no curso primário o professor não pode nem deve aprofundar os assuntos do programa de Educação Cívica, nem exigir que os alunos façam um estudo completo de todas as questões, mas sim, que adquiram noções elementares, ao alcance de sua compreensão, sobre os diversos pontos apresentados.

De acordo com o Capítulo anterior, no 1.º ano e no 2.º o trabalho de Educação Moral e Cívica é de natureza prático-formativa.

Compreende a iniciação e o cultivo dos hábitos, atitudes e ideais necessários ao aluno, em suas relações com a família, a escola e a sociedade.

Essas práticas e virtudes morais e cívicas serão desenvolvidas no decorrer do curso primário, e constituirão a base para o aperfeiçoamento das qualidades morais e cívicas do cidadão.

O 1.º ano e o 2.º formam ainda o período preparatório, em que o aluno vai adquirir praticamente, entre outras, noções de autoridade, discriminação de atribuições, conhecimento de regulamentos e leis que lhe permitirão compreender melhor a matéria nos programas de 3.º ano e de 4.º.

O ponto de partida é o que a criança vê e ouve discutido em casa: serviços públicos prestados no seu meio mais próximo — a família e a administração local, para depois compreender o que é de atribuição do Estado.

São as questões de alimento, vestiário, habitação, plano de cidade, limpeza pública, diversões, saúde pública, policiamento, escolas, transportes, comunicações, etc., que formam base para o estudo do mecanismo da administração (governo, instituição, lei etc).

O programa faz, assim, a criança crescer com um conhecimento inteligente de alguns problemas vitais que defrontam as nossas cidades, Vilas ou Municípios, percebendo ao mesmo tempo as relações de causa e efeito.

No primeiro ano, essas noções serão adquiridas tendo por base as experiências que os alunos trazem de casa e as que encontram na escola.

No segundo ano, a formação de hábitos, atitudes e ideais iniciada no 1.º ano e referentes à família e à escola, será continuada e ampliada à vida na localidade, baseando-se em conhecimentos contidos no programa de Geografia e História. (Ver programa de Geografia e História — 2.º ano).

Para o trabalho de natureza prático-formativa no 1.º ano e no 2.º, o professor se guiará, de um modo geral, como nos seguintes tópicos:

1.º — *A Família.*

- a) Os membros da família — atividades, deveres, colaboração.
- b) Cultivar sentimentos de amor, obediência, respeito, cooperação, etc.
- c) Deveres pessoais no lar.

2.º — *A escola:*

- a) Cultivar sentimentos de estima e gratidão para com a escola.

- b) Deveres pessoais na escola:

- Frequência, pontualidade, aplicação, etc.
- Obediência e respeito às autoridades escolares: diretor, auxiliar, professores, pessoal administrativo, etc.
- Obediência aos regulamentos escolares — em classe, no recreio, nos auditórios, etc.

3.º — *Deveres sociais:*

Cultivar:

- a) Cooperação, aprendendo a trabalhar em conjunto para o bem comum;
- b) respeito à propriedade de outrem;
- c) polidez, lealdade e bondade para com todos;
- d) economia de tempo, material, dinheiro, etc.;
- e) espírito de servir e de bem coletivo — (Caixa Escolar, Cantina Escolar, etc.);
- f) ordem e trabalho, etc.

4.º — *Qualidades pessoais:*

Cultivar:

- Iniciativa, responsabilidade, perseverança, retidão, sinceridade, domínio próprio, abnegação, coragem, etc.

Comemorações Cívicas

Os principais fatos da História do Brasil serão apresentados de maneira simples e relatados em linguagem acessível, como preparação às comemorações cívicas realizadas no estabelecimento e das quais os alunos participarão na medida do possível.

Símbolos da Pátria

Serão reconhecidos pelos alunos, como símbolos da Pátria, o Hino Nacional e a Bandeira Brasileira. Seu estudo pormenorizado será feito a partir do 3.º ano. Entretanto, desde o 1.º ano o professor cuidará de despertar em seus alunos o culto e o respeito por esses símbolos.

As crianças adquirirão uma atitude respeitosa ao ouvir ou cantar o Hino Brasileiro, bem como diante do Pavilhão Nacional.

Iniciar a participação dos alunos em campanhas de saneamento, de economia, de proteção às aves e aos animais, de combate a insetos nocivos, a moléstias contagiosas, etc.

Uma boa compreensão do mundo real ajuda o homem a melhor adaptar-se às coisas, fenômenos e pessoas.

Esta compreensão resultará dos cuidados com que a escola dirigi o espírito da criança para a realidade e na formação do hábito de considerar esta mesma realidade objetivamente.

Longe de tolher a curiosidade natural da criança para o mundo externo, cabe à escola aproveitar essa inclinação instintiva para organizar o ensino das Ciências Naturais. Cabe-lhe criar oportunidades múltiplas e variadas a fim de que os "que é que é", os "porque", os "para que" dos alunos se multipliquem cada vez mais. A medida que amadurece o seu espírito, o interesse pelos aspectos superficiais e imediatos das coisas se deslocará para os mais profundos e, principalmente, para as suas relações.

Alimentando a curiosidade da criança e aprofundando a sua ânsia de saber, a escola lhe dará meios de se desenvolver, cada vez mais, pelo seu próprio esforço.

Libertar o espírito infantil das formas verbais, livrescas e, ao mesmo tempo, tornar mais ativo o pensamento, é próprio do método experimental. E, no ensino das ciências naturais, deve empregar-se este método de preferência aos outros.

Enriquecendo a observação espontânea da criança pela sua orientação em condições variadas, previamente determinadas, a escola conduzirá as novas gerações a uma visão mais penetrante e exata do mundo.

Mesmo na escola primária, é possível levar a efeito modestas experiências de Ciências Naturais, com o propósito de estimular o espírito de pesquisas.

O treino da observação, a discriminação das diferenças e semelhanças, a percepção das relações entre coisas ou fenômenos, a discussão sobre fatos observados e a exposição de julgamento próprio serão auxiliados por uma linguagem clara, pelo emprêgo de termos cada vez mais apropriados e precisos, pela apresentação de

desenhos, esquemas e gráficos, pela modelagem e construção, pela organização do material de experiências ("o cientista pensa com as mãos"), pelo emprêgo usual de operações numéricas, etc.

Até hoje o ensino das Ciências Naturais, na escola primária, esteve bastante descuidado. Limitava-se, geralmente, a algumas noções elementares que, de modo rígido, abstrato e puramente verbal, transmitia o mestre aos alunos.

Não é esse o objetivo desta disciplina na escola. Para fazer o seu ensino de maneira mais eficiente, deveria o professor possuir uma boa cultura científica, adquirida através do método experimental. Mas com isto talvez não se possa contar ainda. Entretanto, não seria razoável suprimir as Ciências Naturais do ensino primário. Para resolver atualmente esta dificuldade, é preciso que o professor se instrua, à medida que ensina a matéria. Procurando conhecimentos em fontes diversas, observando, com os seus alunos, os fenômenos em estudo, e, em uma palavra, pesquisando ativamente, o professor empregará de fato o método preconizado nas ciências naturais. E, assim ensinando, aprenderá ele mesmo...

O mestre nada perderá de sua autoridade, quando a esta ou àquela pergunta ou questão do aluno, responder com "não sei mais, vamos procurar saber". O seu espírito, ao contrário, crescerá sobremaneira, se levar o aluno a elaborar ativamente a solução do problema. A escola primária de hoje precisa menos de mestres eruditos e de sua autoridade incondicional, do que de pessoas de espírito aberto e vivo, diligentes, amigas das crianças e do progresso. No ensino de todas as matérias exigem-se do mestre estas virtudes, e o das Ciências Naturais não constitui uma exceção, certamente.

* * *

Cumpra ao ensino das Ciências Naturais e de Geografia, nas nossas escolas primárias, abrir os olhos da criança para a natureza que a cerca, sobretudo a natureza brasileira, fazendo com que ela ame o solo pátrio e conheça cada vez mais a sua terra e seus recursos. Cumpra à escola voltar as vistas do futuro cidadão brasileiro para a vida e o trabalho no campo, mostrar-lhe que a vida rural poderá ser realizada com grande proveito para o indivíduo e para o País, quando o homem trabalhar em condições higiênicas melhores, conhecendo melhor os fenômenos naturais e servindo-se de meios técnicos mais aperfeiçoados.

A Escola Pública deve desde cedo aproveitar os motivos que a vida rural lhe oferece para desenvolver seus alunos. Isto porque todo brasileiro, pela imensa extensão do País, pode possuir um lote de terreno para cultura, ter sua pequena horta, pomar ou cria-

ção. Esta cultura, além de lhe permitir eventualmente lucro material, virá beneficiar a sua saúde, introduzindo, na alimentação, elementos que concorrem para torná-la mais racional, como sejam: as verduras, as frutas, os ovos, etc.

Mais ainda: a agricultura, por mais reduzido que seja o seu campo, sempre dá ao homem, em contacto com a terra, sentimentos nobres, encantamento pelas coisas da natureza, alegria de ver o desenvolvimento da planta e, finalmente, o prêmio dos seus esforços, recompensados por uma boa colheita, desde que, entre outros fatores, este esforço seja racional.

Por mais paradoxal que pareça, o indivíduo nas cidades aproveita relativamente pouco das oportunidades que a vida lhe oferece para o uso da inteligência. A volta à terra sempre obriga o homem a pensar melhor, a usar a sua observação, raciocínio e esforço em torno de interesses mais estáveis, ocupações mais sérias e proveitosas. Assim, torna-se compreensível porque a escola pública deve incutir nos seus alunos, o mais cedo possível, este amor à natureza e à terra, e porque também lhes deve dar alguma orientação prática em torno dessa cultura.

O ensino das Ciências Naturais na escola primária, com suas aplicações práticas à vida, poderá ainda concorrer para impedir que os alunos deixem a escola, antes de alcançar as classes mais adiantadas ou de chegar ao termo do curso. E, releva acrescentar que, neste sentido, são indispensáveis esforços múltiplos em torno de todo o trabalho escolar, pois as estatísticas nos mostram quanto são pouco frequentados o terceiro ano e o quarto, em comparação com o primeiro e o segundo.

Uma vez que a criança aprendeu a ler e a escrever, muitos pais consideram a sua instrução suficiente e retiram-na da escola para entregá-la aos afazeres da casa ou do emprego.

Para segurar o aluno até o fim do curso primário, é mister fornecer-lhe conhecimentos práticos, úteis à vida, e que a família também os reconheça como tais.

Assim, a ligeira orientação no que diz respeito à jardinagem e à horta, de um lado, tratamento higiênico da criança, alguma iniciação à arte culinária e costura doméstica, de outro, que a menina também receberá desde o 3.º ano, servem precisamente a esse fim.

Nem sempre os pais compreenderão esta utilidade. Convém dar-lhes a necessária explicação sobre as vantagens dos trabalhos que se realizam nos últimos anos do curso, no sentido de conseguir que mantenham seus filhos nas escolas até a conclusão do mesmo. Deverá, portanto, esta parte do ensino primário ser particularmente cuidada, a fim de que, contribuindo para a permanência dos alunos na escola, os beneficie com um preparo mais racional para a vida.

A saúde do povo é fator decisivo na prosperidade do País. Dela depende grandemente o caráter equilibrado e otimista do indivíduo e o rendimento do seu trabalho.

A escola pública cabe vigiar pela saúde da infância e esforçar-se por tornar os seus alunos mais resistentes e robustos. A Higiene e a Educação Física figuram no curso primário com esta finalidade. De um lado, elas têm por escopo, a formação de hábitos hígidos nos alunos e, de outro, abrir-lhes os olhos para as fontes reais da saúde e da doença. Cabe também à escola "clarear" o espírito do povo, libertando-o dos inúmeros preconceitos, superstições e práticas nocivas, em matéria sanitária.

Sendo a criança bastante sensível à beleza, a motivação estética pode ser empregada com grande proveito no ensino da Higiene e Educação Física. Convém orientar este ensino de tal maneira que a criança, empolgada por este ideal de beleza pessoal e da força da raça brasileira, seja um colaborador ativo na formação dos hábitos hígidos, na escola como no seu próprio lar.

O medo, que tão facilmente domina o psiquismo da criança, deve ser usado com muito critério. Não lhe mostrar a miséria e as doenças em suas cores negras e horrorosas, pois que isto seria francamente prejudicial à saúde e ao caráter do aluno nervoso e apreensivo em relação a doenças.

Inculca-se na criança a idéia clara de que é preciso prevenir o mal pela prática de hábitos rigorosos de higiene, antes que tratar da doença com drogas exageradas e dispendiosas.

O ensino das Ciências Naturais no primeiro ano deve pôr o aluno em contacto direto com a natureza. A coisa estudada deve ser do ambiente íntimo da criança ou a seu alcance, para que ela possa conhecê-la, desenvolvendo seus processos próprios de investigação e pesquisa, isto é, pegar, cheirar, experimentar, etc. O fenômeno deve ser testemunhado por ela no momento em que se realiza, para que ela possa julgá-lo clara e concretamente.

No estudo dos animais, como, por exemplo, a rã, o que importa é que a criança saiba que se trata de um ser especialmente adaptado à vida em certas condições, e que procure descobrir sua organização especial, e como age no meio.

A mesma coisa com a planta. Não importa que a criança conheça todas as plantas, mas que saiba que elas vivem em determinadas condições de meio e que estão sujeitas a mudar quando essas condições variam.

Não se deve, por isso, estudar uma coisa e abandoná-la. Devem ser dadas simultaneamente todas as formas de vida dos animais e plantas, permitindo-se à criança familiarizar-se com elas durante todo o ano. Dessa maneira o seu espírito se vai abrindo à observação mais profunda e, aos poucos, concluindo e generalizando.

Os termos próprios à experiência que vão adquirindo devem ser dados, desde que o difícil não é o termo, mas a experiência.

O programa de Ciências do primeiro ano não contém noções para se transmitirem às crianças, mas pontos para observação.

Serão, principalmente:

Quanto aos animais

— Animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem. Animais domésticos e selvagens; úteis e nocivos.

— Hábitos dos animais no ambiente em que vivem. Meios de defesa contra as intempéries. Insetos, seus característicos gerais. **Metamorfose** de insetos e outros animais.

Quanto às plantas

— Plantas como seres vivos adaptados às condições do meio em que vivem. Influência da estação sobre as plantas. Árvores mais comuns, seus característicos, sua vida. As três partes da planta: raiz, caule e folhas. Diferença entre árvores e arbustos. **Fenômeno** da germinação.

Quanto ao céu

Observações simples sobre o céu.

Relação entre aspectos do céu e o tempo.

Higiene

A boa higiene como condição de vida para as crianças: asseio dos dentes, cabelos, orelhas, mãos e unhas; vestiário.

Combater hábitos de roer unhas, de pôr dedo na boca e no nariz, morder lápis, etc.

FEVEREIRO E MARÇO

Objetivo especial

Levar a criança a observar como toda a vida se modifica para adaptar-se às modificações do tempo.

Tópico de que faz parte este estudo: O animal e as plantas, como seres vivos, adaptados às condições do meio em que vivem.

Quanto aos animais

- 1) Meios de defesa dos animais contra as intempéries;
- 2) Diferença entre animais domésticos e selvagens;
- 3) Hábitos dos animais domésticos.

Quanto às plantas

1) Influência das chuvas no desenvolvimento das plantas em geral, sementes: nas árvores frutíferas; nos jardins e hortas.

Atividades:

- 1 — Num dia chuvoso, observar os característicos do tempo:
 - côr do céu;
 - nuvens;
 - vento;
 - a chuva;
 - como cai a chuva;
 - de onde vem;
 - como forma a enxurrada;
 - direção da enxurrada;
 - bueiros (onde houver).

— como e onde a enxurrada se lança no rio ou como a água dos bueiros vai ter ao rio.

2 — Observar como a chuva muda os hábitos de cada uma das pessoas da casa: do pai, da mãe, de outros parentes, etc., e das pessoas da escola:

— observar as coisas que fazem habitualmente e que a chuva impede de fazer.

3 — Como a chuva muda os hábitos de vida do lugar:

- observar o movimento nas ruas para notar a diferença;
- observar pessoas, animais, veículos;
- quais os trabalhos que se paralisam com as chuvas;

4 — Como nos defendemos da chuva:

— observar nas casas o que é especial para defesa contra a chuva:

- os telhados inclinados;
- a goteira das telhas;
- os escoadouros d'água; as platibandas, etc.

5 — Como os veículos protegem seus passageiros da chuva; automóveis, bondes, caminhões, carroças, charretes, etc.

6 — Observar o que há nas ruas, especialmente com relação às chuvas:

— bueiros e sargetas (dar os nomes);
— onde não há calçamento, observar o efeito da água sobre as ruas.

7 — Como os animais se defendem da chuva: Observar o meio de defesa dos animais domésticos;

- onde moram: báias, chiqueiros, etc. (dar os nomes);
- como o homem o ajuda a se defenderem das chuvas;
- como os passarinhos e como os animais selvagens se defendem da chuva;

Ler para as crianças a história: "Uma noite com uma onça" do livro "Histórias de Meninos em Casa e na Rua" de João Kopke e outras relacionadas com o assunto.

8 — Observar as tempestades:

- nuvens;
- vento;
- raios, trovões, relâmpagos;
- gótas.

Conhecer a noção das crianças sobre esses elementos e desfazer crendices.

9 — Como nos defendemos das tempestades:

— para-raios: para que servem; os círculos que abrangem;
— para-raios próximo à escola, no caminho de casa, próximo à casa de cada um, etc. Mostrar o perigo de abrigar-se debaixo de árvores no campo ou de permanecerem montados em animais nas horas de tempestade.

10 — Comparar os efeitos da tempestade, propriamente dita, com os de uma chuva moderada:

- enchentes;
- desmoronamentos;
- prejuízos que acarretam para as plantas e para os animais:

11 — Levar a criança a observar todos os efeitos das chuvas sobre as plantas, de uma maneira geral;

- côr dos montes, folhagem das árvores em conjunto;
- desenvolvimento das plantas;
- desenvolvimento do limo e do musgo nas cascas das árvores, nos rios, nas pedras, nos muros, etc.

— crescimento das ervas nas ruas, jardins e hortas, etc.;

Observar nas árvores frutíferas: — as fôlhas — os brotos e os ramos novos: flôres — frutos e sementes.

Observar nos jardins: — todos os elementos que possam revelar a relação com as chuvas.

Observar nas hortas: — o que predomina, se frutos ou fôlhas.

NOTA: — Como as condições de tempo variam de lugar para lugar e por isso não podem ser previstas, o professor deve ler todo o programa do primeiro ano e fazer as adaptações que lhe afigurarem necessárias. Não há mal em que os planos indicados para um período venham a desenvolver-se em outro. E' preciso apenas acuar-se relativamente à seriação da matéria.

Higiene: — Formação dos hábitos de asseio dos dentes, dos cabelos, das orelhas, mãos e unhas. Combater o hábito de roer unhas, de pôr o dedo na bôca, no nariz, etc.

Objetivo especial: — Levar a criança a observar as mudanças que se operam no tempo e como também se modifica a vida dos animais e das plantas.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais e as plantas como seres vivos adaptados às condições do meio e sofrendo-lhe a influência.

Quanto aos animais

- 1 — Conhecer os pássaros mais comuns do lugar e seus hábitos;
- 2 — insetos e seus característicos gerais;
- 3 — conhecer outros animais que vivem em condições diferentes do meio;
- 4 — observar a metamorfose de alguns insetos;
- 5 — observar a vida de animais, num determinado ambiente.

Quanto às plantas

- 1 — conhecer as três partes da planta;
- 2 — diferença entre árvores e arbustos;
- 3 — observação do fenômeno da germinação;
- 4 — observação de plantas num determinado ambiente.

Quanto ao tempo

— Característicos do tempo através de observação diária.
Atividades:

1) Fazer o registro diário do tempo para observar:

- Mudança na temperatura;
- freqüência das chuvas;
- aspecto do céu.

2) Estudar a vida do bosque ou de um canto do jardim e observar as suas modificações durante o ano, de acôrdo com o tempo, para familiarizar a criança com a vida das plantas e dos animais:

- observar as qualidades de árvores e familiarizar-se com as suas fôlhas, flores, frutos e sementes;
- diferenciar arbustos e árvores; conhecer os principais arbustos do bosque;
- distinguir as três partes da planta; raiz, caule e fôlhas;
- notar diferença entre os caules, raízes das árvores e dos arbustos;

- observar os pássaros que freqüentam o bosque;
- conhecê-los pelo nome; pelo canto e pela plumagem;

— procurar descobrir os motivos por que freqüentam êsse bosque;

— Procurar seus ninhos;
— observar como e de que são feitos;
— observar se têm ovos ou filhotes;
— ver como se alimentam êses passarinhos e ajudá-los na alimentação;

— observar quando mudam de penas e porque;
— quando fazem os ninhos.

3) Observar os insetos do bosque:

— apanhá-los vivos e levá-los para a classe separados uns dos outros;

— apanhar crisálidas, larvas e casulos e levá-los para a classe nos ramos ou fôlhas onde foram encontrados. Observar a metamorfose das crisálidas;

— procurar observar a época em que há maior número de insetos no bosque.

4) Observar de perto os insetos colecionados.

Distinguir as partes e característicos:

— a pele dura externa (quitina);
— os três pares de pernas;
— três partes do corpo — cabeça, tórax, abdome.

5) Observar de que se alimentam, como se locomovem, e como as partes do corpo são diferentes em cada inseto (sem outras sugestões).

NOTA: — É indispensável que a criança estude os animais e plantas no seu próprio ambiente e, para isso, sugere-se o bosque. Se a escola não possui um bosque substitua-se o estudo do bosque pelo estudo da vida de uma árvore.

Outras atividades:

1 — Observações na horta e no jardim para comparar com as do período anterior.

2 — Observação das fases da germinação:
— Colocar grãos de ervilha e de feijão para germinar sobre algodão. Comentários diários sobre tôdas as fases da germinação usando os termos próprios.

3 — Plantio de flores de ciclo rápido em latas ou caixotes para familiarizar a classe com a vida das plantas: papoulas, esporinhas, flocus, etc.

4 — Plantio de bulbos e batatas de flores para familiarizar a classe com diferentes aspectos da germinação.

Peixes

Objetivo especial: — Observar os peixes vivos para saber como vivem;

- a) a forma de peixe;
- b) meios de defesa;
- c) a bôca;
- d) meios de locomoção;
- e) em que direções se movem;
- f) para que servem as escamas;
- g) como dormem;
- h) como respiram;
- i) observar o movimento dos peixes e procurar explicá-lo.

Contar fatos interessantes sobre a vida do peixe.

Higiene: — Prosseguir na formação dos hábitos indicados no período anterior.

Sugerir atividades para as férias:

- 1) — Observar como os animais domésticos se defendem do frio;
- 2 — organizar um álbum de "Novos Animais" — usando gravuras ou desenhos;
- 3 — observar os hábitos dos animais domésticos:
— como se alimentam;
— onde dormem e como dormem;
— o que fazem;
— como se defendem do frio;
— como os ajudamos a se defenderem do frio;
- 4 — Colecionar fôlhas e sementes mais interessantes;
- 5 — Apanhar casulos, crisálidas, larvas e insetos para serem observados na aula.
- 6 — Colecionar gravuras de flores e de animais;
- 7 — Fazer histórias desenhadas sobre animais.
- 8 — Fazer um álbum de animais selvagens.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

Objetivo especial: — Como os animais se defendem do frio.
Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais e plantas como seres vivos, adaptados às condições do meio em que vivem.

Quanto aos animais

- 1) — Meios de defesa dos animais contra as intempéries.

Quanto às plantas

- 1) — plantas que dão sementes, batatas ou bulbos nessa ocasião;
- 2) — efeitos de geada sobre as plantas.

Atividades:

1) — Verificação do trabalho de férias com relação a esse assunto.

2) — Registro diário do tempo para o comentário da mudança que se operou desde o primeiro trimestre.

3) — Como os animais se defendem do frio:

— Desenvolvimento de acordo com o plano sobre a defesa das chuvas do período — *fevereiro e março*.

4 — Observar como a atividade dos insetos e dos pássaros diminui no tempo de frio.

5 — Como os animais selvagens se defendem do frio.

6 — Os peixes e a defesa contra o frio, observações e informações.

Outras atividades:

1 — Comparar as observações neste período, no bosque da escola, com as do período anterior.

Observar algum aspecto particular das plantas com relação ao frio:

— quedas das folhas;

— número de brotos;

— quantidade de frutos, sementes, flores, etc.

2 — Continuar a observação e o trato das plantas de classe.

3 — Plantio de árvores no "Dia da Árvore".

4 — Concurso de vasos e jardineiros das classes.

Estudos dos animais

Objetivo especial: — Observação da metamorfose dos ovos do sapo para familiarizar a classe com animais de constituição e de hábitos diferentes.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

1 — Observar a metamorfose dos ovos do sapo:

a) apanhar ovos de sapo com a massa gelatinosa que os envolve (os ovos estão bem no fundo).

b) colocá-los num aquário ou numa vasilha grande com plantas aquáticas (na falta destas muda-se a água diariamente);

c) observar o desenvolvimento do ovo;

d) contar os dias necessários para que a massa comece a mover-se;

e) observar a mudança de forma;

f) como o gerino sai da massa gelatinosa;

g) guardar o aparecimento das pernas;

h) observar a cauda (vai sendo absorvida aos poucos);

i) observar a diferença entre as pernas de trás e as da frente;

j) alimentá-los com plantas aquáticas ou carne bem passada na máquina.

2 — Colocar dentro do aquário uma pedra que alcance a superfície da água, a fim de que possam ter vida aérea.

3 — Depois de desenvolvidos, mantê-los no jardim da escola e continuar a observá-los.

4 — Observar como mudam de pele e porque.

5 — Desenhar uma história com todas as fases dessa atividade, desde a aparição dos ovos até a completa evolução.

Bibliografia — Floricultura Brasileira n.º 215 — Pequenos Lagos e Aquários.

6 — Observar a metamorfose de larvas e crisálidas — Espargir, frequentemente, um pouco de água sobre as crisálidas e deixá-las em lugar arejado.

7 — Observar uma galinha a chocar:

a) observar a maneira como ajeita os ovos com os pés e o bico — a posição dos ovos;

c) marcar os dias do choco;

d) cuidados com a galinha — flitá-la frequentemente para evitar parasitas;

e) a melhor maneira de fazer ninhos, etc.;

f) observar os ovos bicados e depois os pintinhos;

g) observar uma saliência no bico do pinto para auxiliá-lo a bicar o ovo para sair da casca;

h) porque não alimentá-lo antes de 24 horas;

i) observar a diferença do pinto em horas;

j) observar como a galinha protege e defende seus pintinhos;

k) comparar as penas da galinha com a dos pintos;

l) procurar o ouvido e o nariz da galinha;

m) porque vira a cabeça de um lado para outro;

n) como bebe água;

o) observá-la diariamente durante alguns dias.

Levar a criança a desenhar a história inteira de "A galinha que chocou".

OUTUBRO E NOVEMBRO

Estudos dos animais

Objetivo especial: — Conhecer a vida de um passarinho útil, comum no lugar.

Tópico de que faz parte este estudo: — Animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

Pontos a serem dados:

- a) conhecer o macho e a fêmea;
- b) sua alimentação e seusinhos;
- c) relação entre os pés, bicos e asas com seus hábitos de vida;
- e) inimigos e como combatê-los.

Bibliografia para o professor:

— "Pássaros do Brasil" e "Da Ema ao Beija-Flor" — de

Enrico Santos.
(outras sugestões).

- 2) Apanhar borboletas noturnas e diurnas e observá-las (sem

Estudo das plantas

Objetivo especial: — Observar a beleza dos jardins, campos, prados e montes — Guardar sementes para serem plantadas noutra ocasião.

Conhecer as flores mais comuns pelo perfume, pétalas, etc.

No fim do primeiro ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- 1) são sensíveis aos fenômenos e às coisas da natureza;
- 2) têm uma experiência rica com animais e plantas do seu meio;
- 3) conhecem as partes essenciais da planta;
- 4) identificam árvores, flores e frutos mais comuns ao seu meio;
- 4) usam e compreendem os termos relacionados com a experiência, adquirida, como germinação, desenvolvimento atividade, etc.;
- 6) melhoram a maneira de alimentar-se;
- 7) compreendem a necessidade de uma horta em casa;
- 8) conhecem alguns insetos e pássaros mais comuns no lugar e algumas condições de sua vida.

EDUCAÇÃO FÍSICA

A vida atual exige a educação intelectual, moral e cívica do homem, porém, o seu desenvolvimento requer alicerces: — a educação do corpo, a Educação Física.

A Educação Física disciplina os músculos e a vontade, dá ritmo ao esforço e constância nas lutas.

sendo sua obrigação primordial cooperar na formação da raça brasileira, contribuindo para fixar e exaltar os bons predicados

de uma personalidade, pela aquisição de hábitos, habilidades e atitudes recomendáveis ao aumento de resistência orgânica e moral, a Educação Física desempenha o único papel que lhe pode ser atribuído. E é na sua execução que vamos encontrar benéfica influência no âmbito da formação da mentalidade cívica de nosso povo.

Partindo deste princípio, o professor de Educação Física deverá orientar suas lições, os exercícios e as práticas de modo a despertar em seus alunos o sentimento de civismo.

Na ordem de um simples movimento, de marcha ou cadência, de uma ginástica ritmada, podemos descobrir elementos preciosos de disciplina, de domínio da vontade, fatores indispensáveis na conquista de qualidade de real valor cívico.

Aperfeiçoando o corpo e robustecendo-o a juventude crescerá sã e forte, beneficiando não apenas a si mesma, mas sobretudo a Pátria.

É lutando contra a inércia, o sentimentalismo e o servilismo que a criança poderá livrar-se dos obstáculos que se opõem à formação de seu caráter, à sua elevação até o cidadão útil, até o patriota entusiástico. E essa luta só poderá ser iniciada se a criança possui força de vontade, destreza, saúde, vitalidade, qualidades que lhe serão aumentadas e quiçá criadas pela Educação Física consciente, isto é, *continuada, alterada, graduada, sistematizada e atraente*.

O ritmo é aconselhável a qualquer método. Ao compasso e ao som da música, os exercícios físicos despertam maior interesse, porque a música atua, forte e profundamente, em todo o nosso ser, em a nossa alma, em o nosso cérebro.

*

O "Corpo e o espírito devem ser objeto da mesma solicitude, e o ser humano precisa ser desenvolvido integralmente".

Devemos reagir energeticamente e combater as causas do enfraquecimento físico, que provocam o enfraquecimento moral e mental.

A Educação Física bem compreendida não é um meio de se conseguirem massas musculares fortes, vigorosas. É a conservação da saúde, o desenvolvimento harmonioso do corpo, a formação de hábitos e aptidões mentais, que resultem em bem da educação moral e intelectual.

A Educação Física forma o homem de ação, física e moralmente sadio, alegre e resolutivo, cômico do seu valor e das suas responsabilidades, pois torna-o mais corajoso, mais intrépido, mais inteligente, mais sensível, mais forte, mais capaz, mais

hábil, mais veloz, mais dextro, mais ágil e predisposto a resistir às intempéries, às variações dos climas, a suportar os revezes da vida, a vencer dificuldades, a triunfar nos perigos e obstáculos.

Um exame característico das atividades físicas mostrará quão ricas e valiosas elas são e quão importantes se tornam para a moral na escola, treinando caracteres.

*

A Educação Física será corretiva, porque visa assegurar uma boa postura do corpo; porque combate à sedentariedade: porque corrige as constituições franzinas e defeituosas, pela respiração abundante, pelos movimentos coordenados; porque corrige os defeitos físicos adquiridos e minora os que são congêntos; porque corrige, regularizando, as funções fisiológicas, fortalecendo e ampliando o tórax, ativando uniformemente a circulação, facilitando a eliminação residual.

Os exercícios devem ser conduzidos de tal forma que produzam os efeitos que deles se esperam: saudável atividade dos sistemas circulatório, excretório, muscular e nervoso.

A Educação Física será recreativa, porque recreia o espírito, dando o prazer e a alegria, tão necessários à vida como o pão. Para se auferirem dela todos esses benefícios é mister que seja articulada com o ensino das demais disciplinas, com as quais deve formar um conjunto harmônico.

A prática, porém, deve ser orientada de tal modo que não sejam escolhidas atividades inadequadas à constituição dos educandos, evitando abusar-se da possibilidades de cada um, o que acarretará o esgotamento, a fadiga, em prejuízo do desenvolvimento normal do esqueleto, e concorrerá para o desequilíbrio das funções orgânicas. A diminuição da capacidade de estudo, a perda do peso e do apetite, a astenia geral são as conseqüências de abusos, que se devem evitar na escolha e na graduação metódica dos exercícios.

*

Tudo fará o professor para que se evite submeter ao mesmo exercício crianças que nunca foram examinadas, de coração deficiente, de órgãos cujo funcionamento se ignora e portadoras de defeitos físicos. A fadiga não é a mesma para todos: os resultados não são idênticos.

Conhecer, pois, a marcha do desenvolvimento físico e o estado de saúde de seus alunos é indispensável ao professor. Constitui a base em que se poderá firmar e orientar o ensino, para que seja feito racionalmente.

Com esses conhecimentos é que poderá o professor obter o agrupamento homogêneo das crianças para a prática da Educação Física, obedecendo não apenas à idade cronológica e escolar, mas, essencialmente, a tipos morfofisiológicos, diagnosticados previamente pelo exame médico e antropométrico.

O agrupamento homogêneo é executado pela comparação dos dados biométricos de cada aluno com os das escalas avaliadas para esse fim, obtidas por meio de dados estatísticos. Não existindo, entretanto, até agora, entre nós, as referidas escalas, as medições serão feitas inicialmente com o objetivo de colher os dados que futuramente servirão para a organização das escalas.

A classificação por grupos obedecerá à seguinte ordem:

1º grupo — crianças em cujas qualidades morfofisiológicas se agrupam em torno do mínimo normal e do máximo;

2º grupo — crianças cujas qualidades morfofisiológicas se encontram no mínimo da escala. Entre estas se incluem as crianças cuja desproporção entre o peso e a altura é excessiva, demonstrando desnutrição acentuada ou que são portadoras de estado doentio passageiro, não incompatível com a Educação Física;

3º grupo — crianças que apresentam insuficiências notáveis, susceptíveis de correção, mediante exercícios especiais. Este grupo será decomposto em tantos sub-grupos quantos forem as necessidades de exercícios especiais.

Esses três grupos podem ser reunidos em duas turmas básicas:

1.ª — normais — constituídas pelas crianças do 1.º grupo;

2.ª — deficientes — constituídas pelas crianças do 2.º grupo e do 3.º.

Será a maneira mais racional de se adaptarem os trabalhos às necessidades atuais da escola.

Assistência médica — Ao médico, como colaborador que é do professor de Educação Física, sempre se reserva um papel saliente na Escola.

O exame dos alunos, separando-os em grupos de normais e débeis orgânicos, fornecerá meios ao professor de selecionar as crianças de modo que se possa "pedir e dar a elas o que é adequado ao seu desenvolvimento.

O médico indicará os alunos que devam ser excluídos das atividades físicas ordinárias, mostrando deficiências e prescrevendo exercícios especiais apropriados às condições físicas desses alunos.

O método escolar iniciará suas atividades após o começo do ano letivo.

Exame antropométrico — O exame antropométrico determinando o valor físico do examinando, de modo a satisfazer, embo-

ra sumariamente, às necessidades da divisão em turmas homogêneas, fornece dados para a verificação dos resultados da Educação Física.

O exame antropométrico será feito pelo professor, com auxílio da enfermeira escolar, onde houver, limitando-se a um número indispensável de medidas necessárias à classificação do estado físico das crianças, suas deficiências e excessos.

As medidas efetuar-se-ão pelo menos uma vez por ano e no princípio do ano letivo e o confronto entre elas deverá ser feito para que o professor assinale as diferenças de desenvolvimento, no lapso de tempo decorrido, e tenha base segura para avaliar os resultados dos exercícios.

A apuração das medidas será feita com o maior critério, a fim de que não haja prejuízo nos objetivos visados.

Ficha de educação física — Os resultados dos exames serão consignados em ficha iniciada quando a criança começa a sua educação física e a acompanhará, quando se transfigura para outro estabelecimento.

As medidas indispensáveis são:

Estatura

Pêso

Perímetro torácico.

Envergadura (para os alunos do 4º ano).

O material necessário à tomada dessas medidas resume-se no seguinte:

Uma balança

Uma toesa

Uma fita métrica, metálica sempre que possível.

O exame biométrico será feito, em igualdade de condições, quando as crianças estejam em repouso.

Pêso — com o mínimo de vestuário possível. O aluno ficará imóvel no centro do estrado da balança, que deve ter sido cuidadosamente aferida. Registrar-se-á o pêso com precisão até 100 grs., evitando-se tomá-lo depois das refeições principais.

Estatura — Deve ser tomada com o aluno em posição ereta, descansado, de costas para a toesa, tocando a parede com os calcanhares unidos (pontas de pés abertas), com as nádegas e o dorso, a cabeça orientada segundo o plano horizontal. A medida da altura ou estatura pode ser feita por qualquer processo, inclusive por meio de uma fita métrica, em boas condições, esticada e colada convenientemente a uma parede vertical. O antropômetro ou uma toesa constituem os processos de manejo mais aproveitáveis.

Perímetro torácico — Meninos: na altura da base do apêndice xifóide; meninas: sob as axilas. Registrar-se-ão os dados em centímetros. Ter-se-á cuidado para que a fita não fique torcida e es-

teja em perfeita horizontalidade. Tomar-se-ão três medidas: da criança em repouso, inspirando e expirando. Essas medidas devem ser tomadas diretamente sobre a pele.

Elasticidade torácica — Será obtida pela diferença entre as medidas tomadas em inspiração e expiração.

Envergadura — Em pé, de costas para o quadro mural tocando a parede com as nádegas e o dorso: abrir os dois braços horizontalmente, as mãos espalmadas com o dorso voltado para a parede. Medir a distância entre as extremidades dos dedos médios. Registrar em centímetros.

Observações do professor — Na ficha de Educação Física há espaço para as observações do professor, no qual será anotado o que no organismo do aluno houver de extraordinário, não previsto pelo exame biométrico ou clínico.

Por essas observações orientará a correção de hábitos prejudiciais e serão prescritos hábitos de higiene que o aluno deve adquirir.

*

As seguintes regras e preceitos de higiene devem ser observadas pelo professor em relação ao aluno:

Local — As aulas de educação física devem ser, de preferência, dadas ao ar livre.

Em caso de mau tempo, chuva ou sol excessivo, utilizar-se-á o professor de galpões ou pátios cobertos.

Os exercícios, partindo das posições de sentado ou deitado, nunca devem ser praticados em pátios úmidos, empoçados ou cheios de gorgulhos. Devem ser preferidas as áreas gramadas, cimentadas, ladrilhadas ou assoalhadas, rigorosamente limpas. No caso de se dispor das áreas cimentadas ou ladrilhadas, deve-se evitar que as crianças permaneçam longo tempo deitadas.

Não se deve colocar a classe frente para o sol ou para paredes claras.

Horas de trabalho — As horas de trabalho devem ser fixadas de maneira a não perturbar a digestão dos alunos.

Os exercícios físicos, não podendo ser feitos às primeiras horas da manhã ou às últimas da tarde, deverão começar duas horas pelo menos depois das principais refeições e terminar cerca de uma hora antes das mesmas.

Uniforme — Para a prática da Educação Física é necessário que as roupas sejam amplas, não comprimam o tórax, o abdome, o pescoço, as pernas ou os braços. O uso de um uniforme apropriado, de acordo com a estação, é recomendável.

Temperatura e condições climáticas — Levar-se-á na maior consideração a temperatura, ao se organizarem e ao se conduzirem os exercícios.

Terminada a aula, tomar-se-ão os cuidados necessários ao assêio.

Fadiga — O trabalho físico nunca dever ser levado até o esgotamento. Uma fadiga ligeira que desaparece depois de alguns minutos de repouso não deixa traços prejudiciais no organismo; não acontece o mesmo com a estafa que é acompanhada de inapetência e de insônia, lassitude geral e mesmo de febre.

O professor deverá conhecer os sinais gerais e particulares da fadiga a fim de moderar o ardor dos alunos cuja resistência geral pareça um pouco forçada. Evitará adicionar uma fadiga física excessiva ao cansaço intelectual, casos possíveis nos últimos anos do curso primário.

Fará que executem exercícios fáceis, de caráter recreativo, que requeiram um mínimo de despesas nervosas.

A educação física elementar ou pré-pubertária interessa às crianças de 4 a 13 anos, mais ou menos

Neste período, a criança, em pleno crescimento, tem, antes de tudo necessidade de uma saúde vigorosa. A E.F. que ela deve praticar será higiênica e corretiva, com tendência ao desenvolvimento das grandes funções respiratória e circulatória, bem como a articular, e educação do sistema nervoso, sem, contudo, visar desenvolver sistematicamente os músculos.

O ciclo elementar subdivide-se em 4 graus:

1º grau — 4 a 6 anos;

2º grau — 6 a 9 anos;

3º grau — 9 a 11 anos;

4º grau — 11 a 13 anos, sempre, porém, impondo-se a homogeneidade de seus componentes. A E. F. deverá ser objeto de vigilância constante do médico, sempre que se possa obter a colaboração deste. Para a classificação inicial nenhuma prova será exigida, além do exame médico.

JOGOS

O uso dos jogos tem profunda significação no concernente ao indivíduo e à coletividade, através dos seus efeitos de conservação da vitalidade física, moral e social. *Os valores educacionais dos jogos só podem ser apreciados por quem tenha reparado de perto os seus efeitos.* As crianças que são desanimadas, retardadas, indolentes; que observam pouco o que as cercam; que reagem vagarosamente a um estímulo externo; que são numa palavra, lentas

para ver, ouvir, pensar e fazer, podem ser completamente libertadas dessas deficiências, por meio de jogos inteligentemente ministrados. Os interesses naturais de uma criança normal do seu desenvolvimento. Suas próprias forças na sua evolução natural procuram instintivamente elementos do jogo que contribuem para a satisfação das tendências próprias das fases do seu desenvolvimento. Os jogos constituem a forma de ginástica mais apropriada às indicações da vida escolar. *Adaptam-se às aptidões físicas da criança, como às suas necessidades morais.* São, ao mesmo tempo, higiênicos e recreativos. Os jogos, entretanto, não podem constituir, por si sós, um método completo de Educação Física. É necessário que sua ação seja continuada e completada por exercícios cuja técnica, sob o ponto de vista fisiológico e mecânico, influa com efeitos mais intensos e bem determinados sobre as grandes funções e as faculdades motoras. Os jogos devem ser praticados com liberdade, com entusiasmo e com a máxima alegria. Devem ser classificados pelos seus característicos com relação aos interesses da criança nas suas diversas fases de desenvolvimento. Na classificação baseada no interesse, observamos que a ordem dos grupos é a seguinte.

a) *Jogos de personificação* — São aqueles em que a criança se encarna numa personalidade humana, ou num animal, ou cousa, vivendo o papel que representa, apelando para o próprio senso dramático e imaginativo, como, por exemplo: — imitar um rato, um gato, um galo que canta, um gigante um médico, etc. Está ela em período de egocentrismo acentuado, em que, jogando sózinha, é, ao mesmo tempo, causa e efeito isto é, realiza e sente a satisfação do jogo, isolada do próprio ambiente, o qual não se acha relacionado com o cenário por ela idealizado.

b) *Jogos de ataque e defesa, de objetivação direta e concreta* — São jogos que conservam os mesmos característicos da personificação dos precedentes, aumentados com a introdução de um companheiro, e em que o atacante experimenta a emoção de domínio, e o atacado, a de defesa. Exemplos: — “O gato e o rato”, “O caçador e o veado”, etc.

Tanto os primeiros como estes são jogos de pouca duração e que atingem o objetivo rapidamente, envolvendo pouco poder de atenção e resistência física; requerem pouca agilidade e as suas regras são rudimentares. *São jogos que enfraquecem, na criança, a aquisição do interesse pelo contacto com os companheiros.*

a) *predominância da consciência do eu e estimula, pouco a pouco,*
c) *Jogos em grupo* — São jogos constituídos de leis rudimentares (regras) às quais a criança se submete com extraordinária espontaneidade, contribuindo com a sua justiça intuitiva para a boa prática dos mesmos (acôrdos momentâneos).

A criança continua exercitando-se nas tendências descritas nos jogos anteriores, aparecendo *agora novos elementos, capazes de desenvolver as qualidades de associação. Ela atua e sente com a alma do grupo, ensaiando, de tal maneira, o próprio espírito de cooperação, sacrifício, iniciativa própria e sugerida, e de coragem própria ou refletida do grupo.* Tais jogos aparecem no período de transição entre o sentimento egocêntrico e o gregário. Exemplos: — (“Corra seu urso”, “Nunca três”).

d) *Jogos de grupo contra grupo, com participação individual por ordem* — São jogos em que dois lados se opõem, em que cada membro de cada grupo atua um contra o outro, de cada vez. Este grupo é uma progressão do anterior, com os seguintes característicos específicos: *a criança tem atuação própria, porém, controlada pela responsabilidade que assume para com o grupo de que faz parte; desenvolve a acuidade visual; acentua a própria destreza de movimentos; a própria iniciativa; a confiança em si; inicia o espírito de tática para resolver, com rapidez e eficiência, as situações do momento.* Exemplos: *Apanhar o lenço.*

e) *Jogos de grupo contra grupo, com participação coletiva* — São jogos em que todos os jogadores participam ao mesmo tempo de atividades coordenadas. Cada um trabalha de per si, concorrendo para a satisfação das suas emoções, e é, ao mesmo tempo, impellido pela responsabilidade na conquista do ideal coletivo do grupo de que faz parte. Na atuação, o jogador tem que atender não só aos ditames da sua consciência, dirigida pelos estímulos ambientais, como também à influência direta emanada dos companheiros.

As regras já são em si definidas e oferecem aos jogadores situações em que cada um ora as aplica, ora se submete a elas.

Há um treinamento de mútua subordinação entre o sistema nervoso e muscular, manifestada na rapidez quase instantânea entre a formação das imagens nos centros dos sentidos e a sua transformação em ação motora; rapidez essa imposta pelas circunstâncias em que se apresentam os estímulos indicando a ação. Exemplos: — Branco e preto.

f) *Jogos de “team”* — Entraremos agora a tratar dos jogos de “team”, que encerram em si *tódas as leis sociais, na sua mais alta expressão.* Segue-se, até essa fase, passo a passo, a evolução do jogo associada ao desenvolvimento da criança e com os jogos de “team” entra-se em esfera de vasta extensão.

Em vista dos objetivos tão complexos dos jogos “team”, necessário é um preparo prévio do educando, por meio de outros que abram tódas as válvulas de descongestionamento das tendências predominantes em cada fase de sua evolução.

Chegando a esse ponto, nota-se que alguns característicos declinam e outros, igualmente pronunciados, tomam seus lugares. Todos trabalham juntos para um fim comum, imediato — a vitória. *O principal característico dos jogos de “team” é a cooperação de todos.*

Os traços de caráter requeridos e cultivados por um trabalho em “team” são altamente valiosos na vida prática e social.

Essa classe de jogos requer o máximo de força de percepção e habilidade para agir rápida e acertadamente, em uma situação de mudanças bruscas; requer raciocínio e julgamento rápido.

*

A criança, ao entrar na escola, necessita de atividades que sejam uma “compensação” às atividades do lar. É preciso dar-lhe uma ginástica racional, aplicável à idade. Assim, o exercício será conscientemente adaptado. A criança tem fertilidade de imaginação e capacidade de aproveitar o espírito criador na reprodução de cenas reais, que observa a cada passo. O bom educador deve transportar essa situação da vida para a escola, procurando meios de proporcionar à criança situações reais e espontâneas. Deve colocar-se ao nível dos alunos, sempre que possível executando com eles movimentos que a sua imaginação fértil e ingénua sugerem: cantar, correr, saltar, imitar o movimento da locomotiva, o vôo dos pássaros, etc. O método de ensino estará na observação. Assim, a participação ativa do professor será um estimulante e excitará a atividade infantil. A terminologia empregada será ao alcance da criança: — Venham até aqui! Formemos uma roda! Vamos correr! A sopa está quente; vamos esfriá-la! Fiquem à minha frente! Façam como eu! etc.

Observados esses princípios, será organizada a lição, com atividades dentro do plano geral.

As histórias dramatizadas são recursos de que pode usar o professor.

A passagem da ginástica para o 3.º grau se fará sem solução de continuidade, pouco a pouco, desde que a do 2.º grau já não seja suficiente para satisfazer às necessidades crescentes do organismo, aumentando-se para o 4.º grau as dificuldades dos exercícios educativos. Começam aí as aplicações de fraca intensidade.

Lição de Educação Física

Turma do 3.º grau, ciclo elementar

Duração — 25,

Hora —

Local —

Uniforme —

Material —

S. P. — 2/10 da lição (5')

Ev. — Marcha lenta, batendo com os pés

Flexionamentos:

Br. — Elevação horizontal dos braços (diferentes planos);

Pr. — Mão nos quadris — Flexão e extensão das pernas, joelhos afastados.

T. — Afastamento lateral, mãos nos quadris — Inclinação lateral do tronco.

Cmb. — Elevação vertical dos braços, elevação da perna estendida (só um plano).

Ass. — Tocar o sino com um braço e girar a manivela com outro.

Cit. — Afastamento lateral, com elevação dos braços estendidos.

L.P.D., 7/10 da lição (175).

M — Marcha alongada com grande balanceamento dos braços.

T — O tirador d'água (mímico).

S — Saltitar com afastamento lateral das pernas (educativo).

L.T. — O Cântaro ou o pote de manteiga (educativo).

C. — Elevação alternada dos joelhos (educativo).

L. — O moinho de vento (mímico).

A.D. — O boxeador (mímico).

Jogos — O poste humano (T).

Cara e coroa (C).

V.C. 1/10 da lição (2,5).

Marcha lenta com ex. respiratório.

Marcha com canto.

Ex. simples de ordem.

Sessão preparatória

1 — Formações:

Em linha, em uma fileira

Em coluna por um

Em círculo

2 — Evoluções e rodas:

Marcha sem cadência

Marcha normal em diferentes cadências

Rodas:

Ciranda, cirandinha

Na fonte do Tororó

Na ponte do Venâncio

Carneirinho, carneirão

Passa-passa gavião e muitas outras, de acôrdo com o interesse da criança, as tradições locais e sôbre motivos brasileiros.

3 — Flexionamentos:

a) Posições de partida:

Posição fundamental

Mãos nos quadris

Afastamento lateral

b) Flexionamento dos braços:

elevação horizontal dos braços (um plano)

Elevação vertical dos braços (um plano)

Flexão dos antebraços (um plano)

Flexão dos antebraços com extensão dos braços para frente, vertical e lateral.

c) Flexionamento das pernas:

Mãos nos quadris: elevação do joelho, extensão da perna

Mãos nos quadris: elevação da perna estendida (para a frente)

Mãos nos quadris: elevação do joelho (para a frente)

Mãos nos quadris: flexão e extensão das pernas (joelhos afastados).

d) Flexionamentos do tronco:

Afastamento lateral, mãos nos quadris: inclinação lateral do tronco

Afastamento lateral: flexão e extensão do tronco

e) Jogos respiratórios (alguns exemplos)

Cheirar a flor

Apagar a vela

A sopa está quente

O foguete

A sirene

O espirro

Lição própria dita

1) Marchar:

a) Movimentos mímicos:

Marcha do pega ladrão

O papão e o pequeno polegar

O anão e o gigante

O pato

A centopéia

2) Trepar:

a) Movimentos mímicos:

O tirador d'água

O limpador de chaminé

João Grande

O caranguejo

O carrinho de mão

3) Saltar

3) Movimentos mímicos:

O polichinelo

O sapo

O tziu

Atravessar o córrego

Um pé machucado

4) Levantar e transportar:

O carregador d'água

Os cavadores

O serrador

O tocador de sino

Os remadores

5) Correr:

A pêndula

O aeroplano

A revoada de pássaros

O ciclista

O cavalo de circo

6) Lançar:

O malabarista

O moinho de vento

O ceifador

O lançador de boi

7) Ataque e defesa:

Mãos queimadas

O carpinteiro

O boxeador

Rodopio

O pneumático está vazio

Jogos — Dentro do espírito e da organização dos seguintes ex.:

O gato no poleiro

A perseguição aos pernetas

As formiguinhas e sua prêsa

O lobo e os carneiros

A bola ao pote

O maneta é senhor em sua casa

c) Volta à calma

1) Marcha lenta com exercícios respiratórios

2) Marcha com canto ou assobio

3) Exercícios simples de ordem, curtos e variados.

Trabalhos Manuais

INTRODUÇÃO

Os trabalhos Manuais, Modelagem e Desenho têm uma importância pedagógica que nunca é demais encarecer, em virtude da grande soma de valores que apresentam.

São êles, incontestavelmente, instrumentos indispensáveis a fixação de fatos já compreendidos; meios valiosos para a concretização de idéias abstratas; motivos para novos estudos, novas indagações.

Com efeito, a simples construção de uma casinha de madeira ou de papelão permite à criança aprender, verificar, fixar, uma série de noções estudadas, em classe, enquanto desenha, mede, compara e constrói, observa planos inclinados, verticais, linhas, formas geométricas, ou resolve situações imprevisitas, para o que se faz necessária a aquisição de novos conhecimentos.

Se uma noção, ao invés de ser dada ao aluno por informações, exigir que êle a concretize, realizando algo por suas próprias, mãos, esta noção deixará um traço sensível no seu espírito. Incorporação à sua bagagem de experiências e contribuirá para o desenvolvimento de suas capacidades.

Uma vez que são meios tão poderosos de educação, os Trabalhos Manuais e o Desenho não podem ser considerados sobrecarga dos programas. Tão pouco podem ser considerados matéria independente. Como processo de expressão e material intuitivo, a sua grande finalidade é justamente estar ao lado das outras matérias, auxiliando-as, tornando-as mais interessantes e acessíveis à compreensão infantil, concretizando e completando conhecimentos.

Ressaltam daí as questões seguintes:

1) Os Trabalhos Manuais, o Desenho e a Modelagem não constituem uma disciplina a mais no curso primário. Atividades auxiliares da aprendizagem, devem ser correlacionadas às realizações da classe.

2) E' mister que haja perfeito entendimento entre a professora de classe e a professora de trabalhos manuais. Os planos desta se basearão, por força, nos planos daqueles projetos, excursões, dramatizações, etc. Por exemplo, na confecção de mapas, álbuns, quadros, nos trabalhos de marcenaria e nas atividades dos clubes rurais (jardinagem, horta escolar, ensaios de avicultura, apicultura, etc.), cabe à professora de trabalhos manuais atuar junto da professora da classe, colaborando com ela, acompanhando o desenvolvimento de seus planos de aula, aproveitando-se destes para esta representação gráfica ou aquela confecção manual ou concorrendo com uma e outra para ilustração dos estudos que as crianças fazem.

3) Na realização dos trabalhos manuais, como na de quaisquer outros trabalhos, deve aproveitar-se ou estimular-se a iniciativa do aluno, inclusive a de compor o motivo para o bordado, a ilustração, o recorte, a idealização da peça, etc. E mais, o trabalho deve ser tanto quanto possível o produto do esforço infantil — trabalho da inteligência imaginando o que fazer e das mãos realizando o que a inteligência imaginou.

As atividades sugeridas neste programa são baseadas nas prováveis necessidades e possibilidades da escola: jardinagem, horticultura, costura, trabalhos em madeira, fibra, taquara, tábua, arame, argila, etc., tudo isto de grande alcance econômico e, ao mesmo tempo, incentivo ao desenvolvimento das artes populares.

Será de grande vantagem que se organize uma exposição permanente, dos melhores trabalhos manuais, não só para estimular o interesse por estas atividades, como também para tornar sugestivo o ambiente escolar, renovando os mostruários, à medida que outros trabalhos vão sendo concluídos.

O estudo sistematizado da Bandeira Nacional, previsto neste programa, pelos alunos de todos os anos do curso, e a sua confecção no 4.º ano é assunto merecedor de especial carinho das professoras, pois é necessário que a criança conheça desde cedo o símbolo da Pátria, para melhor amá-la.

Trabalhos Manuais com Língua Pátria

1 — Desenhar:

a) livre e espontaneamente, de modo a dar oportunidade à criança para revelar suas experiências, interesses e aptidões;
b) cenas principais de histórias inventadas pelas crianças ou contadas pela professora;

c) idem, idem, de uma dramatização, etc.

2 — Colorir:

a) gravuras relacionadas com a leitura;
b) esboço de cenas referentes a histórias conhecidas da classe;
c) histórias mudas desenhadas por outras classes, etc.

3 — Ilustrar composições. Comentar as ilustrações e submetê-las à crítica construtiva da classe.

4 — Selecionar, recortar e agrupar gravuras, por assunto, em cartazes e envelopes.

5 — Dobrar e recortar as fichas de leitura.

6 — Fazer:

a) envelopes individuais para colecionar o material de leitura;
b) outros trabalhos que sejam reclamados por uma necessi-

dade do aluno ou da classe, tais como: capas em cadernos, copos de emergência, etc.;

c) programas dos auditórios ou festas da classe, etc.

Trabalhos Manuais com Aritmética e Geografia

1 — Desenhar, recortar e modelar objetos para concretizar as noções sobre grandeza, quantidade, forma, etc.

2 — Fazer:

a) relógios para conhecimento das horas (material: cartolina, papelão, madeira, algarismos recortados de folhinhas, de jornais ou desenhados pelos alunos);

b) envelopes individuais para colecionar as fichas sobre os fatos aritméticos em estudo, etc.

3 — Organizar o material da loja escolar:

a) cobrir caixotes com papel ou chita;

b) arranjar prateleiras;

c) dispor os artigos de venda;

d) fazer etiqueta com os preços, etc.

4 — Colorir a bandeira nacional desenhada por outras classes.

Trabalhos Manuais com Ciências Naturais e Higiene

1 — Desenhar:

a) os fatos ou objetos observados em visita às diversas dependências do prédio escolar e ao jardim do mesmo ou em excursões;

b) árvores frutíferas, destacando e colorindo suas partes;

c) os frutos de árvores desenhadas em outras classes — 3.º ano e 4.º.

(Os alunos das classes mais adiantadas fazem os desenhos da árvore).

A professora distribui os desenhos com as crianças e estas, pelos característicos de cada uma, desenharão os frutos, penca de laranjas na laranjeira, cacho de bananas na bananeira, galho de café no caféiro, etc., revelando que reconhecem a árvore e, ao mesmo tempo, sabem representar seus frutos.

(Exercícios semelhantes que favorecem o desenvolvimento da observação, podem ser feitos com hortaliças, flores, etc.).

d) animais domésticos, à escolha do aluno;

e) pássaros, ninhos e ovos;

f) a rua da escola, localizando as casas mais próximas;

g) frisos ou gregas e cartazes, tendo por motivo pássaros, ninhos e árvores, etc.

2 — Recortar os melhores desenhos para serem colados no álbum da classe.

3 — Colorir árvores, frutos, animais, paisagens, etc. esboçados pelos alunos de outras classes (2.º ano, 3.º e 4.º) ou esboçados e mimeografados pelo professor.

4 — Representar certos aspectos da natureza (dias de sol, de vento, de chuva, etc.) por meio de desenhos ou gravuras.

5 — Fazer:

a) álbuns individuais ou coletivos com os melhores trabalhos da classe.

b) sacolas para merenda, guardanapos, lenços, etc.;

c) pequenas casas para abrigo de pássaros, aproveitando caixotes de giz, etc. (Estas casas serão colocados ao ar livre, a fim de que as aves façam aí seus ninhos).

6 — Preparar caixotes para o plantio de flores, hortaliças, etc.

Canto

Considerações

O Canto é uma disciplina rica em valores educativos pela influência que a música exerce no espírito infantil.

Desde a mais tenra idade, sente a criança em seu estado físico ou psíquico os efeitos desta arte maravilhosa, quando uma canção consegue acalmar-lhe os nervos ou trazer-lhe o sono.

A criança não experimenta satisfação apenas em ouvir canções. Gosta, ela própria, de cantá-las, pois que isso lhe proporciona alegria e lhe causa bom humor. Cantar é uma necessidade de seu organismo, assim como falar, rir e brincar. A escola aproveita essa influência da música como agente educativo de incontestável valor.

Finalidades e valores

Os valores educativos do Canto são de natureza cívica, social e estética.

Precioso fator da disciplina e da Educação Moral, pelos sentimentos nobres que desperta e realça, o Canto incentiva o amor à Pátria, unificando todas as almas em torno do mesmo ideal cívico, bem como imortaliza os heróis e os grandes feitos dos nossos antepassados.

Exalta nos corações os sentimentos de fraternidade humana e nivela os indivíduos, não considerando as desigualdades de condições, mas integrando todos os mesmos sentimentos e ideais.

Fortalece a vontade, favorece a memória, descansa o espírito fatigado, trás alegria à vida e entusiasmo à escola.

Considerando em sua finalidade específica, o Canto educa o senso musical e a voz, beneficiando o aparelho respiratório, além de desenvolver o gosto artístico dos escolares.

A finalidade do canto na escola é conseguir a realização dos seus valores, para os quais deve atentar a professora, que mais facilmente executará o seu trabalho se o fizer com entusiasmo, alegria e devotamento, bem como procurando, cada vez mais, aprimorar as qualidades essenciais seguintes: o ritmo firme, senso auditivo, afinação segura, gosto artístico, indispensável cultura musical e pedagógica, além de uma técnica regular de piano para o concurso às comemorações, festividades, marchas, auditórios, etc. A última observação não se estende às escolas onde não haja professora especializada de canto ou às que não possuam piano, sendo o canto, neste caso, lecionado por uma das professoras do estabelecimento que, segundo seus conhecimentos, melhor possa ministrar o ensino.

Condições do aluno

Ao despertar e desenvolver as qualidades do aluno, deve a professora lembrar-se de que o *ritmo*, além de ser o elemento básico da música, é disciplinador por excelência, e de que a voz, embora seja um dom natural, pode ser favorecida pela educação. Entretanto, para que o aparelho de fonação da criança, tão sensível e delicado, não seja prejudicado, é preciso que o educando cante sempre dentro da tessitura das vozes infantis, evite qualquer esforço e não adquira o mau hábito de *cantar gritando* tão desagradável aos ouvidos e prejudicial aos órgãos vocais.

A extensão da voz da criança é bem curta e pouco varia com a idade.

Aos sete anos não passa de uma oitava.

Em cântico, as crianças maiores de 9 ou 10 anos de idade e de vozes mais exercitadas podem atingir esta extensão:

Para bem ajustar as vozes à tonalidade e à extensão é indispensável um instrumento como o piano, o harmônio ou o diapasão.

Em determinada época do crescimento verifica-se uma alteração na voz, geralmente dos 12 aos 14 anos para as meninas e dos 14 aos 16 para os meninos. Devem os educandos, nesse caso, ser afastados da prática do canto, porém, não privados da assistência às aulas, voltando ao exercício da disciplina assim que desapareça o impedimento.

O *ouvido* merece também grande atenção. O aluno mal dotado de senso auditivo não deve ser excluído das aulas, mas sim colocado ao lado do côro, como ouvinte, até que possa fazer parte do mesmo.

As crianças *afônicas*, portadoras de amigdalite ou vegetações adenóides, serão primeiramente tratadas, iniciando depois o aprendizado do canto.

A constante vigilância à *caifasia* (perfeita articulação e pronúncia das palavras) evitará as deturpações freqüentes nas letras dos hinos e canções escolares.

A educação do ritmo e do *ouvido* pode ser auxiliada por meio de marchas, exercícios fáceis de vocalização, jogos musicais em que a criança alia o gesto ao canto ou aos sons onomatopáicos, etc. Os movimentos ritmados concorrem para promover a ordem mental.

Estes processos dão, às vezes, resultados surpreendentes com as crianças que, a princípio, talvez por deficiência mental ou orgânica, bem como por falta de hábito, se apresentavam destituídas dessas qualidades, impossibilitadas de entoar ou acompanhar sequer qualquer música.

Respiração

Não é necessário encarecer a importância da respiração no Canto. Deve ser feita sem a menor preocupação do aluno e ser guiada pelo próprio trecho musical. Um pequeno exercício respiratório precederá sempre à aula, bem como será dado um pouco de vocalização para as classes mais adiantadas. Dos exercícios seguintes, indicados por Vila Lobos, poderão ser dados alguns:

- 1 — Respiração imperceptível em atitude correta e natural.
- 2 — Inspiração pelo nariz e expiração pela boca, em ritmo ternário: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º e no 3.º.
- 3 — Inspiração pelo nariz e expiração pela boca, em ritmo binário, emitindo brandamente a vogal a: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º.
- 4 — O mesmo exercício, mais prolongado, em ritmo ternário.
- 5 — Repetir o mesmo exercício com interrupção repentina da voz.
- 6 — Inspiração pelo nariz e expiração pela boca, ao emitir o *a*, como um suspiro profundo que recebe um *glissando*, em ritmo ternário: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º e no 3.º.
- 7 — Vocalização da mesma nota (com o auxílio do diapasão). Esse exercício denuncia imediatamente os desafiados.

8 — O mesmo exercício em conjunto com tôdas as vogais, em ritmo quaternário, seguindo-se a escala e dentro da tessitura das vozes.

NOTA — Este exercício não precisa ir além do sol na 2.ª linha.

Ambiente

O Canto deve ser ministrado dentro da ordem e da disciplina, mas num ambiente de cordialidade e bem estar. Embora nem sempre disponham os estabelecimentos de local apropriado, este deve ser alegre, claro, ventilado e iluminado, tanto quanto possível, para corresponder às exigências pedagógicas e higiênicas, ambiente esse que dê prazer às crianças.

Em algum lugar da casa (sala de música ou biblioteca, por rudimentos de teoria e manossolfa do curso primário, trabalhos *biográficos* de compositores brasileiros (Carlos Gomes, Francisco Manuel da Silva, Vila Lobos, etc.) feitos pelos alunos das classes mais adiantadas e expostos juntamente com os respectivos retratos, gráficos, discos coloridos, fotografias de compositores célebres, etc., constituindo um "ambiente musical" e sendo uma pequena fonte de cultura e de veneração das crianças pelos grandes músicos.

Horário

Para maior proveito do ensino, as aulas devem ser bissemanais, no mínimo, de 15 a 20 minutos, atendendo assim ao interesse e necessidade de cada classe. Em um dos dias da semana o canto deve ser feito em conjunto para as classes do 1.º ano e do 2.º e para as do 3.º e do 4.º. Se a sala não comportar muitos alunos, pode ser feito separadamente para as classes de um mesmo ano do curso, contanto que, ao menos uma vez por semana, seja feito um canto coletivo.

No horário desse dia, a professora de Canto pode destinar parte do tempo ao trabalho que deve realizar com a professora de Educação Física, no preparo de marchas, bailados, calistenia, etc., prestando o seu concurso em outros dias que se fizer necessário, sem, contudo, prejudicar o ensino da sua disciplina.

Quando as crianças se mostrarem fatigadas por maior esforço mental, deve ser feito em classe, fora do horário, um pouco de canto, bastando cantar baixinho, sem perturbar as outras classes, durante alguns minutos, uma canção já aprendida.

Se as condições do prédio o permitirem, o canto pode ser feito diariamente à entrada das aulas, sendo entoados hinos, canções pa-

tríóticas e outras, acompanhadas ao piano, quando possível. Esta prática, além de habitar as crianças à execução do Canto em conjunto, incentiva o patriotismo e imprime mais alegria aos trabalhos escolares.

Seleção do repertório

O repertório a ser ensinado nos 4 anos do curso exige especial cuidado, não somente na parte relativa à música, mas também à letra, que tanta influência exerce na educação moral e cívica.

A seleção dos hinos e canções deve subordinar-se ao interesse e ao desenvolvimento mental dos alunos, sendo necessário evitar-se a escolha de trechos difíceis para as crianças do 1.º ano ou canções demasiadamente infantis para as mais adiantadas.

O canto do principiante deve ser curto, simples, agradável e sensível, de maneira a bem impressionar-lhe o espírito. Todo o repertório musical visa a educação do sentimento e do gosto artístico. Compete à escola formar uma mentalidade musical que eleve o espírito o eduque o sentimento, e somente a boa música, pura, bela e rica de expressões, pode despertar emoções sadias e exaltar o valor artístico de um povo. Cumpre, portanto, excluir os textos de canções que, destituídos de valor educativo, não se adaptam ao ambiente sadio que a escola deve constituir.

O canto popular, as canções folclóricas, que exprimem com tanta singeleza o sentir de cada região, sensibilizando a alma da criança, concorrem igualmente para a formação do sentimento pátrio. Os hinos e as canções patrióticas, despertando os mais elevados sentimentos de amor à Pátria, exercem prodigiosa influência na educação moral e cívica, principalmente quando relacionadas aos acontecimentos históricos.

As canções de ofício, dignificando o trabalho, concorrem para desenvolver o espírito de cooperação e excluir da escola os complexos e os preconceitos de classe e profissão.

E' Também considerável o valor do canto religioso na escola, quer como fator de educação religiosa e moral, quer como propulsor de desenvolvimento artístico, visto constituir gênero de música bem diferente e especial.

Tendo de ensinar alguma música extra-programa, não deve a professora de Canto esquecer-se de colocá-la dentro da tessitura das vozes infantis, por meio da transposição, sempre que necessário.

Letras dos hinos e canções

Os alunos do 1.º ano, principalmente no 1.º semestre, podem aprender a letra dos hinos e canções por audição, isto é, repetindo

a declamação rítmica das mesmas, feita pela professora. Do 2.º ano em diante podem ser escritas no quadro negro para serem copiadas em cadernos, pelos alunos, e decoradas, a fim de que durante a execução do canto as crianças não desviem a atenção da regência.

Canto por audição

A predisposição do espírito infantil é uma condição indispensável à aprendizagem. Deve, portanto, a professora, motivar a aula, apresentando gravuras, conversando com os alunos em linguagem simples e expressiva. Depois de ler a poesia em voz clara, deve dar a significação dos termos desconhecidos, para que os alunos aprendam o sentido. Em seguida, deve fazer o seguinte:

1.º — Interpretar a poesia com a classe.

2.º — Fazer com os alunos a declamação rítmica, que consiste em recitar os versos segundo o ritmo da música, dando a cada sílaba a duração da figura musical correspondente. Exemplo: Sal (3.º tempo) — ve (4.º) — lin (1.º) — do pen (2.º) — dão (3.º) — da es pe (4.º) — ran (1.º) — ça (2.º) — Sal (3.º) — ve (4.º), etc.

3.º — Tocar a melodia, bem baixinho, ao piano, para ser apenas ouvida.

NOTA — Não sendo possível por falta de piano, pode ser substituída a etapa acima, sem prejuízo para o ensino.

4.º — Cantar a melodia algumas vezes para os alunos, sôzinha e sem piano.

5.º — Cantar com os alunos, sem piano, até conseguir bom resultado.

6.º — Fazer com que as crianças cantem sôzinhas e sem piano, desenvolvendo a educação do ouvido e da atenção, adquirindo hábito de responsabilidade e ganhando confiança em si, requisitos necessários a todos os competentes de um côro.

7.º — Fazer, ao piano o acompanhamento do canto dos alunos, que já devem saber a melodia perfeitamente bem.

Para facilitar a compreensão de certos trechos em que haja dificuldades ou vícios, o uso dos gráficos dá excelentes resultados.

Durante as aulas, a professora deve exigir uma articulação perfeita das palavras, uniformidade e atitude correta, a qual tanto auxilia a boa respiração e a melhor emissão da voz, bem como ensinar cuidadosamente a emitir as vogais *a* e *e*, que não devem soar abertamente. E' indispensável estimular sempre os alunos desatentos ou inativos, para que não deixem de tomar parte na execução. O canto pode ser feito em uníssono ou a duas e mais vozes.

Correlação de matérias

As aulas de Canto podem ser correlacionadas ao ensino das demais matérias do programa, quando necessário e oportuno, concorrendo também para atividades como dramatizações, projetos, comemorações, auditórios, clubes, etc. O estudo dos episódios marcantes da história do Brasil, principalmente, dá ao ensino do canto excelentes motivos.

Teoria musical e manossolfa

No 3.º ano e no 4.º podem ser dados alguns rudimentos de teoria manossolfa. Uma vez por mês, uma das aulas de canto pode ser substituída por esta parte, que deve ser dada na própria sala de aula, podendo o ensino obedecer ao seguinte:

Notas musicais e entoação das mesmas pelo manossolfa (clave de sol, começando pelo dó da 1.ª linha suplementar inferior e terminando no dó do 3.º espaço da pauta, constituindo uma oitava). O solfêjo, indicado pelo movimento da mão, segundo o quadro de manossolfa abaixo, é de grande utilidade para a atenção e a afinação, podendo ser variado à vontade: enunciando o nome das notas com a bôca fechada, pronunciando *nã, nã, nã...* ou *lá, lá, lá, etc.*

Instruções sôbre os horários

1 — O início e o fim das aulas, bem como o recreio, nas escolas que funcionam em dois turnos ou em turno único, devem obedecer ao horário indicado no Regulamento do Ensino:

a) *Aulas: Início* — 7 ou 7,30 e 12 horas ou 12,30 para as escolas que funcionem em 2 turnos; 11 horas, para as de um só turno. *Fim:* 11 ou 11,30 e 16 ou 16,30 para as primeiras e 15,30 para as segundas.

b) *Recreio:* 9,5 às 9,30 ou 14,5 às 14,30 nas escolas de 2 turnos; 13,15 às 13,45, nas escolas de um só turno.

2 — Os professores podem organizar seus horários. Recomenda-se, porém, que considerem o seguinte:

a) o total de horas semanais deve ser respeitado assim:

Para o primeiro ano:

Língua Pátria, compreendendo leitura, escrita, ortografia, linguagem oral e composição — 7 horas e 45 minutos.

Aritmética — 3 horas

Ciências Nat. — Uma hora e 15 minutos

Canto — Uma hora e 15 minutos

Ginástica — Uma hora e 15 minutos.

Trabalhos Manuais e Desenho — Uma hora e 15 minutos.

Período livre, 30 minutos. Demais atividades como chamada — entrada — recreio — saída, etc. — 3 horas e 45 minutos. Total 20 horas.

Para o segundo ano:

Língua Pátria — compreendendo leitura, escrita, ortografia, linguagem oral, composição — 7 horas e 30 minutos

Aritmética — Duas horas e 30 minutos

Ciências Nat. — Uma hora e 15 minutos

Geografia e História — Uma hora e 15 minutos

Canto — Uma hora

Trabalhos Manuais e Desenho — Uma hora

Ginástica — Uma hora e 15 minutos.

Período livre — 30 minutos. Demais atividades como entrada — chamada — recreio — saída, etc. — 3 horas e 45 minutos. Total 20 horas.

Para o 3.º ano e 4.º.

Língua Pátria, compreendendo leitura, escrita, ortografia, linguagem oral, composição e biblioteca — 7 horas e 30 minutos.

Aritmética — 3 horas

Ciências — Uma hora e 15 minutos

Geografia e História — Uma hora e 15 minutos

Ginástica — Uma hora e 15 minutos

Trabalhos Manuais e Desenho — Uma hora

Canto — Uma hora.

Demais atividades: entrada, chamada, recreio, saída, etc. — 3 horas e 45 minutos. Total 20 horas.

b) Antes do recreio, atividades que exijam maior esforço mental dos alunos.

c) A duração de cada aula deve ser regulada pelo interesse da classe.

d) Os períodos livres a professora preencherá com atividades que julgam mais necessárias para atender às deficiências dos alunos ou permitirá que estes trabalhem de acordo com o interesse; por exemplo: alguns em jardinagem; outros, na biblioteca; outros, em trabalhos manuais, etc., contanto que nenhum permaneça inativo.

e) Nas escolas onde não houver biblioteca, as professoras deverão fazer para a classe a leitura de algum livro interessante.

f) São oferecidos, como sugestões, modelos de horários para os 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos. Os horários de língua pátria podem ser alternados com os de outras matérias.